

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - Departamento de Psicologia
Mestrado em Estudos da Subjetividade

Selma Eschenazi do Rosario

BRINCAR DE VIVER

Experimentações entre Winnicott, Deleuze e Guattari

Orientadora: Prof. Dra. Cristina Rauter

Co-orientador: Prof. Dr. Daniel Kupermann

Niterói

2007

Selma Eschenazi do Rosario

BRINCAR DE VIVER

Experimentações entre Winnicott, Deleuze e Guattari

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção título de Mestre em Psicologia.

**Niterói
2007**

Selma Eschenazi do Rosario

BRINCAR DE VIVER

Experimentações entre Winnicott, Deleuze e Guattari.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção título de Mestre. Em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Cristina Rauter

Co-orientador: Prof. Dr. Daniel Kupermann

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. AUTERIVES MACIEL JUNIOR
UFF

PROF. DR. CARLOS AUGUSTO PEIXOTO JUNIOR
PUC-RJ

Niterói
2007

Dedico esses escritos aos meus pacientes queridos, pelas mútuas contribuições que fizemos para o enriquecimento de nossas vidas, através das vivências compartilhadas que experimentamos.

Agradecimentos

A **Fernanda** que me proporciona o exercício da maternagem e que me ensina, muito, sobre a vida.

Ao **William**, companheiro de todos os momentos e de muitas experimentações, pela relação compartilhada com amor.

Aos **meus familiares**, sempre próximos no coração e que souberam compreender a minha ausência nos encontros familiares.

A **Cristina Rauter**, minha orientadora, uma descoberta afetuosa que muito contribuiu para o enriquecimento desse trabalho, com a sua competência, respeito pela liberdade de expressão, espontaneidade e delicadeza.

Ao **Daniel Kupermann**, meu co-orientador e amigo de muitos percursos, pela competência, firmeza na condução intelectual, pela interlocução sensível e convivência amistosa.

Ao **Auterives Maciel**, pela disponibilidade generosa, sua característica marcante, descoberta amistosa que nos conduz, com entusiasmo contagiante, a viagens filosóficas.

Ao **Carlos Augusto Peixoto**, pelas participações nas bancas de qualificação e de defesa, trazendo contribuições enriquecedoras.

Aos **professores** do Mestrado de Psicologia da UFF, esse coletivo fantástico composto por puras expressões diferenciais. Em especial, àqueles com os quais o convívio foi mais próximo, pela generosidade e entusiasmo com que exercem a atividade de ensinar.

A **Regina Camacho**, pela cuidadosa tarefa de revisão do texto.

Aos **meus amigos, sempre os amigos queridos**, com quem venho compartilhando descobertas em trajetórias diversas:

- **amigos, companheiros de percursos na vida**, encontros fortuitos e escolhas do coração.
- **amigos de turma do mestrado 2005**, companheiros de viagem recente, e que entraram, definitivamente, em minha vida.
- **amigos, parceiros winnicottianos, dos encontros das sextas-feiras**, pelo prazer da convivência despojada e calorosa, pelas trocas afetivas e intelectuais.

- *amigos da Formação Freudiana*, pelo incentivo, pelo intercâmbio intelectual e, sobretudo, afetivo.
- *amigos alunos e supervisionandos*, que me oferecem a oportunidade de continuar aprendendo, sempre.
- *amigos dos grupos de filosofia*, companheiros de novas descobertas.
- *amigos do grupo Limiar*, pelas interlocuções promissoras.
- *amigos, companheiros de trabalho* pelas experiências compartilhadas em diversas trajetórias profissionais.

Àqueles amigos, especialmente, aos quais precisei recorrer, em algum momento dessa trajetória pela disponibilização de textos, alguns inéditos; pela interlocução afetiva; pelo empréstimo de livros e artigos; pela leitura dos escritos, o meu reconhecimento pela generosidade e preciosa colaboração.

Resumo:

Brincar de Viver

Experimentações entre Winnicott, Deleuze e Guattari.

O estudo procura ressaltar a importância do ato de brincar, na clínica, pela via da experimentação, que leva à descoberta pessoal, à criação. Um estilo de clínica que privilegia o encontro afetivo entre paciente e terapeuta, como também o papel do sensível e da criação, propiciado pela experimentação.

O objetivo desse trabalho é explorar o tema do brincar e seu uso na clínica psicanalítica, tendo como referência o pensamento de D.W. Winnicott, em conexão com o pensamento de Gilles Deleuze e Felix Guattari. De Winnicott, faremos uso da sua teoria da subjetividade e que serve como paradigma para a prática clínica. O fio condutor é sua concepção sobre o uso do brincar como campo de experimentação na vida e no espaço clínico, procurando explorar variações intensivas que resultem nas conexões investigadas. De Deleuze e Guattari, selecionamos alguns conceitos filosóficos tais como: pensamento rizomático, plano de imanência, devir, e linha de fuga, entre outros como meio de explorar possíveis agenciamentos entre alguns elementos conceituais do pensamento desses pensadores.

Palavras-chaves:

Brincar; clínica; compartilhamento; devir; espaço potencial; experimentação; intervenção terapêutica; subjetividade.

Abstract:

Playing of Living

Experimentations between Winnicott, Deleuze and Guattari

The study aims at underlining the importance of the act of playing, in the clinic, via experimentation, which leads to personal discoveries, the creation. A style of clinic that privileges the affective encounter between the patient and the therapist, the part of the sensitive and the creation, propitiated by the experimentation.

The objective of this dissertation is to explore the theme of playing and its use in the psychoanalytical clinic, having as a reference the thought system of D.W.Winnicott, in connection with the thought systems of Gilles Deleuze and Felix Guattari. From Winnicott, we will make use of his theory on subjectivity, that serves as a paradigm for the clinical practice. The conducting thread is his conception on the use of the playing as a field of experimentations in life and in the clinical space, seeking to explore intensive variations that result in the investigated connections. From Deleuze and Guattari, we selected some philosophical concepts such as: rhizomatic thinking, immanence level, coming-to-be and some escape lines, amongst others, as a way of exploring possible agenciations between some conceptual elements in the thought system of these authors.

Key-words:

Playing; clinic; sharing; come-to-be; potential space; experimentation; therapeutic intervention; subjectivity.

Sumário

Introdução

Inquietações de uma psicanalista à deriva.	11
---	----

Capítulo I

Sobre o pensamento de Winnicott e a criação de conceitos.

1 - Winnicott, um experimentador.	19
2 - O uso dos fenômenos e dos objetos transicionais.	23
3 - O conceito como criação.	27
3.1 - Pensamento arborescente, pensamento rizomático.	27
4 - Sobre os conceitos e o plano de imanência.	34
5 - Por que roubar e usar conceitos?	37

Capítulo II

O espaço para brincar de viver.

1 – Escrever como se brinca	45
2 – O gesto expresso pelo brincar.	46
2.1 - Brincar é experimentar ilusão.	49
2.2 – Brincar é fazer	51
3 – O gesto que acolhe o brincar	55
4. – O espaço para brincar de viver	66
4.1- área de repouso e de contágio	70
4.2 –solidão compartilhada e silêncio	76
4.3 - o espaço potencial e o virtual	79

Capítulo III

Brincar, experimentar, devir.

1 – brincar, experimentar, devir	86
1.1 – o brincar como conquista.	89
2 - brincar e devir	91
2.1 - Uma evolução chamada involução.	99
3 – O jogo do rabisco, uma cartografia.	103
3.1 – o jogo da espátula.	104
3.2 – o jogo do rabisco.	105
4 – O uso que a criança faz do brincar.	112
4.1 – clínica e experimentação	115
5 – O brincar e a vida .	120

Considerações finais	126
-----------------------------	-----

Referências Bibliográficas

1 – Obras citadas	135
2 – Obras consultadas	139

Introdução

Inquietações de uma psicanalista à deriva.

Um indivíduo adquire verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem.

Gilles Deleuze

Inquietações de uma psicanalista à deriva.

Esse trabalho parte da clínica, das inquietações que só a sensibilidade, instigada pela prática cotidiana com crianças, adolescentes e adultos, permite que essas inquietudes possam emergir e ganhar consistência. Inquietações que põem em questão certos procedimentos clínicos que costumam ser apresentados como verdades acabadas. Inquietações que brotam dos desafios impostos pelas limitações de um agir que, um dia, foi revolucionário mas que, na atualidade, muitas vezes é apresentado como modelo a ser seguido. Modelação que acaba por dificultar ou impedir que o trabalho feito por um clínico possa sofrer desvios e se desdobrar em novos rumos, sem que com isso seja preciso rejeitar a tradição.

Trata-se de uma experiência de desestabilização daquilo que é apresentado como uma espécie de ‘porto seguro’ do proceder clínico e que nos faz acreditar que os psicanalistas, ainda que não todos, desaprenderam de brincar, no sentido do termo com que estaremos aqui trabalhando. Eis, então, uma tentativa de acompanhar uma experiência de desterritorialização em que a reterritorialização¹ possa acontecer, não como uma mera mudança de um território a outro, mas como possibilidade criadora.

Trata-se de uma tomada de posição a favor da resistência², de uma resistência que busca preservar o incômodo que precisa demarcar o instigante lugar ocupado por alguém que

¹ O conceito de território e seus desdobramentos usados acima fazem parte daquilo que Deleuze e Guattari chamaram de geofilosofia do pensamento que abordaremos mais à frente e se referem a modos de existência; por ora, estamos nos referindo a movimentos de composição e de decomposição de territórios existenciais que atravessam, também, o campo dos ofícios, das profissões.

² A concepção de resistência, nesse contexto, não se refere ao termo conforme usado no debate psicanalítico, ou seja, como resistência egóica à manifestação desejante. Aqui, essa resistência se refere a uma resistência imanente ao próprio desejo, o que nos leva à afirmação de que estamos falando não de uma resistência ao desejo, mas de um desejo de resistir.

se dispõe a escutar a dor de outrem. Por alguém que deseja manter preservada a crença de que algo sempre pode ser feito pela via da experimentação compartilhada. Uma tomada de posição para que se desmonte a perspectiva de um lugar instituído, apenas como suposto saber, e para que o ocupante desse lugar possa usar a sua experiência como modo de cuidar e de agir no espaço clínico. Alguém que, ao exercer esse tipo de atividade, possa manter vibrante a chama do estranhamento e do encanto. De poder descobrir, sempre, que o que importa é realçar a potência criativa que é inerente à vida.

É desse ponto de vista que procuramos desenvolver a temática escolhida para trilhar o percurso dessa estrada mestranda, em um movimento que se manteve desejante ao longo de uma trajetória profissional que se pautou pela prática clínica e pelo estudo da psicanálise, especialmente aquela desenvolvida por Winnicott.

Percurso que agora se desdobra em uma aproximação da filosofia e tendo como consequência a realização do curso de mestrado, pela afirmação de um desejo algumas vezes adiado - posto no limbo, no sentido winnicottiano do termo - mas, nunca recalcado. Uma experiência do mestrado que escolhe como tema a ser desenvolvido a questão do lúdico, sua função na clínica e na vida, tal como Winnicott a postulou. O brincar como experiência compartilhada que favorece a manifestação criativa, passível de ser manifesta por qualquer vida humana. O brincar que serve como instrumental para um tipo de proceder clínico que privilegia a escuta sensível e a intervenção afetiva, em contraste com a idéia do brincar que costuma ser empregado como instrumento de decifração.

É um trabalho conceitual que procura apresentar o que entendemos por experimentação compartilhada na clínica, fazendo uso de possíveis agenciamentos entre alguns elementos conceituais do pensamento de Winnicott e outros do pensamento de Deleuze e Guattari, a partir das inquietações já expostas. Sendo um encontro do campo psicanalítico com o campo da filosofia, foi preciso delimitar o âmbito da ação investigativa nos termos que descreveremos a seguir.

Do primeiro campo mencionado e, ainda que reconhecendo a importância da tradição psicanalítica inspiradora para o autor que estamos estudando, abordaremos um tipo de psicanálise que foi praticada e teorizada por Winnicott. Mesmo admitindo que existem comparações que seriam pertinentes entre o estilo desse autor e os de outros pensadores da psicanálise, resolvemos delimitar o nosso objeto de estudo, permanecendo com ele nesse percurso, já que não é nossa intenção tecer comparações críticas, a fim de saber com quem está a verdade. Faremos uso de uma psicanálise tal como Winnicott a experimentou e como

gostava de afirmar: ao seu próprio modo. Essa é uma escolha pessoal, embora algumas conexões possam ser feitas durante o percurso dessa travessia. Em termos explícitos, no que se refere à psicanálise, partiremos e ficaremos com Winnicott, sua clínica e sua teoria da subjetividade, tomando, como fio condutor o conceito de brincar tal como ele o utilizou, para criar variações intensivas que resultem em outras conexões com o segundo campo de estudo.

Desse segundo campo, ficaremos com a parte da filosofia contemporânea apresentada por Deleuze e Guattari, trabalhando com alguns conceitos específicos formulados por esses pensadores, aqueles que nos servem para pensar clinicamente com Winnicott e que irão surgindo ao longo da escrita. E por que queremos fazer isso? Qual é o nosso propósito?

É fundamental esclarecer que não se trata de buscar filiações e, muito menos, de provar que Winnicott seria deleuziano ou transformar Deleuze e Guattari em winnicottianos, mesmo porque esses pensadores eram afeitos, não a filiações, mas ao uso de fontes de inspiração como modo de apresentar o seu próprio pensamento sobre determinada temática. O que queremos é dar sustentação ou, talvez, apenas um testemunho – a partir da nossa prática – de que o brincar winnicottiano é ferramenta para a criação de mundos, tanto faz que seja na clínica, na escrita, na vida, etc. e isso modifica o olhar sobre o estatuto do ato de brincar no plano da clínica.

Quando falamos dos conceitos, é porque acreditamos que, com eles, também podemos brincar, não no sentido de desconsiderar o que já foi feito e está consolidado, mas no sentido de experimentar aquilo que Deleuze e Guattari chamaram de devir do conceito, que não é copiar e nem reproduzir, mas extrair de um conceito as derivações que surgem do seu uso, em uma determinada composição. O devir do conceito não transforma o conceito do qual ele se originou, mas admite outras possibilidades de experimentação do mesmo, uma ampliação do seu uso, conforme pensam esses autores quando dizem que é mais interessante pensar a história das idéias pela sua descontinuidade, sem buscar semelhanças ou filiações, uma história que deveria “contentar-se em marcar os limiares que uma idéia atravessa, as viagens que ela faz, que mudam a sua natureza ou seu objeto.” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 15).

Visto por esse prisma, ‘brincar com conceitos’ é abri-los à experimentação e à criação para saber se eles consistem ou não nos agenciamentos engendrados. Desse modo, o nosso propósito é fazer uso de elementos conceituais que possam dar consistência à questão clínica que queremos explorar nesse estudo, que reafirmamos sob a forma de perguntas que objetivam o foco de nosso olhar investigativo como, primordialmente, clínico: O que é o

brincar visto como operador clínico que emerge de uma experimentação que não pode ser tomada como prévia? Como essa idéia de experimentação se viabiliza na prática clínica pela via do compartilhamento? A partir da concepção winnicottiana de objeto transicional e mais especificamente da noção de uso do objeto, o que é “usar o analista”, quando se pensa no brincar como um acontecimento clínico?

Como fluxo a ser percorrido no primeiro capítulo, iniciamos pela apresentação dos autores, como meio de contemplar o estilo de cada um deles, o modo como agiam para expor e defender as suas idéias, para realçar as possíveis correspondências que antevemos nessa conexão. O nosso intuito não é fazer uma comparação entre autores, mas pensar um com o método de outrem, pelo agenciamento de alguns elementos conceituais, oriundos da clínica winnicottiana com o pensamento de Deleuze e Guattari, mistura de caldeirão de bruxa, onde podem surgir, ou não, composições factíveis. Nessa alquimia, partimos da noção winnicottiana de “uso do objeto” - procurando realçar que a importância do termo não está no objeto e sim no “uso da palavra uso” (WINNICOTT, 1994, p. 181) – para fazer um agenciamento com a concepção de conceito como criação, tal como é elaborada por Deleuze e Guattari.

Esse nosso movimento se justifica para expor o método a ser utilizado na feitura da dissertação e já aproveitando a aproximação dessa concepção com a idéia de ‘uso’ proposta por Winnicott. O que pretendemos apresentar é um texto escrito como uma cartografia e explorar a noção de totalidade fragmentária que atravessa qualquer conceito, que provoca a idéia de inacabamento e de apropriação que também caracteriza o que Winnicott denominou fenômeno transicional. Apresentamos essa inflexão como meio de ressaltar a dimensão móvel e criadora de alguns elementos conceituais, conforme as conexões possíveis. O que desejamos é promover encontros, embaralhar as idéias, para traçar esse percurso tal como um rizoma, ao mesmo tempo em que se procura dar consistência ao texto.

No segundo capítulo, procuramos investigar os conceitos de espaço potencial e a sua importância para a temática do brincar. Vamos explorar o assunto a partir de outras importantes formulações winnicottianas que sustentam a sua visão sobre os processos de subjetivação e a importância disso para o tipo de clínica que o mesmo exerceu, como meio de enfatizar o aspecto da experimentação compartilhada, conforme o nosso objetivo. Usando a afirmação winnicottiana de que um bebê sozinho não existe, mas existe ele e alguém, há um encontro, pretendemos trabalhar essa noção pelas idéias de gesto que encontra cuidado ambiental e se faz expressivo.

No terceiro capítulo, o tema brincar é apresentado na visão desenvolvida por Winnicott que mencionava a necessidade de se ter um olhar investigativo especial no próprio plano psicanalítico para se obter uma leitura teórica do tema. Nesse capítulo, ao trabalharmos a questão do brincar, como experiência compartilhada, buscamos as conexões com a filosofia de Deleuze e Guattari, através dos conceitos de linha de fuga e de devir. É nesse contexto que desejamos situar a relevância do brincar como palco privilegiado do encontro afetivo entre terapeuta e paciente que se dá pelo compartilhamento, para a concepção de uma clínica que privilegia o papel do sensível e da criação e que a nosso ver, só é possível pelo plano experimental. Uma abordagem especial será feita sobre o ‘jogo do rabisco’, ferramenta clínica desenvolvida por Winnicott, um meio de pensar como esses elementos conceituais podem servir, operacionalmente, a um tipo de clínica que privilegia o plano da experimentação, do sensível e da criação. E como corolário, desejamos destacar a visão que Winnicott tinha a respeito da experiência cultural e da criação artística.

Nessa nossa trajetória nômade, pretendemos compor uma trama em linguagem que possa ser aceita como pessoal, a partir da problematização proposta que é a do agenciamento da psicanálise winnicottiana com as idéias de Deleuze e Guattari, tomando como paradigma a temática escolhida e a sua importância para a clínica. Um trabalho em que não pretendemos provocar confrontos com a tradição, mas apenas pensar algumas possíveis interferências entre essas leituras distintas, a fim de sabermos se é possível problematizar aquilo que já está posto, dado como pronto e que precisa, de tempos em tempos, sofrer arejamentos.

Também, é importante mencionarmos que, embora esse seja um trabalho conceitual, não desejamos formular o nosso pensamento tomando como referência, apenas, a teoria. Como fonte de inspiração elegemos a experiência empreendida durante o nosso percurso profissional, servimo-nos de exemplos oriundos da prática para apresentar a nossa visão pessoal do que é o brincar na clínica, mas como algo que faz parte da vida, a fim de dar corpo às idéias que estamos defendendo.

Na disposição para discorrerem sobre a obra de um autor, observamos que alguns escritores dedicam-se a organizar aquilo que ele produziu, como tentativa de traçar um fio condutor, indo em busca de uma sistematização do seu pensamento o que é bastante meritório. Porém, é importante esclarecer, que não é esse o caso desse estudo porque o nosso propósito é privilegiar uma outra via buscando, em Winnicott, as brechas que permitam a produção de outras leituras.

Esse é o Winnicott que nos interessa estudar e, naturalmente, sem a pretensão de preencher as linhas de fuga que surgem da sua escrita. O que faremos aqui é menos um recorte da obra desse autor e mais uma tentativa de montar pequenas composições clínico-teóricas, sempre guiadas pelo tema do brincar que já se apresenta a partir dessa escrita.

Capítulo I

Sobre o pensamento de Winnicott e a criação de conceitos

... qualquer avanço no trabalho científico conquista um ponto de (...) chegada numa nova plataforma, a partir da qual se pode sentir uma porção ainda maior do desconhecido.

D. W. Winnicott

1 – Winnicott, um experimentador.

Donald Woods Winnicott foi um psicanalista que experimentou, intensamente, devir-criança³ e foi assim, brincante, mergulhando no jogo compartilhado da experiência clínica que deixou um legado a respeito do tema da criatividade que envolve, para ele, o ato de brincar. Em seus textos, encontram-se referências mais à criatividade inerente ao cotidiano - a capacidade que todo ser humano tem para viver criativamente - do que ao processo de criação artística, modalidades que não se excluem, mas que foram tratadas por ele de forma diversificada. Essa preferência talvez tenha sido em razão do seu interesse estar predominantemente voltado para a expressão criativa, tanto no que se refere à clínica como em todo o modo da existência humana.

Escrevia de modo simples sem ser simplório, experimentando e colocando em prática aquilo que chamou de *viver criativo* (WINNICOTT, 1999, p.23) - um movimento expansivo que denota uma linguagem própria, sendo a expressão daquilo que é apreendido como descoberta pessoal e que se potencializa através de outros gestos que venham ao seu encontro. Em uma carta dirigida a Melanie Klein, em novembro de 1952, reivindicou o direito de poder expressar as suas idéias de um jeito singular. Uma atitude que significava não submeter a sua linguagem pessoal aos termos kleinianos, mas pleiteando acolhimento para o seu modo singular de expressar aquilo que experimentava na prática e apresentava como teoria e

³ Devir-criança é um conceito forjado por Deleuze e Guattari para expressar algo que acontece quando um adulto, por exemplo, experimenta um estado afetivo de infância. Esses autores concebem o devir não como transformação de uma coisa em outra, mas como um acontecimento que surge das forças que se compõem em uma experimentação. Devir-criança nunca é imitar a criança, mas é experimentar estados afetivos que surgem no encontro entre o terapeuta e o seu pequeno paciente, é se deixar afetar pelas intensidades que surgem desse encontro. Para entendermos melhor o que é o devir talvez seja preciso modificar a questão e, em vez de perguntarmos o que é o devir, temos que perguntar então: o que se passa na experimentação e que se compõe como devir? Retornaremos ao conceito de devir no capítulo III.

esperando dela um movimento que viesse ao encontro de seu gesto, ainda que ambos pudessem divergir em idéias:

... o que eu queria [...] era [...] que houvesse algum movimento da sua parte para com o gesto que fiz naquele ensaio. Trata-se de um gesto criativo e não posso estabelecer relacionamento algum através desse gesto se ninguém vier ao seu encontro. (id. 1990, p. 30).

Seus textos denotam estilo peculiar, em linguagem marcada pelo empirismo, pela experimentação e por isso mesmo, escritos inacabados no sentido de possibilitarem aberturas para novos desdobramentos, conforme o trecho destacado na epígrafe que emoldura esse capítulo. Usou e abusou da linguagem paradoxal, que preferia, ao invés da obrigatória explicação lógica para descrever aquilo que observava e experimentava.

Sua obra deixa transparecer uma boa dose de ousadia e liberdade no tratamento que dispensava às formulações psicanalíticas exatamente por causa do interesse instigante despertado por questões oriundas diretamente da clínica. Esse procedimento pode ser entrevisto na descrição de casos clínicos e na disponibilidade demonstrada para aprender com os pacientes que atendia, especialmente com os chamados *casos fronteirios*⁴, geradores de impasses para a prática e a teoria vigentes no meio psicanalítico de então, cujo trabalho era predominantemente voltado para o tratamento de pacientes neuróticos.

Nos escritos sobre essa temática, ele enfatiza a importância da função cuidadora do ambiente, especialmente no início da vida psíquica, quando se busca entender os possíveis motivos deflagradores dos sintomas fronteirios ou psicóticos e que exigem atenção especial quanto ao manejo da transferência no *setting* clínico. Nesses casos limites, não é possível dimensionar os problemas que chegam à clínica pela via do desejo porque, antes disso, trata-se de suprir necessidades ambientais que deixaram de ser fornecidas e que deveriam estar lá, ao alcance do infante. Experiências que foram vividas como privação ou intrusão e reputadas como forças inibidoras do gesto criativo e como tais, produtoras de sintomas. Em sua visão, o sentido do trabalho terapêutico, sem a consideração desses aspectos ambientais, especialmente nesses casos, está fadado ao fracasso. Fracasso atribuído muito mais ao analista

⁴ Winnicott faz o seguinte comentário a respeito desse termo: “Pela expressão ‘caso fronteiro’, quero significar o tipo de caso em que o cerne do distúrbio do paciente é psicótico, mas onde o paciente está de posse de uma organização psiconeurótica suficiente para apresentar uma psicose, ou um distúrbio psicossomático, quando a ansiedade central psicótica ameaça irromper de forma crua”. (1975, p.122).

do que ao paciente, quando o primeiro se mostra incapaz de reconhecer as diferenças entre a intervenção clínica nos casos de neurose e aquela que exige mais manejo cuidadoso do que interpretação.

Esse era o olhar sensível e flexível que Winnicott reivindicava a alguns de seus pares na *British Psych-Analytical Society*⁵. Para ele, o analista que se deixa aprisionar por dogmas corre o risco de gerar uma *linguagem morta*⁶. Qualquer visão doutrinária que tendesse a sacralizar a tradição seria impeditiva, tanto de criação de um estilo próprio no plano da clínica, quanto de produção renovadora no plano teórico. Sobre a matéria, a visão de um contemporâneo seu:

Ele era militantemente avesso a dogmas. Winnicott era não-conformista desde o berço; **nada era estabelecido ou absoluto**. Cada qual deveria buscar e definir a sua própria verdade. **O que havia de estabelecido era o espectro da experiência**. Todas as suas energias foram empregadas na tarefa de encontrar o sentido das realidades da clínica, com as quais se defrontou durante tantos anos. (KHAN, 2000, p. 11-12; grifos nossos).

Essa característica que marca o seu estilo fez com que ele resistisse à apresentação do conjunto de suas idéias como uma obra acabada, como se fosse o fundador de uma escola, preferindo que fossem recebidas como contribuições, embora clamasse, sempre, pelo direito de ter as suas idéias reconhecidas como algo pessoal. Por ocasião das famosas controvérsias realizadas na Sociedade Britânica, entre os seguidores de Melanie Klein e os de Anna Freud, foi um crítico ferrenho da dissociação que enxergava nesse conflito. O seu posicionamento parece ter servido para que fosse “polidamente desdenhado”, conforme, mais uma vez, atestou Khan (ibid, p. 14). Junto com outros colegas, que partilhavam desse ponto de vista crítico, Winnicott fundou o “Middle Group”, também conhecido como “Grupo dos Independentes”, formado por analistas que buscavam afirmar a liberdade necessária à criação de estilos próprios de agir e de pensar.

Clínico dedicado, Winnicott foi, ao mesmo tempo e confessadamente, um descuidado articulador de suas teorias com as de seus colegas antecessores e contemporâneos, a ponto de, na abertura de uma conferência, demonstrar despreocupação com possíveis fontes de pesquisa inspiradoras de suas idéias. Essa atitude traduz uma escolha para apresentar aquilo que

⁵ Sociedade Britânica de Psicanálise.

⁶ cf. a já citada carta escrita para Melanie Klein.

descobria em termos próprios. Ao enunciar uma formulação já existente, considerava que ela precisava ser reinventada em uma linguagem pessoal. Essa tomada de posse, vai aparecer claramente no seu postulado sobre os fenômenos e objetos transicionais, como veremos mais adiante. Eis o seu comentário a respeito:

Não começarei por fazer um levantamento histórico e por mostrar o desenvolvimento de minhas idéias a partir de teorias de outras pessoas porque minha mente não trabalha desse modo. O que faço é juntar isto e aquilo, aqui e acolá, concentrando-me na experiência clínica, formando minhas próprias teorias e, então, depois de tudo, me interesso em descobrir de onde roubei o quê. Talvez seja um método tão bom quanto qualquer outro. (WINNICOTT, 2000, p.269).

Isso quer dizer que, em torno do referencial teórico no qual se baseava, definia-se como caótico, como na ocasião em que Marion Milner⁷ presenciou Winnicott dizer a um estudante: “o que você arrancar de mim, terá que selecionar do caos” (apud GROLNICK, 1993, p. 23). E aqueles que se inspiram no seu modo de proceder compartilham a constatação de que a leitura de sua obra evidencia clareza e consistência, tratando-se, sobretudo, de uma escrita criativa em que predomina a linguagem poética, por exemplo, quando descreve o seu estilo de trabalho: “... meu ofício consiste em ser eu mesmo. Que pedaço de mim mesmo posso dar a vocês, e como posso lhes dar um pedaço sem parecer que perco a totalidade?” (WINNICOTT, 1994, p.42). Afirmação a qual acrescentaríamos a seguinte questão, como se fosse ele a dizer: como posso inspirar possíveis seguidores que compartilham das minhas idéias sem parecer que eu lhes roube a criatividade?

Em um possível reconhecimento das conexões efetuadas entre as suas formulações e as de outrem, mais uma vez refere-se a esse estilo libertário, numa nota de agradecimentos (id. 1982, p.7), ao considerar a impossibilidade de discernir entre aquilo que aprendeu a partir da sua formação profissional e as contribuições teóricas que fez, uma vez que, no seu entendimento, é possível apropriar-se de conceitos, a fim de serem especulados e trabalhados, ainda que se verifique que o que está sendo criado já havia sido descoberto antes. A esse respeito é, ainda, Khan (2000, p. 12) que destaca em Winnicott a primazia do clínico sobre o teórico, definindo-o a partir de sua presença corporal que denotava a afirmação de um modo

⁷ Marion Milner, psicanalista inglesa, contemporânea de Winnicott e sua interlocutora, interessava-se pela aprendizagem e pela arte de forma geral, especialmente dança e artes plásticas, tendo escrito artigos e livros a esse respeito. Sua obra não é muito conhecida e estudada no Brasil. Essas informações foram retiradas de um pequeno trecho escrito por Gilberto Safra, disponível em: www.livrariaresposta.com.br, acessado em 23/4/2007.

pessoal de ser, ao mesmo tempo em que jamais impunha essa presença como fator inibitório ao interagir com outrem.

Comecei, propositalmente por defini-lo por sua presença física, porque não seria possível compreender o seu talento clínico sem primeiro entender que, **nele, a psique e o soma encontravam-se em perpétuo diálogo**, e suas teorias são simplesmente a abstração daquela constante pessoa que era Winnicott, o ser humano e o terapeuta. E, novamente, Winnicott o homem e Winnicott o clínico eram recíprocos um com o outro, formando um bloco único, inteiriço. (grifos nossos).

A partir dessas especulações e do conhecimento da obra de Winnicott, reconhecemos, nele, um estilo que nasce efetivamente da experimentação clínica com especial destaque para as formulações que faz sobre a sua visão teórica de como a subjetividade se produz, irremediavelmente ligada ao tema da criatividade. Essa afirmação nos faz ponderar que, no exercício do pensamento psicanalítico, esse autor usava conceitos como apropriações, em seus devires, geradores de desdobramentos singulares, ampliando não só a compreensão da teoria, bem como os dispositivos técnicos a serviço da prática, ainda que tenha sempre mantido essas inovações circunscritas ao âmbito da psicanálise.

De acordo com essas premissas, faz-se necessário apresentar, inicialmente, o seu enunciado sobre fenômeno transicional, para o desenvolvimento do que estamos propondo, ou seja, a tomada de um conceito em sua dimensão de uso. Para facilitar a compreensão, usaremos a expressão fenômeno transicional ao mencionar ação que envolva a concepção de transicionalidade tal como Winnicott postulou e assim, quando estivermos falando de fenômeno transicional o mesmo se aplicará ao termo objeto transicional.

2 - O uso dos fenômenos e objetos transicionais

Nas observações que fez sobre o comportamento dos bebês, Winnicott percebeu o apego, destes, a determinados objetos. Tal atitude dos bebês evidenciava um investimento incomum sobre os mesmos: brinquedos de pelúcia, uma chupeta especial, a ponta de uma fralda ou cobertor, gestos e palavras, uma cantiga etc. São elementos que se tornam, momentaneamente, indispensáveis e que suplantam o suposto caráter aplacador de ansiedade,

assumindo função relevante na construção do psiquismo e que foram designados como objetos transicionais. É o que ele chama de primeira possessão ‘não-eu’, fenômeno que ocorre numa área intermediária entre a realidade e a fantasia, distinguindo-a do que se reconhece, em psicanálise, como relação objetal⁸. Os fenômenos transicionais possuem variação ilimitada, sendo criações exclusivas que não podem ser impostas. Esses objetos/fenômenos eleitos pelo bebê devem ser acolhidos sem quaisquer questionamentos, imposições ou proibições, pois os sentidos atribuídos a esses fenômenos reportam-se exclusivamente ao infante, não cabendo qualquer interpretação para esses gestos.

O termo objeto transicional destinou-se a conceber significância aos primeiros sinais, no bebê em desenvolvimento, da aceitação de um símbolo. Este precursor de um símbolo é, a um só e ao mesmo tempo, parte do bebê e parte da mãe. Com frequência este símbolo precursor é na realidade um objeto, e a adicção do bebê a esse objeto real é reconhecida e admitida pelos pais. Amiúde, porém, não existe materialização e, então, pode-se descobrir mais tarde que certos fenômenos possuem a mesma importância tais como, por exemplo, olhar, **pensar**, fazer distinção entre cores, exploração de movimentos e sensações corporais, etc. (...) Em condições favoráveis, este objeto gradualmente cede lugar a uma gama de objetos cada vez mais ampla e à totalidade da vida cultural. (WINNICOTT, 1994, p.36, grifo nosso).

Winnicott vai atribuir maior importância ao *uso* que o bebê faz do objeto transicional do que ao objeto em si, por se tratar de uma capacidade psíquica a ser conquistada que (...) “não é o pano nem o ursinho que o bebê usa; não tanto o objeto usado quanto o uso do objeto.” (id, 1975, p.10). Essa afirmação nos faz deduzir que a ênfase da proposta winnicottiana não está nem no termo objeto, nem no termo fenômeno. Não se trata de um fenômeno que ocorre de forma passiva. Quando ele acentua o *usar*, percebemos claramente o aspecto transicional em questão, pois o usar implica um movimento que não é antes e nem depois. O *usar* é o mesmo que experimentar e é nesse sentido que o termo se liga à criação. E assim, no realce que queremos atribuir ao termo *uso*, as idéias de criar conceitos e usar conceitos passam a ter uma correspondência, embora sejam postulados distintos.

Retornando a Winnicott, temos, portanto, a formulação de *uso* do objeto como um processo fundamental na experiência da produção de subjetividade e que envolve o ato de

⁸ Relação de objeto ou objetal é uma expressão usada com muita frequência na psicanálise para designar o modo de relação do indivíduo com o seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasmática dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1986, p. 576).

pensar, ressaltando o paradoxo inerente a esse uso objetal. O paradoxo se refere à possibilidade de se usar um objeto que está lá, posto, sendo apresentado e pronto para ser usado, ao mesmo tempo em que tem que ser criado. Trata-se da capacidade que existe potencialmente para a exploração do mundo e que precisa ser desenvolvida através das experimentações que o bebê faz a partir do seu nascimento. Para que isso aconteça, é importante que a ambiência esteja lá, pronta a fornecer o suporte necessário para a concretização dessas experiências que podem ser variadas, mas necessitam ser repetidas com certa constância. A isso ele denomina “apresentação de objeto”. Essa expressão refere-se “...à introdução de todo o mundo da realidade compartilhada para o bebê e para a criança em crescimento ...sendo que ...no início ...deve ser expressa em termos de apresentação que a mãe faz de si mesma.” (DAVIS; WALLBRIDGE, 1982, p. 119).

Um objeto que é apresentado não para ser meramente reconhecido, mas para ser criado. Essa constância da qual Winnicott nos fala pode ser expressa pela preservação e sustentação de um ambiente cuidador simplificado, ou seja, que não seja complexo em demasia de modo que o infante possa expandir, gradativamente, o alcance de suas experiências. A isso o autor vai caracterizar como o mundo sendo fornecido em pequenas doses. (WINNICOTT, 1982, p.76). O que é importante destacar, aqui, é o estatuto que o termo experimentação ganha nesse processo. Aquilo que é fornecido pela ambiência, vai ser experimentado como criação pessoal, pois se trata de uma experiência de posse, de uma apropriação daquilo que é apresentado e que será percebido como uma invenção. Em Winnicott esse processo de apreensão da experiência recebe o nome de *apercepção*, que faz contraste com o fenômeno da percepção, conforme nos explica Dias (2003, p. 224):

A palavra ‘apercepção’ é usada por Winnicott com o sentido de assimilação de novas experiências e como o oposto de ‘percepção’. Refere-se ao olhar criativo, próprio do mundo subjetivo. Está ligada à palavra ‘criar’, no sentido de ‘trazer existência’, ao fato de alguém ser capaz de continuar a ‘ver tudo como se fosse pela primeira vez’.

A *apercepção* refere-se à possibilidade de olhar e experimentar o mundo como invenção singular, e isso envolve o termo usar. Essa concepção de uso de objeto que o autor reputa como diferente de relação de objeto envolve certa desconstrução do objeto, que, na linguagem winnicottiana, será representada por outro paradoxo, aquele em que a agressividade primária resulta em criação. O que o autor postula como *agressividade*

*primária*⁹ (WINNICOTT, 1995, p.96) é o mesmo que motilidade, sendo vista como o movimento necessário à expressão dos gestos de expansão e criação de universos existenciais. Sobre a distinção mencionada, vejamos o ponto de vista do autor:

Quando falo do uso de um objeto ...tomo a relação de objeto como evidente e acrescento novas características que envolvem a natureza e o comportamento do objeto. Por exemplo, o **objeto, se é que tem de ser usado, deve ser necessariamente real, no sentido de fazer parte da realidade compartilhada, e não um feixe de projeções.** É isso, penso eu, que contribui para estabelecer a grande diferença existente entre relacionar-se e usar. (id, 1975, p. 123-124).

Ao avançar teoricamente com a sua concepção de fenômeno transicional, Winnicott confere consistência ao fator ambiental como elemento constitutivo na produção de subjetividade. Em outros termos, o *uso* implica a apreensão daquilo que se encontra no real em comunhão com o impulso vital e isso se dá pela via da experiência de compartilhamento. O que está em jogo nessa colocação winnicottiana é uma afirmação que desejamos fazer para estabelecer a diferença entre experiência de compartilhamento e experiência intersubjetiva e isso é essencial quando pensamos, por exemplo, na instituição do chamado espaço clínico. Na clínica, a diferença entre a experiência intersubjetiva e a experiência compartilhada reside no fato de que, na experiência intersubjetiva, o que se ressalta é que ela acontece entre dois sujeitos. No compartilhamento não interessa um sujeito aqui e outro ali; isso não é o mais importante. O que importa é a experiência do compartilhamento em si e o que pode surgir nessa experimentação. Desse modo, fazer clínica deixa de ter como objetivo modificar o paciente, porque não se trata de um sujeito com a função de promover mudanças em outro. Seguindo uma outra perspectiva, poderíamos dizer que aquela experimentação feita em compartilhamento é suscetível de provocar novas modalidades de subjetivação, o surgimento de novos horizontes existenciais. E, assim, é possível conceber a experiência compartilhada em um espaço comum aberto a todos, um espaço inclusivo, coletivo, de onde se derivam subjetividade e objetividade.

Em um brevíssimo artigo escrito em 1968, denominado “O uso da palavra uso”, (id, 2000, p.181), Winnicott deixa antever que, quando podemos usar um objeto, é porque adquirimos a capacidade de lidar com esses objetos de modo não idealizado, ou seja, ele não

⁹ Abordaremos com mais detalhes o tema da agressividade primária na retomada da questão do uso, vinculada a questão da clínica e do brincar, no capítulo III.

precisa ser preservado como se fosse um modelo intocável. Mais adiante, no capítulo três, voltaremos a essa questão do *uso* e sua importância para a clínica. Por enquanto, basta afirmarmos a aproximação que queremos fazer dessa noção de uso com a idéia de criação de conceitos conforme pensam Deleuze e Guattari. Aproximação que nos parece ser menos a problematização de uma obra e mais a sustentação da idéia de que é possível brincar com conceitos, no sentido de abri-los à experimentação e à criação. Um procedimento que coloca esses autores em um mesmo plano de pensamento. Autores que lutaram cada um a seu modo e na sua esfera de atuação, contra a sacralização de conceitos.

3 - O conceito como criação.

Vejamos agora o que pensam Deleuze e Guattari a respeito dos conceitos. Pensadores que apresentam a filosofia, não mais como um saber reflexivo em busca da verdade do conhecimento, mas como uma filosofia da criação, produtora de pensamentos originais. Antes disso, faz-se necessário mencionar, sinteticamente, o que entendemos como concepção filosófica do pensamento clássico, apenas para fazer contraponto às formulações defendidas por essa dupla de pensadores que tomaram para si a tarefa de apresentar aquilo que se conhece como a “nova imagem do pensamento”. Nossa intenção visa, apenas, introduzir o pensamento desses autores sobre o que é um conceito filosófico para estabelecer uma conexão com a idéia winnicottiana de transicionalidade, o que significa pensar o conceito em sua dimensão de *uso*. Em outros termos, brincar e usar conceitos para afirmar a originalidade do pensamento winnicottiano como uma metodologia que escapa aos modelos pré-estabelecidos e se inscreve no plano da experimentação.

3.1 - Pensamento arborescente – pensamento rizomático

Na concepção do pensamento representacional, o ato de pensar aparece como atributo de determinado sujeito visando à aquisição de uma verdade concernente a um objeto. Trata-se daquilo que se conhece como a imagem clássica do pensamento e que consiste em fazer do pensador aquele que traduz em uma idéia a imagem dos objetos, havendo sempre uma imagem anterior a ser revelada por aquele que pensa. O sujeito sendo prévio à experiência de

pensar, aquele que reflete e representa e o objeto o que tem uma substância percebida e reconhecida como pensamento. Visto dessa forma, pensar coincide com conhecer e reconhecer. Uma experiência privativa que visa trazer à tona aquilo que seria a essência do objeto, como se houvesse, para esse, uma matriz a ser desvelada e, por fim, representada. O pensamento seria, então, o atributo natural de um sujeito dotado de capacidade para tal e estaria remetido ao interior de alguém que contempla, observa, percebe e reconhece a representação abstrata do objeto. Por se encontrar hierarquizado, é também denominado de pensamento arborescente pois, para se chegar a uma compreensão de determinada matriz, seria preciso um procedimento classificatório funcionando como julgamento por semelhanças e diferenças, num critério reducionista e hierarquizante, a fim de se atingir a tal unidade primordial - matriz representacional.

Nessa modalidade de pensamento, tanto o sujeito quanto o objeto são concebidos como condições à experiência; cada um distinto do outro. Entre sujeito e objeto, o pensamento aparece como representação que, como uma ponte ligaria aquilo que o sujeito percebe ao que é reconhecido como objeto. Essa concepção está na base do pensamento cartesiano que confere ao ser pensante a idéia de que o sujeito está encerrado nele mesmo, podendo estar em interação com os objetos, mas que, dele, não fariam parte. Temos, assim, a imagem clássica do pensamento, modelo que privilegia a representação, operacionalizada através de princípios universais, que se pretendem organizadores da realidade exterior, uma vez que o pensamento concebido dessa forma se dá no plano de uma interioridade.

Considerando as críticas empreendidas ao modelo de pensamento representacional, Deleuze e Guattari apresentam em seus escritos – inicialmente em o “Antiédipo” (1976) e, posteriormente, em “Mil Platôs” (1995), – como quebra desse paradigma filosófico, aquilo que eles postulam como nova imagem do pensamento. A partir de “Mil Platôs”, eles vão apresentar as suas formulações como platôs e sugerem que a leitura dos mesmos possa ser feita de qualquer ponto e não mais como capítulos organizados e em seqüência. Em vez de mera aquisição de saber, convidam o leitor a ler o livro como experimentação, em um agenciamento singular com os textos, sendo esta a própria proposta de pensamento rizomático que enunciam.

Deleuze e Guattari apresentam um antimodelo para o pensamento, aquele que não possui imagem prévia e que irão denominar Rizoma, expressão que importam da botânica, transformando-a em conceito filosófico. Esse modo de pensar é visto como um sistema radicular que se expande mais na superfície, sem que haja pontos determinados de

convergência; as conexões ‘brotando’ de um ponto indefinido a outro qualquer. O que é o *Rizoma*, então, pergunta Maciel Jr. (2006), ao mesmo tempo em que oferece uma resposta:

É um sistema de pensamento que se constrói passo a passo a partir da experimentação, sistema que só se interessa pelos agenciamentos que constituem efeitos de pensamento, onde as conexões não estão devidamente organizadas ou subordinadas a uma organização hierárquica, que despreza a idéia de origem e de finalidade. Sendo possível viver assim, não será isso que produz o novo em nós?

O pensamento rizomático não se propõe a traçar metas, nem a criar padrões hegemônicos. Para os autores, só se começa a pensar, quando se rompe com o senso comum e o bom senso que retira do pensamento a condição de emergir. Só se começa a pensar a partir de um problema. Inevitavelmente, é um pensamento que rompe com as barreiras do modelo da reconhecimento. Pensar é criar, é estar voltado para o novo, a partir de encontros contingenciais, produtores de singularidade. O pensamento é construído a partir da experimentação, ou seja, as condições que possibilitam o pensar emergem da própria experiência, fruto dos encontros, dos acontecimentos. Deleuze e Guattari sintetizam da seguinte forma o pensamento rizomático:

... diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo ... Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.32).

No pensamento sem imagem, repetimos, a ênfase é atribuída à experimentação que surge a partir de encontros contingenciais. Experimentação de onde emergem antiprincípios que desconsideram qualquer modelo padronizado de pensamento que classifica, reconhece e julga a partir de semelhanças e diferenças e que define os objetos pela sua essência. Mesmo sem ser apresentado como um método, ainda assim o pensamento rizomático é descrito como regido por elementos que o caracterizam mais como antiprincípios do que como princípios; sendo eles:

- conexão com abolição do verbo ser, característico das identificações, pois não se trata mais de perguntar ‘o que é isso ou aquilo’, uma vez que a substituição pelo conectivo ‘e’ implica na mudança da interrogação para: o que se passa entre isso e aquilo e mais aquilo outro e mais ...;

- heterogeneidade no lugar de padrão homogêneo e classificação por semelhanças;

- multiplicidade, que não se define pelo número dos termos que a compõem, sendo impossível atingir uma totalidade e nem reduzi-la ao uno, pois a relevância reside no espaço intervalar entre os elementos que a compõem. As multiplicidades sendo absolutamente impessoais operando tão somente por relações de forças, fluxos e intensidades, através de agenciamentos¹⁰;

- ruptura a-significante, as conexões estabelecendo-se em qualquer ponto rizomático, a partir de rupturas e desvios que transbordam em linhas de fuga, elas próprias derivando do rizoma, e que se remetem umas às outras, levando a novas conexões em produções heterogêneas.

O sistema rizomático não se apresenta, então, como um modelo estrutural, já que inexistente eixo genético ou estrutura profunda. A ênfase é para o que acontece em um plano potencial, intervalar, e que possibilita a permanente criação de processos de subjetivação. Na visão desses dois pensadores, a experimentação destaca-se, não como algo inerentemente subjetivo e privado, mas como o plano emergencial da externalidade e dos processos de individuação para cada ser.

Partindo desse novo paradigma criado para a imagem do pensamento, podemos compreender que, para Deleuze e Guattari, filosofia não é aquisição de conhecimento, sendo muito mais do que isso. Filosofia, para eles, é criação de conceitos originais, da mesma forma que a ciência cria funções e a arte cria agregados sensíveis (MACHADO, 1990, p.4). Três modalidades, planos do pensamento distintos, porém, inseparáveis ou imanentes. Ainda que reivindicuem para o plano filosófico a função de criar conceitos, o que esses pensadores valorizam na concepção conceitual é o aspecto conectivo entre domínios heterogêneos do

¹⁰ agenciamento: “noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, ... e que comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária”. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.317).

“... um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo outro de expressão. De um lado ele é *agenciamento maquínico* de corpos, de ações, e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos. ... um agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam e pontas de desterritorialização que o impelem”. (apud. ZOURABICHVILI, 2004, p. 20).

saber que estão em exterioridade com a filosofia, mas que produzem, igualmente, pensamento. Para eles, é justamente no encontro desses planos filosófico, científico e artístico que residem as sementes da criação prestes a brotar nas interferências e ressonâncias produzidas pelas conexões estabelecidas. É possível pensar as sementes da criação para além dos planos filosófico, científico e artístico e considerar que a criação emerge da força dos encontros entre quaisquer elementos que produzem subjetividade.

Sem reivindicarem qualquer primazia de um plano sobre os outros, Deleuze e Guattari fizeram uso das mais diversas articulações com outros pensadores – filósofos, escritores, artistas, cineastas, matemáticos, psicanalistas, etc. - em sua produção conceitual, promovendo o arejamento da compreensão do que significa pensar pela proposição de um novo estilo de pensamento não mais atrelado ao modelo representacional. Fazendo menção especificamente a Deleuze em análise do estilo adotado pelo mesmo, MACHADO (1990, p.5) diz que:

Por um lado, a interferência, a repercussão dos saberes, as ressonâncias entre atividades de criação em que não se pode assinalar prioridade de uns sobre os outros e em que, especialmente, a filosofia não tem pseudoprimeiro nem inferioridade de criação; os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, e é isso que faz com que a filosofia esteja em estado de aliança ativa e interna com outros domínios. Por outro lado, a especificidade dos saberes, no sentido em que cada um responde as suas próprias questões ou procura resolver por sua própria conta e com seus próprios meios um problema semelhante ao colocado por outro.

Dito isto e tomando como referência a diferença entre “pensamento arborescente e pensamento rizomático”, observamos que o conceito pode ser concebido de duas maneiras: como representação, tal como no modelo clássico de pensamento, traduzido como idéia fechada, encerrada em si mesma, com senso já definido e que diz respeito mais à obtenção de saber do que à possibilidade criadora; ou, como algo que surge de uma problematização. Tomando em consideração essa nova imagem do pensamento, percebemos que o conceito só pode emergir a partir de um problema que é aquilo que clama, de modo incessante, pela sua renovação, sendo possível, desse modo, pensar o conceito em sua dimensão criadora.

A sustentação para essa afirmação deleuziana está em *Diálogos* (1998, p.9) ao dizer que as questões precisam ser fabricadas com múltiplos elementos oriundos de diversos planos para surgirem como composições de linhas heterogêneas, mas inseparáveis. Questões que

brotam no espaço intervalar, surpreendendo o pensamento com a afirmação de um problema, pois do contrário não há muito o que dizer.

Isso significa que na perspectiva do pensamento rizomático, qualquer conceito comporta uma multidão, é composto por parcialidades, fragmentos de outros componentes. Seu contorno é dado por corte, cruzamento e superposição, o que vai dar ao mesmo um aspecto irregular. Visto desse modo, o conceito constitui-se como uma totalidade fragmentária, aberto a linhas de fuga, elementos desviantes prestes a operar novos agenciamentos. Assim, é o conceito em sua dimensão disruptiva e impessoal que produz a emergência de questões em busca de novas composições e que surgem da própria experimentação. O conceito, sendo simultaneamente absoluto em sua dimensão de totalidade e relativo na sua dimensão fragmentária. Assim como a concepção winnicottiana de objeto transicional, esses autores pensam o conceito como algo parcial, ou seja, fragmentário e inacabado. Sobre isso, eles dizem:

Os conceitos, como totalidades fragmentárias, não são sequer os pedaços de um quebra-cabeça, pois seus contornos irregulares não se correspondem. Eles formam um muro, mas é um muro de pedras secas e, se tudo é tomado conjuntamente, é por caminhos divergentes. Mesmo as pontes, de um conceito a um outro, são ainda encruzilhadas, ou desvios que não circunscrevem nenhum conjunto discursivo. São pontes moventes. Desse ponto de vista não é errado considerar que a filosofia está em estado de perpétua digressão ou digressividade.(DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 35-36).

Se o conceito está sempre afeito a conexões, é pertinente que apresente aberturas desviantes, justamente para permitir a expansão que o faz derivar em novas criações. Para que um conceito se mantenha ‘vivo’, é preciso que seja móvel, pois estar em movimento não é o mesmo que mudar de um território a outro. Estar em movimento é estar em devir. E se o conceito está sempre em devir, é preciso que apresente uma força intensiva que possibilita a diversificação, ao mesmo tempo em que preserva a sua consistência, justamente quando devém como questão.

Na linha de pensamento que estamos aqui desenvolvendo, o conceito ganha o estatuto de acontecimento. A partir da filosofia dos estóicos, em “Lógica do Sentido”, Deleuze (2003, p. 152) apresenta a noção de acontecimento, pensamento como efeito de superfície. O acontecimento, como o efeito incorporal produzido nos encontros que se dão entre os corpos é postulado em oposição à idéia de que é o sujeito que produz o acontecimento. “... O brilho, o

esplendor do acontecimento é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”. O acontecimento possui, simultaneamente, uma atualidade e uma virtualidade, estado de coisas e posição de devir, características que lhe conferem a plasticidade necessária para desestabilizar qualquer pretensão de ser um enunciado portador de uma verdade absoluta. Se o conceito é acontecimento, não é o conceito que suscita os problemas, mas ao contrário. É da problematização que surge um conceito, expresso pela própria potência criadora, força disruptiva que possibilita o seu desmonte para que novos arranjos se estabeleçam. Dito de outra forma: força disruptiva e consistência como processos que ocorrem simultaneamente.

Como surge de um problema, o conceito pode ser considerado uma ferramenta que contribui para a operacionalização do pensamento constituído a partir de realidade factível, idéia que desconsidera a visão ortodoxa de uma separação entre um psiquismo afeito a uma realidade interna povoada de fantasias e que seria distinta de uma realidade externa. A respeito dessa formulação do conceito como ferramenta para a construção do pensamento, Passos e Barros (2000) postulam:

Não há indiferença no trabalho com os conceitos quando sabemos que são operadores de realidade. Nesse sentido eles nos chegam como ferramentas. Um conceito-ferramenta é aquele que está cheio de força crítica. Ele está, portanto, cheio de força para produzir crise, desestabilizar. (...) Cada conceito se relaciona a um determinado conjunto de forças, ele é parte de um plano onde fluxos diversos se atravessam. O que se pode fazer em relação a um determinado conceito é percorrer suas linhas de constituição, as relações que foi estabelecendo com as variações dos movimentos.

Dessa forma, entendemos que todo pensamento em sua expressão conceitual precisa, então, ser fabricado e, nesse sentido, a ênfase recai na capacidade para criar. Deleuze e Guattari, também, afirmam que todo conceito tem uma história que, no entanto, está sempre prestes a se desdobrar em mundos possíveis. Esses autores parecem se servir do histórico de dado conceito, para com ele trabalhar em outro plano, em um agenciamento da história com a geografia, agenciamento esse que vai se caracterizar como uma geofilosofia, porque o que passa a importar são as cartografias possíveis de serem construídas, à medida que se vai usando tal conceito.

Numa palavra, dizemos de qualquer conceito que ele sempre tem uma história, embora a história se desdobre em ziguezague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes. Num conceito, há, no mais das vezes pedaços ou componentes vindos de outros conceitos que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Não pode ser diferente, já que cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado e recortado. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, pp. 29/30).

4 - Sobre os conceitos e o plano de imanência

Deleuze e Guattari fazem uma distinção entre conceito e plano de imanência, uma vez que não consideram esse último uma conceituação, pois se trata de algo mais abrangente, sendo o plano de imanência imagem do pensamento. Quando dizem que a filosofia tem como função criar conceitos e traçar um plano, isso envolve movimentos e velocidades. Eles vão dizer que o plano de imanência é o horizonte dos acontecimentos e que, em relação aos conceitos, situam-se como o reservatório dos últimos (ibid, p.51). Trata-se de um horizonte absoluto, impessoal, não dependendo de qualquer observador a fixar-lhe um ponto prévio para a observação, sendo um horizonte intensivo que só se remete aos acontecimentos, ao mesmo tempo em que, pelos acontecimentos, sofre derivações. Não há um observador a observar o horizonte; fazemos parte do horizonte, nós o compomos, desde o plano de imanência, em movimentos pendulares, que se dobram e se desdobram tal como as ondas do mar que se repetem e afirmam a sua diferença.

O plano é o que está sempre pelo meio, é o que permite que linhas de fuga e desterritorializações se constituam para comporem novos conceitos, a partir de fragmentações que rompem com qualquer tentativa de totalização. O plano compõe os limiares que existem entre os conceitos e que nunca se encaixam simetricamente. Nessa concepção, só é possível, então, criar estando no plano de imanência a partir, sempre e a cada instante, de sua própria criação. O que queremos enfatizar é que esse plano não pré-existe ao conceito e precisa ser traçado, tal como se abre uma trilha para que se possa caminhar sem que se tenha um destino definido a ser atingido. Uma trilha nomádica, vacilante, errante, pois ... “o plano não consiste num programa, num projeto, num fim ou num meio” (ibid, p.58). Ao utilizarem a imagem de se terem nadadeiras na criação dos conceitos, ao mesmo tempo em que se instaura o plano, esses autores nos levam a dizer que, ao se nadar no oceano infinito do plano de imanência, braços-nadadeiras criam o caminho. Abertura de caminho entre as águas que, imediatamente

após a passagem, recompõem-se como oceano, desfazendo o caminho que só se faz quando trilhado.

O plano de imanência é um plano de superfície, sem que nada esteja por trás, na profundidade e não se trata de algo que se revela por substitutos, porque tudo está posto lado a lado mas, nunca previamente como algo a ser descoberto. O colocar-se lado a lado tem que ser percorrido, sendo conexões alinhavadas pelos acontecimentos e que podem, também, romper novamente com o alinhavo, desdobrando-se em linhas de fuga. O alinhavo, podemos chamá-lo de desejo, cuja costura intensiva poderá dar, ou não, consistência aos encontros, aos acontecimentos. Essa possibilidade de consistência, só sendo possível em meio ao que é vivido, ou seja, em meio a experimentações.

Se o fio condutor da construção da vida e desse plano de imanência chama-se desejo, que se apresenta como intensidade e mola propulsora do processo de produção, operador de criação justamente pelo seu transbordamento, perguntamos, então: o que, fundamentalmente, o desejo produz? O desejo produz agenciamentos em meio a acontecimentos. O desejo produz experimentações, desejo visto como processo de produção. Conforme nos diz Scherer (2002, p.14):

...o desejo conduz, produtivamente, a associações novas, simbioses com seres e coisas, reinos diferentes. Essas passagens em direção ao outro são devires: devir mulher, criança, animal, planta, fundir-se nos elementos ou devir imperceptível ... [e continua] ... devir, desejo, agenciamento são aspectos de uma mesma realidade, tomados em diferentes perspectivas, sob ângulos diversos. O desejo jamais acontece sem um agenciamento. O desejo e seu agenciamento, eis a verdadeira fórmula.

Percebemos que, das categorias de sujeito e objeto, esses pensadores abrem mão para falarem, então, de subjetividades, singularidades, individuações e *hecceidades* – processos de individuação sem sujeito, porque não se trata mais de desvelar um sujeito oculto, transcendente, mas de um sujeito inexistente, sem substância, volátil. Em seus escritos, há desconstrução e dispersão dessas categorias que só podem existir como breves apreensões, territorializações seguidas de desterritorializações. No lugar de sujeito, multiplicidades e diferenças. Essa subjetividade é produzida ...“nos encontros quando os entes são transmutados em ocorrências, retidos numa percepção ou lançados no intensivo” (ABBÊS, 2002, p. 87)

Entendemos que, no pensamento da imanência, não é o sujeito que atravessa a vida, fazendo ou traçando o seu percurso, é a vida que se compõe e se decompõe em modos de subjetivação - os acontecimentos indo ‘ao encontro de’ ou ‘de encontro à’. Eis o plano de imanência em operação, um jogo que se dá na imanência, “... mas na imanência entre uma vida e a vida” (ibid, p. 95).

Na consulta feita a alguns escritos de Deleuze e Guattari e de outros autores que abordaram o assunto¹¹, percebemos que, apesar da inteligibilidade dispensada ao tema e do recurso às imagens descritas, há um escape da apreensão do mesmo. Apreensão que se dá num instante para, logo depois, fugir à compreensão racional e transcendente sobre o que é o plano de imanência. Isso porque, estranhamente, o plano de imanência aparece vivo, presente nos escritos, ao mesmo tempo em que escapole, parecendo estar, o tempo todo, brincando, ‘pregando uma peça’ em escritores e leitores, como se fosse um saci¹². Aquilo que se manifesta, nos textos consultados, parece ter sido produzido no próprio movimento característico da imanência, uma ‘escrita vai-vem’, ziguezagueante, que faz o pensamento configurar-se para, logo depois, evanescer. Uma escrita que se apresenta em um tempo intensivo. Para falar *do* plano de imanência, só estando *no* plano de imanência, sendo essa experiência absolutamente singular, daí a aparente dificuldade de compreensão do termo, porque não existirá, para o plano de imanência, um único entendimento preciso e universal. Há sim, múltiplas compreensões, próximas, postas lado a lado, mas heterogêneas, absolutamente singulares, pensamentos produtores do novo e da diferença.

Assim, é necessário reafirmar que não é possível falar *da* imanência. Só é possível falar *na* imanência, “pegando carona na cauda de um cometa”. Plano de imanência! Fundindo-se a ele, ou seja, estando imanente ao plano, dissolvendo as amarras egóicas, produzindo uma espécie de escrita libertária, de relato nômade, para fazer passar uma vaga idéia do que se quer dizer. A esse respeito, há a linguagem poética, que possibilita a desconstrução, o brincar com as palavras, a criação de termos. Essa é a ferramenta, por excelência, que favorece a tal expressão. A imanência, portanto, diz respeito a acontecimentos, experimentações, só. A imanência, como plano pré-individual, impessoal, indeterminado e não numérico. Plano que diz respeito a múltiplas e infinitas possibilidades de criação. Em seu último escrito, Deleuze radicaliza falando de uma imanência absoluta: “A

¹¹ Conforme bibliografia consultada e utilizada, descrita ao final do trabalho.

¹² Recorremos ao nosso folclore brasileiro que diz que os sacis são conhecidos, popularmente, como entidades fantásticas, com poderes mágicos e que adoram armar ciladas aos humanos.

imanência absoluta está nela mesma: ela não está em qualquer coisa, ela não depende de um objeto e não pertence a um sujeito (...) Diremos da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada mais”. (cf. DELEUZE, 1997-a, p.16)

5 - Por que roubar e usar conceitos?

Retomando nosso argumento na conexão que estamos propondo entre elementos conceituais tão distintos, entendemos que o estilo winnicottiano de exercer a sua capacidade de pensar e criar teoria, sempre fazendo uso de uma enorme liberdade de expressão, o aproxima de Deleuze e Guattari, uma vez que são pensadores que utilizam os paradoxos como instrumentos instigantes a fim de tirarem o máximo proveito dessa estilística para produzirem, em suas respectivas áreas de atuação, conhecimento no plano da vida, plano de imanência, em vez de postulados representativos de um determinado campo de saber.

Na concepção do pensamento filosófico que estamos contemplando, o conceito não pode ter autoria nem identidade, porque ele não é produto de um “eu”, embora tenha um criador. Conforme afirma Deleuze (cf. FOUCAULT, 1979, p.70). em sua conversa com Foucault, quem fala e age é “... sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age” O conceito não emerge de uma instância interiorizada, ao contrário, é produto coletivo e impessoal, que, tomado na sua dimensão de acontecimento, irá propiciar os mais diversos agenciamentos e, nesse sentido, ele está ao alcance de qualquer um que queira usá-lo. Vejamos, também, o que diz Deleuze (cf. DELEUZE E PARNET, 1998, p.15), em *Diálogos*, sobre roubo e captura de conceitos:

... sequer algo que estaria em um, ou alguma coisa que estaria no outro, ainda que houvesse uma troca, uma mistura, mas alguma coisa que está entre os dois, fora dos dois, e que corre em outra direção. Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, e copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a - paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre”.

Não se trata de reivindicar autoria, mas de se deixar contagiar por aquilo que é criação de outrem, devindo ladrão de conceito. Um contágio que pode “... atizar intensidades, uma nomatividade que vai gerando coisas, que deflagra devires” (PASSOS, 2006). Nessa modalidade de pensamento, os conceitos são apropriações momentâneas, a serviço de determinada conexão. Podemos dizer, também, que é preciso desterritorializar um conceito a partir de sua história, para reterritorializá-lo, dar-lhe outras consistências e colocá-lo no mundo, na vida, a fim de que qualquer um possa fazer o mesmo se assim o desejar. Guattari (1992, p.23), também defende essa postura quando menciona que não considera as formulações de seu pensamento como doutrinas científicas, convidando os seus leitores a, livremente, adotarem ou rejeitarem os seus conceitos.

Podemos sintetizar o que estamos enunciando, pela afirmação de que usar o conceito na dimensão aqui descrita é poder pensá-lo, igualmente, na sua *intensão*¹³ transversal-transicional. No sentido winnicottiano do termo, trata-se da possibilidade de brincar com o mesmo, poder transformá-lo em conceito nômade, móvel, para devir em outras criações. O que estamos propondo é a possibilidade de fazer conexão entre o entendimento do que é um conceito para Deleuze e Guattari e a noção de *uso do objeto* proposta por Winnicott, uma vez que **usar** o objeto é tomar posse, apropriar-se, para desmembrá-lo e atribuir-lhe novos rumos, ao mesmo tempo em que permanece preservado em sua composição, mas aberto às derivações.

Trata-se do paradoxo winnicottiano em que a criação devém da destrutividade, mas uma destrutividade que não aniquila, mas somente uma espécie de desmonte em que aquilo que se desmonta apresenta-se como não-integrado, desconectado, diferentemente de um gesto de desintegração. Uma não-integração que se expressa, por exemplo, no prazer que uma criança demonstra ao brincar com uma torre de blocos de armar, quando o derruba inúmeras vezes para depois voltar a erigi-la e, nesse sentido, não se trata de uma atitude defensiva, mas ao contrário, criativa. (WINNICOTT, 1975, p. 90). Na modalidade que estamos apresentando, *usar* o conceito é, então, tomá-lo em sua dimensão de paradoxo, como uma criança faz com um objeto transicional em que o conceito está lá, sendo apresentado como tal, para ser agenciado em diversos planos possíveis, pois se assim não o for, para que serviria, então, um conceito?

Voltamos à nossa pergunta: por que roubar e usar conceitos? Na tentativa de oferecer uma resposta - entre inúmeras possibilidades, já que se trata de uma pergunta introdutória sem

¹³ Usado no sentido de intensidade.

resposta prévia e por isso mesmo aberta a problematização – pensamos que, quando um psicanalista precisa usar conceitos da filosofia para pensar a sua função, sempre é de questões oriundas da clínica que esse desejo se manifesta. Nesse caso, a clínica é o foro de onde as inquietações emergem a partir da experiência vivida, pois os pacientes ‘impõem’ desafios que nenhuma teoria pronta dá conta, plenamente, daquilo que se presentifica no *setting*. Porém, é preciso não esquecer que aquilo que se apresenta na clínica provém da vida; por isso, roubamos conceitos de vários domínios, uma vez que os conceitos da clínica são parte da complexa experiência do viver, que nos chega por aquilo que as pessoas expressam, quando vêm em busca de ajuda.

É da problematização de impasses constatados no cotidiano dos atendimentos clínicos que surge, então, a necessidade da pesquisa que poderá resultar em novas formulações conceituais. Não basta saber bem, difundir e aplicar uma teoria tida como pronta. É preciso muito mais do que isso. É preciso reinventá-la sempre e, nesse sentido, um conceito-ferramenta imbuído de força crítica torna-se indispensável para a realização desta tarefa. Os conceitos vistos como ferramentas para a realização de um trabalho que produz subjetividade, modos singulares de sentir, pensar e agir, tal como um artesão utiliza a sua ferramenta; um escultor, o seu martelo; um pintor, o pincel, a tinta, a espátula, a tela e o mundo. Os conceitos vistos como operadores de realidade, para darem expressão à sua criação. O objeto de nosso interesse é explorar aquilo que, na função do clínico, diz respeito a um agir como artesão e assim, talvez, possamos nos autorizar a falar da experimentação que inerente ao espaço clínico.

Talvez seja essa a consistência que desejamos reivindicar para o trabalho clínico, embora não saibamos exatamente como fazê-lo, até porque não é o caso de se seguir um modelo pronto a ser imitado. Sabemos, porém, que essas inquietações não cabem mais apenas no plano circunscrito pela teoria e pela prática clínica. Daí a necessidade de se recorrer a outros instrumentos, estabelecendo novos agenciamentos, percorrendo outros mares nunca dantes navegados em um percurso que, no entanto, estará sempre retornando à clínica como um *ritornelo*¹⁴.

¹⁴ “O ritornelo vai em direção ao agenciamento territorial, ali se instala ou dali sai. Num sentido genérico, chama-se *ritornelo* todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais (há ritornelos motrizes, gestuais, ópticos, etc.)”. O sentido que queremos ressaltar, quando usamos, nesse contexto, o termo é: “o grande ritornelo ergue-se à medida que nos afastamos de casa, mesmo que seja para ali voltar, uma vez que ninguém nos reconhecerá mais quando voltarmos”. (apud, ZOURABICHVILI, 2004, p.94).

Partir sempre da intensidade, daquilo que surge, não de um sujeito, mas das forças capazes de provocar desdobramentos que permitam a expansão do que pode ser considerado como função de qualquer terapeuta: acolher, cuidar, provocar mudanças, liberar fluxos, etc. Conforme dizem Deleuze e Guattari sobre as profissões: “a profissão, o ofício, a especialidade implicam atividades territorializadas, mas podem também decolar do território, para construir em torno de si, e entre profissões, um novo agenciamento” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.135).

Sendo sempre uma via de mão dupla, a questão é saber se, em determinado agenciamento, é possível haver a problematização gerada pela inquietude instigante. Na verdade, a pergunta a respeito dos conceitos apenas inaugura um espaço para a problematização, que é preciso percorrer na medida de sua própria feitura, tal como vimos anteriormente na menção feita ao plano de imanência. É isso o que estamos nos propondo a fazer.

O que nos instiga é saber se é possível, a partir do ponto de vista que estamos aqui delineando, problematizar determinados enunciados de pensadores que se inscrevem em planos distintos, mas inseparáveis como a psicanálise e a filosofia. Trata-se de considerar que são ligações que ocorrem, segundo a lógica da experimentação, sendo preciso dimensionar questões que resultam desses encontros e saber onde as interferências entre Winnicott, Deleuze e Guattari podem, ou não, ser viáveis. Não é o caso aqui, de se propor um mero cotejamento entre pensadores que militaram em planos tão distintos a fim de se verificar o que de semelhante ou de diferente existe entre eles. É mais do que isso. O que pretendemos é verificar a possibilidade de sustentar as formulações winnicottianas na linha do pensamento rizomático proposto por Deleuze e Guattari, com o intuito de mostrar a sua viabilidade no plano da clínica e para isso a nossa escrita propõe-se a experimentar o pensamento tal como o *Rizoma* e procurando a expressão de uma linguagem pessoal, conforme disse Winnicott.

Mas é preciso lembrar, também, que as conexões aqui apresentadas como problemas não se referem a objetos de estudo estáticos, rigidamente circunscritos por premissas que visam a verdade. O que desejamos é que sejam vistos como encontros com a multiplicidade, pois é essa perspectiva que suscita o nosso interesse questionador, manifesto na proposta transdisciplinar de pensar esses encontros teóricos como acontecimentos e que vão nos fornecer a medida, ou a desmedida, de como é que os conceitos se articulam no plano da experimentação na clínica. Isso porque, em nossa percepção, só é possível pensar a obra de Winnicott, tal como ele mesmo postulou, tomando-a como objeto de estudo em sua extensão

de *uso*, isto é, numa dimensão transicional que viabiliza o apossamento dos termos, para que ganhem novos sentidos singulares, produzindo novas territorializações conceituais. A esse respeito, LINS (1998, p.13) define o *uso* que pode ser feito da teoria nos seguintes termos:

A teoria é também um objeto transicional porque o conceito de objeto transicional deve ser recriado por quem dele se apodera. Sua aplicação à clínica deve fomentar sempre novas teorias e novas práticas psicanalíticas. É o que Winnicott parece pedir e esperar (...) que os analistas brinquem com as teorias.

Um último comentário se faz necessário para definir a linha de trabalho já empreendida desde o início e que pretendemos dar continuidade. Trata-se, aqui, de ir percorrendo um fluxo que aponta mais para uma dimensão estética do que aquela que é determinada por um modelo cientificista. Seguir uma linha de pensamento tal como postula Guattari (1993) em seu livro “As três ecologias”, quando apresenta a concepção de um novo paradigma para a operacionalização de um trabalho conceitual que privilegia a visão ético-estética, para se pensar os processos de subjetivação.

Algo como um plano de composição, à moda dos artistas, em que a assepsia é posta de lado livrando-se das precauções que impedem que os desvios aconteçam. Um impedimento que surge do receio de se distanciar demais dos “paradigmas pseudocientíficos” (ibid, p.18). Para esse pensador, “... no registro das práticas ‘psi’ tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, pois do contrário, os processos se congelam numa mortífera repetição...” (ibid, p. 22), o que nos faz lembrar da tal “linguagem morta” que tanto incomodava Winnicott e à qual nos referimos no início desse capítulo. Guattari, com grande propriedade, faz uma intimação aos seus colegas de atuação profissional, para que retirem “os seus invisíveis aventais brancos que carregam na cabeça” (ibid), e invistam nessa postura mais ético-estética, livrando-se de um “ideal de cientificidade” que, em sua opinião, já está caduco.

Assim, recebemos essas recomendações como um convite provocador para mergulhar na experimentação de uma escrita que pretende privilegiar a movimentação suscitada pelo ir e vir textual, nos agenciamentos engendrados entre os pensadores protagonistas dessa nossa pesquisa, ao mesmo tempo em que pretendemos dar sustentação a esse discurso por uma via mais poética. Poesia que, no nosso entendimento, aparece com fluidez no método rizomático que colocamos em prática nessa dissertação. Surge, daí, a nossa justificativa para o atravessamento textual que fazemos em alguns momentos da escrita, “quebrando” o que seria

o esperado em um encadeamento lógico, ao explicar o que estamos querendo dizer e também quando apresentamos fragmentos de experiências clínicas e de outras que se apresentam na vida. O pretendido é a feitura de um trabalho que procura “tratar a escrita como um fluxo e não como um código” conforme nos diz Deleuze (1992, p. 15), o que significa, para nós, poder dizer algo em nome próprio e para afirmar, junto com esse autor:

... o gosto para cada um dizer coisas simples em nome próprio, de falar por afectos, intensidades, experiências, experimentações (...) em um exercício de despersonalização ... (que) ... se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem. (ibid).

Do mesmo modo, Guattari (1993, p.27) nos instiga a trilhar um percurso que segue essa lógica diferente, mais afetiva e intensiva procurando dimensionar a conceituação proposta a partir de uma prática experimental e partindo daquilo que ela desperta, o que significa percorrer uma trilha nômade. Atitude que está implicada no seu modo de conceber o que chama de ‘ecosofia mental’ e que ‘concerne aos sujeitos humanos (corpos totalizados), mas também aos objetos parciais (psicanálise), aos objetos transicionais (Winnicott) aos objetos institucionais (...) aos rostos, as paisagens, etc.’.

Em termos estritos, entendemos que é preciso retirar os conceitos de suas redomas esterilizadas e sujá-los, contaminá-los em meio a novos agenciamentos. É preciso embaralhar os conceitos promovendo as devidas interferências que surgem dos encontros suscitados no plano da experimentação. É preciso correr certo risco quando se pretende sustentar uma linguagem pessoal a partir daquilo que já foi consolidado. Essa é a escolha que fazemos a fim de experimentar e dar consistência ao que for “descoberto”, inventando novos posicionamentos clínico-teóricos e que envolvem, inevitavelmente, o ato de brincar.

Assim, tomando o devido cuidado para não dogmatizar as abstrações de Winnicott oriundas de sua experiência clínica e para não incorrer no erro de distorcer o seu estilo de pensamento (KHAN, 2000, p.17), o pretendido é dar continuidade à nossa escrita trabalhando com alguns conceitos desses pensadores e que já estamos misturando com as nossas questões e as de comentadores do tema, procurando explorar essas formulações com o propósito especial de provocar encontros entre elementos heterogêneos, a fim de elaborar uma concepção sobre o ato de brincar que implica criação no plano da clínica, em sua radicalidade de processo de experimentação.

Reafirmamos que o nosso desejo não é montar um quebra-cabeças, com peças predefinidas, que se encaixam perfeitamente para formar um todo, mas produzir bricolagens¹⁵ pois assim também entendemos os processos de subjetivação, o trabalho que pode ser realizado por um clínico e também a feitura de uma escrita. Estamos de acordo com Rauter (1998), quando diz que a proposta de fazer bricolagem na escrita e na clínica não significa descartar outros saberes acumulados, mas é poder dirigir às teorias já consolidadas outros olhares, visadas estrangeiras que permitam o seu uso como ferramentas provisórias, sempre prestes a constituírem novas experimentações, conforme a seguinte citação:

Na verdade, para nós a clínica não deve se constituir num corpo estável de conhecimentos – ela é antes uma bricolage. A vantagem que vemos nesta instabilidade é que possibilita a experimentação constante e impede a generalização de procedimentos singulares.

O que queremos dizer com isso é que as questões precisam formar-se como composições, elementos que conectam e se desconectam com os desdobramentos necessários para que se configurem como problemas e não como pensamentos que estejam ligados à astúcia. E para que seja assim, é preciso suportar que essas questões se configurem pela apropriação de múltiplos componentes (clínicos, conceituais, experimentais, poéticos, etc.) provenientes de qualquer lugar da vida, conforme já estamos fazendo desde o início de nossa escrita. Passemos então a falar do conceito de brincar tal como Winnicott o postula e a sua íntima ligação com o tema da criatividade e da experimentação.

¹⁵ Conforme referência feita por Deleuze e Guattari à definição de *bricolage* proposta por Lévi-Strauss e da qual esses autores se apropriam para explicar, no “Anti-Édipo”, a noção de desejo como uma questão de fluxo, corte e produção: “Quando Lévi-Strauss define o bricolage, ele propõe um conjunto de características bem ligadas: a posse de um estoque ou de um código múltiplo, heteróclito e, apesar disso, limitado; a capacidade de introduzir os fragmentos em fragmentações sempre novas, do que decorre uma indiferença entre o produzir e o produto, do conjunto instrumental e do conjunto a realizar. (...) a regra de produzir sempre o produzir, de enxertar o produzir sobre o produto é a característica das máquinas desejanças ou da produção primária: produção de produção. [Claude Lévi-Strauss, *La Pensée sauvage*, Plon, 1962, pp.26 e seg.]” (1976, p. 22), (apud RAUTER, 1998).

Capítulo II

O espaço para brincar de viver.

Em algum lugar do esquema de coisas pode haver espaço para que alguém viva criativamente. Isso envolve preservar algo de pessoal, talvez algo de secreto, que é inconfundivelmente você mesmo. Tente respirar pelo menos – é algo que ninguém pode fazer por você.

D. W. Winnicott

1 – Escrever como se brinca.

A partir da nossa narrativa anterior, é inegável a percepção de que Winnicott produzia teoria do mesmo modo que uma criança faz uso do brincar, ou seja, experimentando modos de viver e de estar no mundo. O brincar e a poesia como elementos indissociáveis de um estilo de trabalho que implica fazer mais prática psicanalítica teorizada do que teoria psicanalítica praticada (Lannes, 2005). O estilo winnicottiano não está, certamente, isento de possíveis questionamentos, mas, conforme disse Green (1986, p. 290), esse é um pensamento que "... reflete, sobretudo, antes um experimentar abundantemente vívido que uma esquematização erudita..." E isso faz toda a diferença quando se quer pensar o ato de brincar pela via da experimentação. A menção a esse modo de produção é pertinente porque Winnicott, conforme já mencionamos, partia do caos, o que significa que procedia a partir da experimentação clínica. Essa dimensão estética pode ser vista como um modo de construir formulações onde o movimento de ir e vir é aquilo que fornece, simultaneamente, a densidade e a fluidez necessárias ao alcance do que se quer comunicar.

Nesse capítulo, as principais articulações serão feitas entre os próprios conceitos do autor procurando ressaltar a sua teoria numa concepção mais estética¹⁶ e deixando para trás uma via desenvolvimentista, que é o modo como ele costuma ser reconhecido e apresentado. Sabemos da possibilidade de interpretar a teoria de um autor de vários modos e o que desperta o nosso interesse é poder estabelecer uma leitura distinta desse modelo convencional. Para isso, iremos apresentar as idéias que Winnicott desenvolveu sobre a importância do brincar como se fosse um arranjo e não como conceitos que se sucedem hierarquicamente. Fazem parte desse arranjo, as suas formulações conceituais sobre gesto

¹⁶ Compartilhamos essa visão com comentadores de Winnicott, por exemplo, Gondar (2005), Kupermann (2005), Lannes (2005), Luz (1989) e Safra (1999), entre outros.

espontâneo, ilusão, não-integração, fenômenos transicionais, cuidado ambiental, solidão compartilhada e espaço potencial, formulações que iremos, aqui, privilegiar. Em termos mais explícitos, neste capítulo nós nos ocuparemos de elucidar alguns elementos conceituais da teoria de Winnicott e que nos servirão para fazer agenciamentos com os conceitos de Deleuze e Guattari no capítulo seguinte, muito embora alguma conexão já possa ser feita nessa leitura que estamos propondo.

O Winnicott que desejamos ressaltar é um experimentador; alguém que entende produção de subjetividade como processo de criação permanente e – ousamos dizer - que concebe o nascimento psíquico do bebê em um plano de imanência, quando afirma que um bebê, sozinho, não existe porque há um *e* entre ele e o mundo, uma concepção que privilegia a relação do bebê com o ambiente como um encontro. Partimos, então, dessa psicanálise experimentada por Winnicott, para a feitura de um texto que já toma o próprio tema do brincar como fio condutor, procurando dar um tom lúdico a nossa escrita. Escrever como se brinca com palavras, fazendo uma espécie de “jogo do rabisco”¹⁷, uma espécie de miscelânea, compilação de textos heterogêneos como se fosse uma pintura com os dedos, conforme as crianças adoram fazer, misturando tintas para descobrir novas composições de cores e texturas.

2 - O gesto expresso pelo brincar

Ao ser convidado para falar a respeito do gesto criativo, Winnicott (1967, p.25) iniciou dizendo que poderia ir ao dicionário buscar as melhores definições que caracterizassem a distinção entre viver criativo e criação artística. Se assim o fizesse, teria o sentimento de deixar de ser criativo. Assim, preferia aventurar-se a falar sobre o assunto como se tivesse partindo do nada, embora soubesse que a definição poderia estar lá, para ser prontamente encontrada nas enciclopédias, já evidenciando o axioma de que não se cria do nada, mas com base na tradição. Em outra ocasião, ao descrever a importância da experiência cultural, com ênfase para o termo experiência, lançou um questionamento aos seus pares, sobre um tema que considerava não ter sido, até então, tratado com a devida relevância: “temos que enfrentar

¹⁷ O ‘jogo do rabisco’ é um jogo sem regras, um instrumento criado por Winnicott para facilitar a sua comunicação com as crianças, nas primeiras entrevistas. No capítulo III, abordaremos mais detalhadamente esse assunto.

a questão de saber sobre o que versa a vida (...) pois a ausência de doença psiconeurótica pode ser saúde, mas não é vida” (id. 1975, p 137-8). Sobre o que versa a vida, então? Podemos tentar responder, ao menos parcialmente, com as próprias idéias daquele que levantou a questão.

Em sua concepção um traço constitutivo da subjetividade é o ímpeto criador ao qual se referia, também, como gesto espontâneo, manifesto na exploração do mundo e que vai gerando autoconfiança na mesma medida da aceitação ambiental. Assim, é possível a aquisição de uma visão singular de si e do meio, aquilo que o autor chama de criatividade primária e que faz com que toda descoberta seja empreendida como inovadora. Esse gesto, como expressão de potência, dirigido para a vida e produzido a partir do encontro bebê-ambiente, é experimentado, inicialmente, como onipotência e se converte em manifestação criativa com a entrada em cena dos fenômenos e objetos transicionais. Winnicott (1982, p.56) fala em “breve experiência de onipotência”, ressaltando a sua característica experimental que não é o mesmo que sentimento de onipotência, já que este está referido apenas ao plano da fantasia. A onipotência experimentada como sendo aquela que se estende para abranger objetos no meio ambiente imediato e envolve corpo e psique, aquilo que Winnicott chamou de psicossoma, assim mesmo, sem dissociar o corpo do psiquismo.

Winnicott vai dizer que há uma transição que acontece quando o bebê experimenta o “controle onipotente dos objetos externos”. Transição essa que promove o gradativo abandono desse controle até que “se chegue ao reconhecimento de que existem fenômenos que se acham fora de nosso controle pessoal”. Esse é o momento da posse, momento em que o bebê se capacita para reconhecer o paradoxo da distinção do que é inseparável. Em outros termos, reconhecer que o objeto é distinto e simultaneamente indissociável do *self*. O fenômeno transicional e o brincar fazem parte desse processo. Nesse novo arranjo, Winnicott (1994, p. 45) diz: “O objeto transicional que faz parte tanto do bebê quanto da mãe adquire uma nova condição a que damos o nome de *posse*”. O bebê vai acumulando experiência e isso faz com que ele se capacite para lidar com a ilusão que era, inicialmente, delírio e passa a ser meio de criação. Ou seja, aquilo que poderia ser somente devaneio, é, também, ação. Na leitura que estamos fazendo, a experiência de onipotência que tem início a cada gesto espontâneo só é possível porque o bebê, ao chegar ao mundo, já está entrelaçado ao plano do universo, sendo, justamente, nos encontros do bebê com a ambiência que se viabilizam modos de individuação que irão distingui-lo, mas não separá-lo do universo. A seguinte afirmação nos fornece a medida do pensamento winnicottiano a esse respeito:

... A partir desta experiência de onipotência inicial o bebê torna-se capaz de poder experimentar a frustração e até mesmo de um dia chegar ao outro extremo da onipotência, ou seja, de adquirir um sentimento de ser uma gota d'água no oceano, **um oceano que já existia antes mesmo dele ser concebido** .(id, 1994, p. 90 – grifo nosso).

O que é, então, o gesto espontâneo? É o movimento da criança em direção à exploração do mundo, que está lá para ser descoberto, paradoxalmente, como criação singular. Em outras palavras, não se descobre o mundo, cria-se através do gesto que constrói a partir da tradição. Para Winnicott, o ato de brincar é indissociável da espontaneidade e ele insiste nisso ao discriminar o jogo articulado e com regras (game) do brincar intuitivo (*playing*), uma vez que, nessa última modalidade, as regras e metas desaparecem ou deixam de ter importância. É nesse sentido que o autor elege o brincar como paradigma dos processos de criação. É por meio do gesto espontâneo que a criança coloca em prática a sua criatividade.

Embora essa espontaneidade possa sugerir uma condição natural, sabemos que não é disso que se trata, pois seria preciso admitir uma naturalidade que se encontra atravessada pelos diversos elementos que compõem o que chamamos de cultura. A espontaneidade da qual falamos é, na visão do autor, a condição para que se viabilizem modos de existência como um estilo próprio de ser e estar no mundo. Assim sendo, ela não é dada previamente, pois se trata de algo que vai ganhando consistência à medida que o gesto é experimentado e aceito como ação singular. Algo intrínseco à própria experiência da descoberta, simples ato de criação. O que queremos dizer é que nascemos com a possibilidade criar, conforme as experiências engendradas em meio ao ambiente, gerando referências próprias. Entendemos que essa capacidade não é ofertada prontamente, precisando ser construída e trilhada, por meio de experimentações mútuas, engendradas entre bebê e ambiência. As condições ambientais estando aliadas ao potencial e permitindo a emergência do gesto criativo apesar das adversidades sofridas, as quais nenhum de nós escapa. Assim, o sentido da vida está em vivê-la na intensidade produzida pela composição do ambiente com o gesto espontâneo, mas quando o padrão ambiental deixa de fornecer cuidado ou domina a cena, induzindo à adaptação e não aceitando o gesto como criador, este passa a ser submisso ou reativo. O que é importante destacar é que essa espontaneidade produzida e afirmada pela própria experimentação não parte de um sujeito, mas emerge nos encontros e assim, temos um outro paradoxo, o da espontaneidade que precisa ser criada, sendo isso que fornece consistência ao gesto. Trata-se da possibilidade de experimentar o mundo sem que determinadas interferências ambientais inibam esses gestos, impondo um padrão de subjetivação. Falamos

de uma espontaneidade manifesta pelas experimentações onipotentes da criança, uma experiência ilusória que a faz criar o mundo em vez de descobri-lo, apenas.

2.1 - Brincar é experimentar ilusão.

A positividade que o autor confere ao termo ilusão retirando-lhe a sua face enganosa diz respeito ao valor da experimentação. A ilusão é importante atividade psíquica, pois operacionaliza modos de subjetivação e vincula a experiência de onipotência à criatividade primária, algo bem diferente do pensamento mágico. Não se trata de um estado passivo, mas da experimentação necessária que inclui vivências de ilusão e desilusão que vão criando e ampliando um espaço para agir e pensar, reconhecidos, gradualmente como realidades internas e externas. No processo gradativo de descoberta e criação do mundo, a onipotência passa a ser relativa e não mais absoluta, exatamente pela mediação entre o subjetivo e a objetividade.

Se, por um lado, essa descrição pode sugerir que são etapas que se sucedem, é preciso esclarecer que, aqui, suceder não é o mesmo que ultrapassar, mas é estar lado a lado num movimento de ampliação gradual do âmbito de interesses (id. 1975, p.17), processo que queremos pensar, também, como instauração de territórios na vida, tomada de posse no mundo. Essa idéia de instauração de territórios é um agenciamento que estamos fazendo entre os modos de pensar a produção subjetividade propostos por Winnicott, Deleuze e Guattari. Assim, é necessário situar, brevemente, o que esses últimos postulam como processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. No apêndice publicado em “Cartografias do Desejo”, Guattari (cf. GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 31) apresenta uma espécie de verbete que nos dá a medida concisa dessas expressões e que nos servem como orientação para o uso que faremos, em alguns momentos, dessas expressões:

...os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar (...) toda uma espécie de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir.

(...) a reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante.

Retomando o nosso percurso sobre o que entendemos a respeito de produção de subjetividade no agenciamento dessas duas concepções, o tom que estamos imprimindo é o de um processo constante que não é de transformação como amadurecimento, mas de um psiquismo em expansão em que essas posições situam-se em contigüidade como platôs, conforme Deleuze e Guattari preferiam denominar esses estratos. Talvez, possamos usar a imagem em que planos se sucedem implicando a feitura de uma cartografia que estamos aproximando da terminologia winnicottiana, denominada linha de continuidade da existência, construída a partir da própria trilha percorrida. Uma linha que deve ser entendida, na leitura que estamos fazendo como aquilo que flui. Fluxos que dizem respeito menos a um ser substancial e mais a um 'seguir sendo' (LANNES, 2005), um fazer e desfazer caminhos. Imagem que reconhecemos nas idéias desses pensadores e queremos exemplificar com a seguinte poesia que traduz muito bem, aquilo que estamos querendo dizer com a expressão "seguir sendo":

Cântico negro¹⁸

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
estendendo-me os braços, e seguros
de que seria bom que eu os ouvisse
quando me dizem: "vem por aqui!"
Eu olho-os com olhos lassos,
(há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
e cruzo os braços,
e nunca vou por ali...
A minha glória é esta:
criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém.
— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
com que rasguei o ventre à minha mãe
não, não vou por aí! Só vou por onde
me levam meus próprios passos...
se ao que busco saber nenhum de vós responde
por que me repetis: "vem por aqui!"?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
redemoinhar aos ventos,

¹⁸ Essa é uma poesia de autoria de José Régio, pseudônimo literário do poeta português José Maria dos Reis Pereira, que nasceu em 1901 e morreu em 1969. Licenciado em Letras em Coimbra, foi um dos fundadores da revista *Presença*, sendo um dos mais importantes poetas do chamado 'Segundo Modernismo Português' (disponível em: www.culturabrasil.pro.br, acessado em 29/4/2007).

como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
a ir por aí...
Se vim ao mundo, foi
só para desflorar florestas virgens,
e desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.
Como, pois, sereis vós
que me dareis impulsos, ferramentas e coragem
para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
e vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
amo os abismos, as torrentes, os desertos...
Ide! Tendes estradas,
tendes jardins, tendes canteiros,
tendes pátria, tendes tetos,
e tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha Loucura !
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
e sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...
Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
mas eu, que nunca principio nem acabo,
nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
ninguém me peça definições!
ninguém me diga: "vem por aqui"!
A minha vida é um vendaval que se soltou,
é uma onda que se alevantou,
é um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
não sei para onde vou
sei que não vou por aí!

2.2 - Brincar é fazer.

Sobre a questão da criação e ampliação do espaço psíquico, Winnicott (1975, p. 63) vai afirmar que “para controlar o que está fora, há que se fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer”. Quando a criança brinca, está construindo para si territórios existenciais e para que essa feitura seja exequível não pode haver supremacia do dentro sobre o fora e o inverso é igualmente verdadeiro. Se a realidade interna prevalece, o risco é o refúgio na neurose ou na psicose, estados psíquicos que aprisionam e paralisam, impedindo o fluxo da vida.

A esse respeito, Deleuze (1997, pp. 12/13) também vai dizer algo que vai ao encontro do pensamento winnicottiano quando afirma que a doença neurótica ou psicótica são estados em que somos capturados quando há interrupção do fluxo existencial, um processo

colmatado que inviabiliza desvios e tanto faz se é neurose ou psicose, pois ... “pecar por excesso de realidade ou de imaginação é a mesma coisa”.

Da mesma forma, diz Winnicott (2000, 285), quando a realidade externa predomina, o preço é o empobrecimento da vida psíquica pois “ficamos muito pobres quando podemos ser apenas sãos”. Uma assertiva que nos faz deduzir que uma dose de loucura não só é inevitável como esperada quando a criança faz uso do objeto transicional. Já dissemos que, no caso do bebê, a onipotência não é somente pensamento mágico, mas ação. Aqui, o paradoxo winnicottiano indica uma espécie de alucinação experimentada no real, havendo, na primeira infância, certa dose de loucura manifesta no modo como explora, inicialmente, a ambiência e que tem continuidade com os primeiros atos de brincar. São os chamados momentos de ilusão, sendo por meio dessa vivência, que o bebê constrói a realidade. Para Green (1986, p.52), não se trata de uma loucura qualquer, mas de uma ‘loucura pessoal’, termo que esse que o autor utiliza ao afirmar que a loucura pessoal estará lá, para nos encontrar com mais frequência do que supomos e quando nós a reconhecemos, podemos contar com ela.

Nessa mesma linha de pensamento, encontramos em Guattari (1992, p.16) o entendimento da subjetividade como conjugação polifônica, de múltiplas vozes, tal como pode ser constatado por diferentes tipos de produção, como a onírica, a delirante, amorosa, enfim qualquer produção na vida e, por isso mesmo, podendo ser encontrada tanto na psicose como em todas as formas de qualquer coisa que se considere como normalidade.

Voltando a Winnicott, este descreve um processo em que é nítido o agenciamento de forças que se compõem para promover o encontro que produz, pela experiência repetida, subjetividade. Quando a ambiência ‘permite’ ao infante experimentar a ilusão de onipotência cria-se uma base para que ele possa ser, e isso significa vivenciar, efetivamente, aquilo que experimenta como algo singular. Quando isso não ocorre, a noção de realidade fica enfraquecida, como se faltasse consistência a essa possibilidade de ‘sentir-se existindo’ que é o mesmo que o ‘seguir sendo’, já mencionado. Sobre isso, Dias (2003, p. 124) comenta o pensamento winnicottiano:

Há pessoas que não encontraram, no início, uma base para ser, por não lhes ter sido permitida a ilusão de onipotência; nelas o sentido de real é tão debilitado que, não importa às vezes pelas quais passam por determinadas situações, tudo sempre se desrealiza, e elas têm de voltar sempre a começar, como se nada tivesse acontecido. Registram o fato numa memória de arquivo, mas nada, nelas, foi afetado ou se modificou. Diz-se, em geral, que

essas pessoas não aprendem com a experiência, mas, talvez, seja ainda mais exato dizer que elas não são capazes de viver experiências.

Em suma, nesse encontro de forças que se agenciam, “há um momento de ilusão, uma experiência que o bebê pode tomar, ou como alucinação sua ou como algo que pertence à realidade externa”. (WINNICOTT, 2000, p. 279). Esse encontro de vetores que se sobrepõem em algum instante, repete-se inúmeras vezes, fazendo coincidir a experiência de percepção com a de criação, que proporciona ao bebê a ilusão de que criou aquilo que estava ali, aguardando para ser criado. Um encontro de caráter assimétrico, que permite criar sentido próprio para o que se descobre. Isso significa a visão pessoal que cada um de nós poderá ter do mundo com a possibilidade de se inventarem novos universos de referência, sempre que for possível conjugar o desejado com o real. Para Winnicott é preciso que o ambiente tolere a experiência ilusória que conjuga o que é desejado com o que é real, aceitando-a como um paradoxo engendrado nas fronteiras existentes entre a percepção e a criação. Paradoxo que não deve ser solucionado, porque estamos ‘pisando’ em território existencial marcado pela impessoalidade que se configura como zona de fronteira, entre a sanidade e a loucura, conforme diz o autor:

Entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido existe uma terra de ninguém, que na infância é natural e que é por nós esperada e aceita. O bebê não é desafiado no início, não é obrigado a decidir, tem o direito de proclamar que algo que se encontra na fronteira é ao mesmo tempo criado por ele e percebido ou aceito no mundo, o mundo que existia antes da concepção do bebê. Alguém que exija tamanha tolerância numa idade posterior é chamado de louco. (id, 1990, p.127).

Sendo inevitável que a criança passe por esse processo, uma opção é poder atribuir sentidos para o universo que a cerca e aprender a mediar a sua busca de satisfação com as condições derivadas da realidade. Outra, é quando o meio ambiente se impõe de uma forma implacável e a criança acaba sendo submetida a uma realidade dada como pronta. Como se os eventos a serem vividos já estivessem lá, previamente estabelecidos, induzindo a um modo de subjetivação, com padrão inibitório dos modos criativos de expressão e que levam somente à cópia de modelos. Com Winnicott, repetimos, a ilusão é fundamental para o processo criativo da qual a fantasia faz parte. O que é percebido como ‘fora’ entra na feitura da própria fantasia, porque aquilo que é fora faz parte do dentro, não havendo dois planos separados. O autor afirma que:

... na fantasia, as coisas acontecem por mágica: a fantasia não tem freios e tanto o amor quanto o ódio podem ter efeitos alarmantes. A realidade externa possui freios e pode ser estudada e conhecida e, de fato, só se pode tolerar a fantasia total quando a realidade objetiva é bem apreciada. O subjetivo tem um valor enorme, mas é tão alarmante e mágico que só pode ser fruído paralelamente à realidade objetiva. A fantasia não é, portanto, algo que o indivíduo cria para lidar com as frustrações da realidade externa. Isso só se aplica ao fantasiar. A fantasia é mais primária que a realidade e o enriquecimento da fantasia com as riquezas do mundo, depende da experiência da ilusão. (id. 2000, p.280).

Por essa ótica, a experimentação é fator preponderante na concepção da fantasia que surge nos encontros entre forças expressivas e ambiente cuidador. Enquanto o devaneio está submerso no mundo interno como projeção defensiva de angústias manifestas, permanecendo isolado e em estagnação (id. 1975, p.45), a ilusão é um componente psíquico que se situa em território nebuloso e indiscernível. Uma zona de transitoriedade e de composição de sentido espaço-temporal, onde se situa a experiência do brincar. Há uma ênfase sobre esse aspecto urdido pela ilusão, entre fantasia e realidade, sendo difícil estabelecer comparações e diferenças marcantes como se fossem dois campos distintos, conforme assinalou o próprio Winnicott. A fantasia pode ser concebida em meio à experimentação lúdica, ou seja, um fenômeno transicional que sustenta, pela sua porção real, esse lugar do fora de onde devém a produção psíquica.

Em outros termos, a fantasia não precede a experiência, porque é sempre possível compartilhar a experiência na zona de ilusão, onde não se separam o dentro e o fora. Aqui, surge a temática do espaço potencial, com que estamos trabalhando nesse capítulo. O que existe é um tipo de experiência que pode ser nomeada como fantasia e isso fica bem claro ao pensarmos, por exemplo, na produção onírica. Em Winnicott a fantasia não é uma propriedade do bebê, mas a manifestação de uma potência em um meio onde é possível fantasiar, entre tantas outras experimentações. É o fator de transicionalidade que vai dar suporte à produção da fantasia como algo que se compõe numa posição limiar, uma posição de passagem que pressupõe indefinição entre o que é real e imaginário, aspecto crucial do qual depende a brincadeira criativa, o *playing*. O brincar, entendido como a ferramenta criadora, é o instrumento que vincula a experiência de onipotência ao real, e ainda que o ato de brincar contemple certa dose de excitação, é a possibilidade de entrega ao que é criado ilusoriamente que garante à brincadeira o seu teor criativo. O que Winnicott nos ensina é que, no plano da ilusão, é possível experimentar um pouco de cada coisa, sem que isso represente uma ameaça de aniquilamento, seja fantasmaticamente ou pelo peso da concretude da

realidade, pois quando uma ameaça desse tipo surge e persiste, a brincadeira acaba e deixa de ser jogo criativo.

Podemos pensar o objeto transicional como uma bricolagem, porque é composto como um arranjo inteiramente singular feito de fragmentos de realidade e de fantasia que estão longe de propiciar um encaixe perfeito de “peças”. Em vez disso, é a precariedade desse arranjo que dá, ao mesmo, certo colorido e intensidade e que deixa aberta a possibilidade de desvios para a feitura de novos arranjos. A imagem de um caleidoscópio nos serve, parcialmente, como exemplo, mas, não totalmente, porque essas peças passíveis de composições não podem estar aprisionadas num número determinado de composições. Se assim fosse, não haveria a possibilidade de variação infinita da qual nos fala Winnicott, quando define o fenômeno da transicionalidade, porque a variação está nas possibilidades de composição. E o que vai definir a finitude, igualmente necessária, são os componentes reais que dão sustentação à fantasia para que ela não seja apenas delírio. É o chamado *holding* winnicottiano, porque infinitude, necessariamente, não liberta, mas pode ser aprisionante como algo que só se dispersa e não consiste, como por exemplo, a sensação de estar em um labirinto sem saber como é que dele se sai. Para concluir esse segmento, entendemos que, no objeto transicional, o mais importante não é nem um objeto imaginado, tampouco um objeto concreto, mas a composição que surge entre os afetos provocados pelos encontros, sendo isso que o autor nomeia como ‘uso do objeto’. O bebê pode eleger, por exemplo, objetos duros ou macios e a relevância desse aspecto, está no fato de poder usar a maciez ou a dureza de objetos, criando a partir de referenciais desse tipo, além de outros como ritmo, sonoridade, etc. Vejamos agora o que nesse encontro surge como sustentação, vista como cuidado ambiental.

3 - O gesto que acolhe o brincar.

Na abordagem winnicottiana, o ato de brincar, entendido como capacidade a ser adquirida a partir de experiências empreendidas, é algo vinculado ao cuidado ambiental. Em seus escritos, esse cuidado recebe o nome de maternagem, o que pode levar a uma compreensão da sua teoria como algo datado, pelo realce que o autor deu a um modelo materno que não condiz com a figura da mãe contemporânea e é disso que falaremos inicialmente, procurando defender a atualidade de suas idéias.

Mesmo após tornar-se psicanalista, Winnicott nunca deixou de exercer as suas atividades como pediatra e psiquiatra infantil e isso numa época¹⁹ em que a concepção de família era muito diferente da que conhecemos hoje, um modelo familiar com papéis bem definidos, em que as tarefas de acolher e educar eram atribuídas, essencialmente, à mãe. Esse aspecto nos parece importante para a introdução do que estamos tratando como função cuidadora do ambiente, porque nos deparamos com uma questão que tem sido motivo de críticas à teoria winnicottiana: a ênfase dada à figura materna por ser, usualmente, o primeiro elo do mundo com o bebê. Ao ser lido por uma ótica simplista, o autor costuma ser acusado de fazer uma proposta clínica em que o acolhimento seria algo como se o analista adotasse uma posição complacente, tomando como modelo a figura da mãe boazinha que não frustra e acolhe incondicionalmente com uma atitude ‘materna’. Mas aquele que se dispõe a conhecer, efetivamente, a proposta winnicottiana vai perceber que não é disso que se trata. Mesmo porque, o autor era avesso a sentimentalismos que, em seus próprios termos, é algo “cl clinicamente inútil” (WINNICOTT, 1990, p.19), porque é o tipo de afeto que não deixa espaço para manifestações de ódio ou de agressividade e o uso que pode ser feito dele na clínica²⁰, conforme abordaremos mais adiante. Assim, o que ele chama de mãe devotada não é uma manifestação sentimental, mas algo que inclui amor e ódio, afetos que podem estar presentes em qualquer relação estabelecida. A esse respeito, Winnicott diz ainda:

... As pessoas muitas vezes pensam que estou falando de mães – pessoas reais que têm bebês -, como se elas fossem perfeitas ou como se correspondessem à “mãe boa” que é parte do jargão kleiniano. Na verdade sempre falo sobre a “mãe suficientemente boa” ou a “mãe que não é suficientemente boa”, pois no que diz respeito ao que estamos discutindo, ou seja, a mulher real temos consciência que o melhor que ela tem a fazer é ser boa o suficiente. (ibid, p.26)

É importante esclarecer que, quando o autor usa a expressão “mãe suficientemente boa” para explicar o que entende como os primeiros cuidados ambientais, não está elevando a figura materna a uma condição idealizada. Nesse contexto, a expressão ‘suficiente’ refere-se ao gesto que, ainda que esteja lá para cuidar, permite que as falhas ocorram num nível suportável para o bebê, de modo que a ambiência não seja *demasiadamente persecutória* (MACEDO, 1999, p.11), pois, de alguma maneira e em algum momento, o ambiente o será.

¹⁹ Seus escritos teóricos oscilam entre os anos de 1931 até 1971, ano de sua morte.

²⁰ Sobre isso, ver o seu artigo “O Ódio na Contratransferência” ([1947] 1995)

Essa dimensão do cuidado com o outro, que, em Winnicott, recebe também o nome de *holding* ou sustentação tem uma função de acolhimento em uma condição ‘trans-subjetiva’. Se não se trata de um cuidado intersubjetivo, mas trans-subjetivo “é porque esse outro que cuida não é um indivíduo, mas um ambiente que exerce essa função na condição de acolhimento, hospitalidade e nutrição.” (FIGUEIREDO, informação verbal) ²¹. Esse outro, o ambiente que é aquele que cuida e dá sustentação, é o que garante a experiência de continuidade da vida da qual Winnicott nos fala.

Quando Winnicott (2000, p. 492) diz que existem dois modos básicos pelo qual o ambiente se manifesta, nomeados como ambiente não suficientemente bom – “que distorce o desenvolvimento do bebê – e como o ambiente suficientemente bom - que possibilita ao bebê alcançar, a cada etapa, as satisfações, ansiedades e conflitos inatos e pertinentes”, podemos deduzir que, na realidade, o autor se refere a modos de expressão da ambiência. Winnicott não está tratando aqui de atribuir valores universais ao ambiente, o que incorreria em situar aquilo que ele pensa a respeito desse cuidado ambiental, na categoria de bem e mal como se houvesse verdades pré-estabelecidas a esse respeito. No nosso entendimento, Winnicott está sendo espinosano, porque o que ele está dizendo é que existem bons e maus encontros na relação bebê-mãe ou bebê-ambiência. Se a parcela que é inevitavelmente vivida como persecutória não for força dominante na relação, temos um bom encontro, uma composição de forças, uma potência que se expressa pelos afetos engendrados por aquilo que se experiencia.

Enquanto comentador das teses espinosanas, Deleuze menciona que é preciso fazer uma diferenciação entre os conceitos de ‘bem e mal’ e os de ‘bom e mau’ para que se possa distinguir o que se refere a uma moralidade do pensamento daquilo que diz respeito a uma atitude ética. Bem e mal são valores pré-estabelecidos de forma generalizada, modalidades absolutas sobre o que seria certo e errado. Deleuze (2002, p. 28-29) demonstra que Espinosa faz essa distinção ao considerar que bem e mal são formas de julgamento de valor provenientes do *socius* que avalia, moralmente, atitudes de obediência ou desobediência. Em contrapartida, vai dizer que o bom e mau são conceitos que estão vinculados a uma diferença qualitativa de modos de existência. Ainda que não seja o caso aqui de nos estendermos nas teorias de Espinosa, é preciso dizer que, para esse filósofo, a essência do ser está nas relações, nos encontros entre os corpos, formados por partículas infinitas que se compõem, ou não, com outros corpos, relações de forças, entendidas como potência de agir e de pensar.

²¹ Comunicação feita por Luiz Cláudio Figueiredo em 05-12-2006 no evento “Ética e Cuidado no Contemporâneo”, realizado pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, em dezembro de 2006.

Quando um corpo “encontra” outro corpo, uma idéia, outra idéia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quanto que um decompõe o outro e destrói a coesão das suas partes. Eis o que é prodigioso tanto no corpo quanto no espírito: esses conjuntos de partes vivas que compõem e decompõem segundo leis complexas. A ordem das causas é então uma ordem de composição e de decomposição de relações que afeta infinitamente toda a natureza. (ibid, p.25)

Para o que nos interessa aqui ressaltar, bom e mau são dois sentidos atribuídos aos modos de ser do homem. O bom refere-se à possibilidade dessa força ganhar consistência pelo aumento da potência produzida no encontro entre corpos, uma relação que produz alegria. Conforme Deleuze, “o bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso, e, com toda ou com uma parte de sua potência, aumenta a nossa” (ibid).

Correlacionamos essa visão com aquilo que Winnicott designou como a possibilidade de ver o mundo com os olhos do encantamento e poder agir criativamente, pela expressão de um *self* autêntico ou espontâneo. O *self* entendido não como uma substância oculta encoberta por uma camada defensiva que seria o *falso-self*.(WINNICOTT, 1982, p.128) Na concepção que estamos lhe dando, o *verdadeiro-self* (ibid) ganha a versão de ser força que se expressa pela experimentação, fluxos a serem trilhados e percorridos. Já o *falso-self*, visto como força reativa aos fracassos ambientais advindos de experiências intrusivas ou evasivas.

Quando o encontro entre corpos não se compõe como relação de potência, há uma inibição de forças que acaba manifestando-se como sentimento de tristeza. Nesse caso, aquilo que nos afeta é o que Espinosa chamou de paixão triste, algo que nos mantém dissociados da nossa potência para agir. Deleuze vai dizer que as paixões tristes serão sempre impotência e, ao nos referirmos a uma ética, temos que pensar necessariamente em uma ética da alegria, se desejamos que a mesma seja transposta em ação. Assim, se quisermos pensar em uma ética do cuidado, ela traz em si a idéia de força que se expande em alegria e se transmuta em ação e, no espaço clínico, isso se dá pela via da experimentação compartilhada. Quando padecemos de paixões tristes, ficamos impedidos de agir e quando padecemos de paixões alegres, pelo aumento de nossa potência, somos suscetíveis de agir e descobrir o mundo.

Retomando a terminologia winnicottiana, é o próprio autor que faz a aproximação do termo ‘mãe suficientemente boa’ com a noção de ‘ambiente provedor’ o que parece relativizar essa nomenclatura materna, permitindo a concepção de uma ‘mãe suficientemente boa’, menos como uma entidade substancializada ou como função interiorizada e mais como a expressão de forças que operacionalizam encontros capazes de engendrar experiências

subjetivantes. O que queremos enfatizar é que Winnicott, por ser um clínico que prioriza a experimentação, acaba, por vias indiretas, atribuindo essa expressão 'suficientemente bom' ao gesto cuidador, quando diz que:

... a mãe suficientemente boa depara-se com a onipotência do bebê e, de algum modo, a aceita. (...) a mãe que não é suficientemente boa não é capaz de instrumentalizar a onipotência do bebê e, por isso, sempre fracassa em reconhecer os gestos do bebê; em vez disso, ela modifica os seus próprios gestos a fim de dar sentido à submissão do bebê. (WINNICOTT, 1982, p. 133)

Há uma diferença qualitativa nos modos de subjetivação, quando esse encontro é engendrado por relações estabelecidas em ambiente cuidador. Uma provisão ambiental desse tipo significa experimentar a onipotência inerente aos processos de criação, mas também as limitações impostas pela realidade sem que essas limitações sejam vivenciadas como imposições que submetem e impedem a expressão criadora. Winnicott não vai falar de sentimento, mas de experiência de onipotência e o sentido do termo, nesse contexto, não é de pensar nem de imaginar, pois aqui ela é indissociável da experimentação, é potência de agir, para cartografar e explorar o espaço:

... a experiência de onipotência é mais do que o controle mágico, e quero incluir no termo o aspecto criativo da experiência. (...) O latente experimentando onipotência sob a tutela do ambiente facilitador cria e recria o objeto e o processo gradativamente se forma dentro dele e adquire um apoio na memória. (id. p. 164)

Mesmo considerando que experimentar a onipotência é fundamental, para que o bebê crie o mundo, a sua manutenção permanente não só é impossível como seria desastrosa e aprisionadora para o ser em formação, acarretando um fechamento sobre si próprio, impedindo a criação. Nesse caso, é a própria criança, que, em seu processo de criação, promoverá, com auxílio do ambiente facilitador, o abandono desse estado de onipotência incondicional, ao considerar as limitações impostas pelo mundo real.

Para uma criança seria muito aborrecido continuar vivenciando uma situação de onipotência quando ela já dispõe de mecanismos que lhe permitem conviver com as frustrações e dificuldades de seu meio ambiente. Viver um sentimento de raiva que não se transforma em desespero, pode trazer muita satisfação. (id. 1994, p 5/6)

Como o bebê aprende a lidar com as limitações da realidade, o estado de onipotência em vez de estar restrito a um plano fantasmático – onde a onipotência é vivida como ilimitada e, por isso mesmo, como ameaçadora e paralisante – pode ser experimentado como parte integrante do mundo. É na experimentação provocada pela onipotência que os limites se processam, não necessariamente, como impedimentos previamente estabelecidos, mas como constatações a partir da própria experimentação. Um fazer que vai “se fazendo” e que permite que o próprio “fazedor” possa estabelecer medidas de alcance para aquilo que experimenta sem se posicionar como se estivesse numa gangorra entre a onipotência e a impotência. É somente pela experimentação que se podem compreender as medidas, os graus de alcance das forças que compõem determinado agenciamento. Experimentar limites, repetimos, é diferente de ser subjogado por limitações impostas. Um exemplo disso é a realização do desmame, que quando bem sucedido, parte de uma conjugação de interesses com necessidades que partem tanto da mãe quanto do bebê. Quando é a própria criança que promove o desmame ou se esse é feito gradativamente pela mãe, a criança vivencia isso como algo produzido por ela própria, mas se essa interrupção é feita de forma abrupta, vivencia como imposição.

O que podemos perceber é que a experiência de onipotência é ilusória. Sendo a ilusão vivida em compartilhamento, podemos depreender que: ‘no encontro de linhas superpostas’ conforme diz Winnicott, é preciso que a ilusão seja sustentada pelo cuidado ambiental, embora apareça como se fosse somente estado de onipotência do bebê. Os fenômenos transicionais surgem dessa zona de ilusão de onipotência. Conforme o bebê amplia o seu espaço vivencial, vai experimentando processos de desilusão que é algo diferente do que uma decepção. Na desilusão há, igualmente, um processo compartilhado, pois é algo que se produz na relação entre bebê e ambiência. É o desilusão que promove modificações graduais na onipotência, mas, é importante frisar que aquilo que fica para trás, “não é a ilusão básica, que permanecerá se houver saúde, mas a ilusão de onipotência”. (DIAS, 2003, p. 28).

Sobre o agir clínico ao qual estamos nos referindo nesse trabalho, pensamos esse plano, o da clínica, definindo-o nas suas duas dimensões distintas e, ao mesmo tempo, inseparáveis; uma, designada como a dimensão do cuidado e outra como a do desvio. Ao pensarmos em desvio e cuidado a imagem que nos ocorre é a da Banda de Moebius²² que

²² Uma banda ou fita de Möbius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efectuar meia volta numa delas. Deve o seu nome a August Ferdinand Möbius, que a estudou em 1858. (disponível em <http://pt.wikipedia.org> ; acessado em 25 de junho de 2007)

ilustra com precisão a idéia paradoxal de distinção do que é inseparável. Nessa distinção, a face do cuidado refere-se ao gesto que se impõe na prática terapêutica, a partir da etimologia das palavras terapia e clínica, tal como apresenta Ceccim (2004, p. 262), quando enfatiza a função de cuidar como uma das funções do exercício clínico, tomando como referência o gesto de acolhimento que surge no ato de escutar a queixa daquele que procura ajuda em busca de alívio e resolução para os problemas que lhe fazem sofrer.

Terapia (*therapéia*) significa trato cuidadoso, auxílio que habilite para a cura, guia para a autonomia e qualidade de vida, tratamento. (...) A clínica como conhecimento sistematizado de sinais e sintomas e como experiência de atendimento em situações de adoecimento, nasce, justamente, à beira do leito (*klinê*) – isto é, indica a prática do ato de assistir à beira do leito, por isso ato dedicado de tratar/cuidar/escutar).

A outra face, a do desvio, tomada a partir do conceito epicurista de *clinamen*²³, tal como o utilizam Passos e Benevides, quando afirmam o ato psicoterapêutico como “produção de desvio”, que surge no encontro de forças afetivas – a partir da relação engendrada entre terapeuta e paciente – passível de produzir a desestabilização necessária que rompe as cadeias do hábito [entendido aqui como formação sintomática] para a constituição de novos modos de existência.”²⁴

Nesse contexto em que fazemos uso dos termos cuidado e desvio, importa entender de que forma essa atitude de acolhimento, o cuidado - que em Winnicott é chamado de maternagem, mas que não é o mesmo que agir tal como uma mãe boazinha - contribui para a possibilidade de criação de desvios (*clinamen*). Mas, talvez seja preciso retirar a ênfase na intersubjetividade que caracteriza, habitualmente, o ato de cuidar como relação estabelecida entre dois sujeitos, um que cuida e outro que é cuidado, situação aonde a atitude de cuidar fica marcada, apenas, por uma intenção egóica. Entendemos que a intenção de cuidar até pode existir previamente, mas não se sustenta sozinha a partir de uma disponibilidade que parte de um sujeito. Ainda que o terapeuta tenha a consciência de que o cuidado é necessário, não se trata de estabelecer um código de conduta que preceitua recomendações a respeito do assunto

²³ Conceito da filosofia grega que designa o desvio que permite aos átomos, ao caírem no vazio em virtude do seu peso e da sua velocidade, se chocarem, articulando-se na composição das coisas. Essa cosmogonia epicurista atribui a esses pequenos movimentos de desvio a potência de geração do mundo. É na afirmação desse desvio, do *clinamen*, portanto, que a clínica se faz. (Passos e Benevides, 2001).

²⁴ *ibid.*

para que sejam postas em prática. O que está em jogo é o encontro entre forças afetivas manifestas na situação de cuidar e ser cuidado. Assim sendo, podemos considerar o cuidado como algo impessoal que emerge do acontecimento clínico. O que queremos dizer é que mesmo sabendo que é preciso haver disponibilidade para cuidar, esse ‘estar disponível para’, por si só não basta. Trata-se entender o que se passa entre essas duas dimensões de um mesmo plano, ou seja, o que acontece nessa experiência em que o cuidar comparece, simultaneamente, como acolhimento e desvio.

Sobre essa questão da impessoalidade, Deleuze (1997, p.75) defende a idéia de que “...o inconsciente já não lida com pessoas e objetos, mas com trajetos e devires...” e, por isso mesmo, não se trata de interpretar lapsos e atos falhos, mas de detectar trajetórias que podem servir como indicadores de novos universos de referência. E prossegue, em um outro ensaio (2006, p. 322), na crítica aos métodos clínicos que traduzem em fantasmas a produção subjetiva que ele vê como “objetos parciais com suas explosões e seus fluxos” e que denomina como “estados vividos, intensamente vividos”. Ao mencionar Winnicott como alguém que se manteve à margem desse tipo de abordagem e empreendendo uma prática clínica que escapa da função codificante, Deleuze afirma que é preciso acolher e compartilhar o sofrimento (cuidar) e experimentar derivações existenciais (desvio). Deleuze diz:

A esse respeito, um psicanalista como Winnicott mantém-se verdadeiramente no limite da psicanálise, porque tem o sentimento de que esse procedimento não convém mais num certo momento. Há um momento em que não se trata mais de traduzir, de interpretar, traduzir em fantasmas, interpretar em significados ou em significantes, não, não é isso. Há um momento em que será necessário compartilhar, é preciso colocar-se em sintonia com o doente, é preciso ir até ele, partilhar seu estado. Trata-se de uma espécie de simpatia, empatia ou de identificação? (ibid).

Para essa idéia de compartilhamento em que se experimentam derivações, o único equivalente que ele considera concebível, “seria, talvez, ‘estar no mesmo barco’” (ibid). Pensar na relação terapêutica como “duas pessoas que remam juntas” (ibid), para se chegar a um destino que ainda precisará ser traçado à medida que se experimenta ou navega, em movimento de deriva, sendo preciso fazer fluir as intensidades, vibrar os estados vividos que nos levam a experimentações nômades. Mas também é Deleuze que menciona que os fluxos, que necessitam ser liberados em seus deslocamentos, encontram uma espécie de ancoragem momentânea sobre um corpo pleno e em nomes próprios (ibid, p. 325). Movimentos de

desterritorialização e territorialização que consistem no atravessamento de forças “sempre exteriores umas as outras” (ibid), encontros produtores de novos sentidos.

Dando continuidade a essa discussão, vejamos como Ferenczi²⁵ trabalhou, ao seu modo, questões que dizem respeito a essa ética do cuidado pela via da empatia. Ferenczi foi um psicanalista precursor desse tipo leitura em seu campo de atuação, antecedendo a Winnicott e sendo ambos, vistos como empreendedores de uma prática clínica pautada pelo acolhimento sensível. Psicanalistas que, ao enfatizarem a necessidade de cuidado já promoviam, com isso, uma atitude desviante no próprio agir clínico vigente. A partir das observações feitas de casos em atendimento e também pelo estudo sobre a importância do cuidado acolhedor no plano da vida, alguns escritos desses dois autores focalizam os cuidados ambientais dispensados aos seus pacientes. Para eles, a falta da provisão ambiental, especialmente no que diz respeito aos afetos, inviabiliza a aquisição da confiança necessária para a exploração do mundo. Confiança capaz de sustentar as forças que fazem com que se tenha vontade de viver e perceber o mundo com os olhos da descoberta e da criação. Essa falha acarreta perda da condição de saúde, produzindo sintomas vistos como interceptadores desses fluxos.

Temos, então, em Ferenczi, alguns indicativos da importância do tema do cuidado que aparece, implicitamente, em seus escritos através de expressões como, por exemplo, “crianças acolhidas com rudeza e sem carinho”, atitude vista como o “mau acolhimento da criança” (FERENCZI, 1992, p. 47-51), com as conseqüências que isso pode acarretar ao longo da vida retirando daquele, para o qual falhou a recepção hospitaleira, o brilho da vida. O antídoto estaria expresso pela ação adaptativa da família às primeiras necessidades da criança e não o inverso (id.p. 1-13). É interessante ressaltar, mais uma vez, que essas conclusões a que ele chega surgiram das observações clínicas com os chamados pacientes difíceis ou inalisáveis que, para ele, acima de tudo e antes de qualquer tipo de interpretação para os seus sintomas, precisavam receber um tipo especial de atenção. Em um artigo recente a respeito desse posicionamento, Kupermann (2006) faz a seguinte referência:

²⁵ Sandor Ferenczi, psiquiatra e psicanalista húngaro (1873-1933), clínico talentoso, discípulo preferido de Freud e que teve importante participação na história do movimento psicanalítico, deixando um legado teórico e propondo idéias inovadoras assim como críticas dirigidas ao dogmatismo psicanalítico. (cf. Roudinesco, 1998, p. 233-235).

Mas, justamente a partir de “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, Ferenczi inaugura um estilo clínico apoiado menos na ética da responsabilização do que no podemos chamar de *ética do cuidado*. Seguindo essa inspiração, concebe-se que não é possível a emergência de processos criativos sem a aposta no encontro afetivo, sendo que a promoção de um espaço propício para a experiência compartilhada talvez seja o principal desafio do psicanalista.

Vemos, então, que, na clínica ferencziana, o cuidado aparece como ‘tato clínico’ (FERENCZI, 1992, p. 25-36), necessário ao acolhimento desse tipo peculiar de clientela. O tato, tal como Ferenczi o apresenta seria a faculdade de ‘sentir com’ o paciente os afetos vividos durante o processo terapêutico, capazes de mobilizar as forças indicativas do momento certo da intervenção clínica a fim de que esta se efetue de modo sensível e eficaz. Aspecto que insere no *setting* clínico a dimensão de mutualidade permitindo uma maleabilidade nos procedimentos clínicos ao deixar, quando preciso,..."o paciente agir como uma criança ... e desfrutar ... pela primeira vez a irresponsabilidade da infância, o que equivale a introduzir impulsos positivos de vida e razões para se continuar existindo" (ibid). Trata-se de analisar o adulto com a sensibilidade clínica que costuma ser destinada às crianças, colocando em análise a face infantil expressa pelo adulto (id. p. 69-83) o que significa considerar a afetividade engendrada pela experiência de compartilhamento.

Para Winnicott, tanto nas suas concepções sobre a produção de subjetividade, quanto nas descrições que fez sobre o seu proceder clínico, ele afirma o ato de cuidar como algo que faz parte da vida, e por isso mesmo, como um gesto fundamental para a concepção de modos de existência. Ao se reportar à visão que tem do recém-chegado ao mundo, Winnicott (1994, p.59) insiste na afirmação da impossibilidade de se olhar para um bebê isoladamente pois “esse olhar vê sempre um bebê que está sendo cuidado”. O que ele enfatiza é exatamente a função cuidadora atribuída ao ambiente que cerca o infante e assim, a vida para ir adiante, vista como potência de criação, não pode prescindir dessa provisão cuidadosa. O que queremos dizer é que Winnicott traduziu esse viver e fazer criativo em termos de acontecimento primordial que se dá desde o primeiro encontro do recém-nascido com alguém. Esse alguém que, na maioria das vezes é personificado pela própria mãe, pode ser qualquer um, ao mesmo tempo em que não se trata de qualquer um. Ou seja, pode ser qualquer um, desde que seja alguém que cuide. É a provisão ambiental que vai fornecer a confiança necessária a fim de empreender a sua jornada que, mais tarde, irá desdobrar-se na atitude de relativa autonomia e que o fará capaz de cuidar de si e compartilhar essa vivência com o mundo que o cerca.

Na concepção winnicottiana, portanto, a experiência de subjetivação que contempla o gesto espontâneo só é possível, nesse momento da vida, nas condições descritas, pois o ser humano é, desde sempre, capaz de experimentar. Mas para que essa capacidade possa ser posta em prática, como gesto exploratório e criador, é preciso que a provisão esteja lá como facilitadora desse processo. Em Winnicott, a atitude de cuidar corresponde ao acolhimento que permite a provisão ambiental não intrusiva (em demasia, porque, conforme já dissemos, alguma intrusão sempre ocorrerá, inevitavelmente) e necessária à produção de sentido. Toda essa concepção refere-se a uma ética do cuidado voltada para a vida e que pauta, igualmente, o proceder clínico, sendo a função *holding* o principal atributo do *setting* clínico que também aqui, tal como em Ferenczi, se institui plasticamente como um campo de experimentação que inclui afetos, gestos, ritmos, tom de voz, palavras... . Assim, cada intervenção não é prerrogativa de um, nem de outro, mas devém como criação compartilhada que surge no fazer clínico. O ‘recurso’ explorado por Winnicott para que o acontecimento clínico se dê pela via do sensível, reside no aspecto lúdico que envolve o proceder terapêutico e, aqui, retomamos o nosso tema do brincar. O jogo lúdico estando presente nessa abordagem que favorece a diluição de fronteiras e a instituição de um espaço potencial, de modo que o *non sense* e o absurdo (1975, p. 82), possam ser acolhidos nessa dimensão cuidadosa e possam funcionar como operadores de processos de subjetivação.

Para concluir essa temática, vimos que tanto o cuidado como o desvio são expressões de potência, manifestas como forças em ação na clínica, parte do plano da vida. Vimos, também, que não se trata de cuidado de um sujeito para que outro possa desviar. E ainda, que cuidado e desvio fazem parte de um mesmo plano de forças que pode ser manifesto, por exemplo, no espaço da clínica. Também mencionamos que, se a atitude é cuidadosa, há, nessa mesma atitude, a possibilidade de que forças desviantes possam se manifestar, quando não há imposições. Em outros termos, não é um cuidado manifesto por alguém que deseja ser bonzinho e nem por alguém que deseja impor um padrão de comportamento tido como correto. Se estamos pensando em um plano de composição, são forças afetivas que estão em jogo, em determinado encontro, que promovem cuidado e desvio simultaneamente. A atitude cuidadosa já é por si mesma produtora de desvios de um tipo de conduta clínica. Autores como Ferenczi e Winnicott ultrapassaram as fronteiras do que se conhece como o enquadre psicanalítico convencional porque acreditaram que o que pode ser chamado de enquadre ou de *setting* é um acontecimento clínico, uma espécie de moldura elástica, modulada pelos encontros que naquele espaço são engendrados. Só por isso já se posicionaram como analistas

desviantes, transgressores de qualquer procedimento que pudesse ser estabelecido com base em regras rígidas, aprisionadas em modelos pré-estabelecidos. Entendemos que aquilo que estamos denominando de plano do cuidado – com o sentido de ‘inclinarse sobre’ (*klinikós*) – é indissociável daquilo que é capaz de produzir os ‘desvios’ (*clinamen*) necessários à criação de novos modos de existência em meio às experiências engendradas como ‘arranjo’ de forças e o que se produz não são apenas encontros entre duas pessoas, mas especialmente encontros com o mundo, que privilegiam o plano da vida.

4 - O espaço para brincar de viver

Uma dificuldade encontrada para conceituar sistematicamente o espaço potencial é estabelecer definições bem separadas e estanques para algumas formulações winnicottianas. Isso porque são postulados imbuídos de tamanha mobilidade que, quando falamos de um, já estamos falando de muitos. Assim, para falar de espaço potencial será inevitável fazer referência a elementos conceituais que já abordamos ou ainda iremos abordar e a imagem que nos serve nesse momento é a de uma flor. Se fosse preciso descrever uma flor para alguém, que nunca viu uma, ficaríamos muito distantes do que ela traduz, ao descrevê-la pétala por pétala. Embora pareçam iguais, cada uma delas não poderia fornecer a dimensão do arranjo existente *entre* as pétalas e sendo assim, a referência a cada uma, se remeteria às outras para a captação do sentido daquela composição, que não é feita só de um somatório de pétalas mas do que percorre esse entre. O que queremos destacar nessa noção de espaço que existe entre elas, é essa idéia de vazio que preenche e separa, onde a continuidade convive com a descontinuidade, um outro ponto importante na concepção winnicottiana de subjetividade.

Para Winnicott é preciso manter a linha de continuidade da existência e, ao invés de lhe atribuir uma característica evolutiva, o que implicaria um início precário até o atingimento de uma maturidade finalizada, preferimos referir essa linha de continuidade a uma força mobilizadora, ativa, que difere de um modelo existencial definido por uma predominância reativa. Winnicott (1975, p.140) vai dizer - e isso é significativo, quando se fala em produção de subjetividade - que “a linha de continuidade de ser” é mantida ao mesmo tempo em que dela derivam espaços contíguos, onde a continuidade cede lugar à contigüidade. Essa assertiva é importante, porque a linha de continuidade a ser mantida, admite intervalos. São os momentos em que acontecem experiências não-integradas. A continuidade diz respeito aos

estados de integração que sustentam a experiência egóica e os intervalos dizem respeito às vivências não-integradas, referidas aos desvios e favoráveis aos processos intuitivos e à criação. Podemos pensar, então, em experiências postas lado a lado, de modo a dar uma continuidade, mas que não é o mesmo que uma totalidade acabada. Há uma totalidade fragmentária, havendo um 'e' entre essas experimentações, um espaço para o devir, para a brincadeira, para o objeto transicional, para a experiência cultural. Quando falamos de objetos transicionais, criatividade, ilusão, etc., em todos esses postulados, já podemos vislumbrar aquilo que é nomeado como espaço potencial. Esse nos parece ser um conceito fluido que percorre os demais, ou seja, que preenche e cria brechas de onde surgem as linhas de fuga de onde surgem devires. Vejamos como Winnicott (1994, p. 161) define o espaço potencial.

Postulei a existência de um espaço potencial entre o bebê e a figura materna que é a localização do brinquedo. Este espaço potencial só vem a ter importância em resultado da experiência viva do bebê. Ele não é herdado; o que é herdado pode ou não resultar na conquista de um lugar para a experiência do brinquedo no caso de qualquer bebê vivo.

Esse enunciado demonstra o valor da experimentação para a concepção winnicottiana da subjetividade, pois o que é herdado, embora seja importante, por si só não basta, ficando evidente que o espaço potencial é constituído pela experiência viva do bebê. Para Winnicott (1997, p. 47), o bebê surge na cena ambiental em um estado de indiferenciação e o momento em que a criança já pode fazer essa distinção entre dentro-fora é aquele em que percebe "... que existe algo na margem e que este algo é ela própria". Eis aí a lógica de um espaço que traz em si o paradoxo de surgir como algo que distingue duas zonas do psiquismo, ao mesmo tempo em que são constituídas. Essa idéia de ser um processo que se situa na margem nos interessa para pensar o espaço potencial, não como uma instância e sim como um movimento de travessia, processo incessante que pode ter a sua ação intensificada ou enfraquecida, conforme as contingências dos encontros. Nessa aproximação que estamos promovendo, o espaço potencial seria uma espécie de "terceira margem", termo que tomamos de empréstimo de Ceccim (2004, p.264), para descrevê-lo como lugar de travessias, de passagens, um espaço híbrido para produção de subjetividade onde sujeitos não são pontos centrais, mas, sendo aquilo que pode derivar da travessia.

Essa experimentação que gera acontecimento é o que desejamos aproximar da noção winnicottiana de fantasia porque, o conceito de fantasia, nesse autor, está vinculado à idéia

de “experiência viva”, em contraposição ao devaneio que é vivido só na mente, havendo, nesse caso, uma dissociação entre psique e soma. Para Winnicott, viver é experimentar. Experiência viva é ter a sensação que existimos, agimos, sofremos, rimos, choramos, sonhamos, fantasiamos e deliramos, de modos diversos. E isso pode ser vivido como experiências integradas, não-integradas e desintegradas. A doença está em não existir, na sensação de não-existência. No documentário *Estamira*²⁶, temos um belo exemplo dessa concepção. Estamira, é alguém que escapa a uma normatização, a um padrão estabelecido do que se entende como bem viver. Estamira é alguém especial porque, em meio a sua “loucura” mantém a sua autonomia, resistindo à submissão imposta por determinados padrões estabelecidos. Winnicott diz que o saudável é viver criativamente e que a submissão é aquilo que constitui uma base doentia para a vida. Sob esse ponto de vista Estamira é muito mais saudável porque consegue extrair de uma situação de miséria material, do lixo do mundo, a resistência que sustenta a complexidade de sua existência. Conforme as suas palavras, ela própria fabrica a sua existência.

Para o que nos interessa ressaltar, a respeito da construção da fantasia como experimentação, descrevemos, a seguir, um episódio que, também, exemplifica o que entendemos como ‘experiência viva da criança’, fato que testemunhamos no cotidiano de uma breve “viagem” em um elevador.

Um episódio no elevador

Uma criança entra no elevador, acompanhada de sua avó e o que logo atrai a atenção é que a menina, de mais ou menos, dois anos de idade e com uma chupeta na boca, traz uma fralda dobrada sobre o seu pequenino ombro esquerdo, a qual parece segurar de modo cuidadoso. Ao perceber o discreto interesse despertado, sua avó diz que é uma boneca que a neta está carregando, embora ali só tenha pano. Se olharmos para aquele objeto apenas com o olhar da objetividade, isso torna limitado o alcance de qualquer experimentação. Todavia,

²⁶ Filme brasileiro, gênero documentário, dirigido por Marcos Prado no ano de 2004. Sinopse: A Estamira que dá nome ao documentário tem 63 anos. Com problemas mentais, ela trabalha no Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. O filme traça um perfil dessa interessante mulher, colocando em pauta assuntos como a saúde pública, a vida nos aterros cariocas e a miséria brasileira. (disponível em: <http://br.cinema.yahoo.com/filme/13933>, acessado em 3 de julho de 2007).

quando conseguimos ver “por detrás das órbitas”²⁷ enxergamos o mundo pelo olhar do encantamento e da descoberta e podemos habitar, ainda que por instantes, territórios inexplorados onde a lógica da explicação e do bom senso certamente não têm boa acolhida.

Voltando ao episódio do elevador, só podemos concordar com ambas que sustentam, na sua cumplicidade de neta e avó, que o que ali estava era uma boneca. O brincar compartilhado encontra-se, portanto, presente no uso que a menina faz de seu objeto transicional. Observando a menina, é fácil deduzir que provém de uma família que pode supri-la com muitas bonecas, mas acontece que aquela ali, concebida da maciez de uma fralda dobrada, é absolutamente singular, porque foi a criança que a criou a partir de prováveis experimentações empreendidas em sua jovem existência. Temos que reconhecer como fundamental o gesto de aceitação plena de sua avó, que poderia ser de qualquer outro, para que a experiência de criação seja bem sucedida. Isso quer dizer que houve a produção de um grau de confiança na criança em relação ao ambiente, ou seja, que este não lhe faltou quando ela precisou dele. Nesse reconhecimento, desejamos ressaltar que é preciso, especialmente para a criança pequena, que alguém não somente a ame e cuide dela, mas que acolha o seu gesto como potência e dádiva, gesto que a criança expressa pelo brincar, sendo relevante que o adulto esteja lá para receber aquilo que a criança oferece. Em outras palavras, não basta que o adulto esteja lá pronto a dar, através do fornecimento da provisão ambiental, mas que esteja igualmente disponível para receber a produção da criança em termos de dádiva. Essa receptividade se configura como o acolhimento que não se faz de modo intrusivo e que permite que a criança se expresse nos seus próprios termos. Essa breve ilustração da criança no elevador nos inspirou para introduzir a afirmação winnicottiana de que o brincar está na base das experiências de criação do mundo, que se encontram logo ali, nas vivências do cotidiano e por extensão e em contigüidade com as experiências culturais e místicas, sendo preciso enxergar e valorizar esse feito.

O ato de brincar é importante para a vida porque permite que qualquer um possa enlouquecer ao mesmo tempo em que permanece ancorado à razão. O brincar situa-se nessa zona em que acontece a experimentação ilusória e que ganha consistência no instante em que fralda e boneca não se distinguem mais. Um gesto de fusão-separação contido, em um breve momento, naquele brincar proposto pela criança e de tal modo que o ambiente que compõe

²⁷ Em “Diálogos”, Deleuze (id,1998, p. 59) cita o escritor Henry Miller: “... vejo que por detrás das órbitas desses olhos se estende um mundo inexplorado, mundo das coisas futuras, e desse mundo qualquer lógica está ausente...”

aquela cena aceita o gesto como criação. Essa área da ilusão, “terra de ninguém” e zona de passagem que se presentifica entre o dentro e o fora, sendo os dois, ao mesmo tempo, e não se reduzindo a nenhum deles, é o espaço potencial que o autor nomeia também área intermediária da experiência, a morada do brincar.

4.1 – Área de repouso e de contágio

Winnicott apresenta o espaço potencial como área de repouso, onde a produção criativa acontece em meio a uma condição psíquica que ele postula como estado de não-integração. Esse estado não integrado é descrito pelo autor como a condição necessária ao nascimento psíquico do bebê que alterna momentos de relaxamento e tensão e, talvez, possamos dizer de produção criativa e produção reativa, fatores inerentes a todo processo existencial. Vivemos assim, agindo e reagindo, mas o que favorece a manifestação criativa é o retorno que empreendemos a esse estado não-integrado. Nessa circunstância, não existem metas prévias a serem atingidas, e o afeto que predomina é a intuição que ‘brota’ de uma condição de desligamento, de sentimento de liberdade, de poder ser inconseqüente e ter vontade de ousar. Lins, como comentadora desse autor, menciona que esse estado não-integrado, essencial ao ato criativo, é aquele “em que o indivíduo fica sem orientação determinada, capaz de flutuar, de existir sem ter que agir ou reagir” e que, na clínica, o surgimento desse *estado não-integrado da mente* refere-se a “uma atmosfera especial que leva o analista e seu paciente a ficarem juntos sem experimentar a irritante busca dos fatos ou do sentido”. (LINS, 1997, p.21)

Para Winnicott, a linha de continuidade da existência que já mencionamos, é produzida pela alternância de: estados de integração, que nos dão a sensação de ser um indivíduo distinto dos demais; com estados de personalização, que nos dão a noção de corporeidade; e com a experiência de estar conectado ao mundo, processo que ele chama de realização. Na concepção estética que estamos imprimindo à visão winnicottiana, temos uma subjetividade que se produz em meio a esses elementos que se alternam sem que a passagem por um desses estados represente a finalização de um processo.

Antes de seguirmos adiante, é importante destacarmos a fundamental diferença que Winnicott faz sobre o que ele conceituou como estado de não-integração do que se conhece em psicanálise como temor à desintegração, estado que faz parte, igualmente, da nossa

existência. O autor distingue a ‘não-integração’ daquilo vivido como ‘angústia de desintegração’ que é um estado psíquico em que a angústia predomina como reação defensiva do ego a possíveis falhas ambientais. Para ele, é sempre em razão das falhas ambientais que essas defesas se manifestam. Em uma experiência de desintegração, o que é experimentado como ameaçador é a possibilidade de interrupção da linha de continuidade da existência, temor esse vivido pela sensação de que um desmoronamento psíquico (ou da própria vida, quando provocado por algum acontecimento real) está prestes a acontecer ou já aconteceu. Nesse caso, a pessoa adoece efetivamente e vive o sentimento de estar perdendo as suas mínimas referências existenciais e sente-se paralisada. Na linguagem aqui explorada, podemos dizer que isso significa um estado de interrupção de fluxo das forças vitais que sustentam essa sensação de ser, daquilo que chamamos de ‘seguir sendo’, algo que também chamamos de *self*²⁸. Para Winnicott, quando essa condição predomina não é possível brincar e nem criar porque um padrão reativo se impõe ao *self*, para que ele não sucumba.

Retornemos ao estado de não-integração, razão do nosso interesse momentâneo. É a partir dessa concepção teórica que surge a noção de espaço potencial. Uma área do psiquismo onde o autor localiza a matriz da criatividade. Essa dimensão psíquica apresenta considerável plasticidade expansiva para funcionar, ao longo da vida, como: reservatório de experiências mágicas; da descoberta e da criação do mundo; de toda a ação lúdica; das artes, da cultura e das experiências místicas. Modalidades de experimentar a vida que apresentam uma conexão direta com o ato de brincar de nossa primeira infância. Uma outra definição para o espaço potencial é apresentada pelo autor nos seguintes termos:

...constitui uma área intermediária de *experimentação*, para qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas. (WINNICOTT, 1975, p.15).

²⁸ Os termos ego, ‘eu’ e *self* se revezam de forma indiscriminada nos relatos winnicottianos, provocando certa confusão quanto ao seu uso, embora no tratamento que dá em outros momentos ele parece distingui-los com mais clareza. Um dos mais respeitados comentadores de sua obra no Brasil, Gilberto Safra propõe uma distinção entre esses termos e que transcrevemos, a seguir para estabelecer a diferença entre o uso dos mesmos: “Diferencio o *self* do ‘eu’. Compreendo o *self* como uma organização dinâmica que possibilita um indivíduo a ser uma pessoa e ser ele mesmo. Trata-se de uma organização que acontece dentro do processo maturacional com a facilitação de um meio ambiente humano. A cada etapa deste processo há uma integração cada vez mais ampla decorrente de novas experiências de vida. O ‘eu’ seria, para mim, um campo representacional que possibilita ao indivíduo uma identidade nas dimensões do espaço e do tempo. É importante ressaltar que nem o *self* e nem o ‘eu’ confundem-se com o ego que uma das instâncias intrapsíquica de caráter funcional, articulador das demandas do id, do superego e da realidade” (SAFRA, 1999, p. 37)

Para alguns, essa área de repouso é entendida como campo neutro, porque não há prevalência do interno sobre o externo e vice-versa. Para Macedo (1999, p.130), “o espaço transicional é esta zona neutra – em relação às realidades interna e externa e também em relação à excitação pulsional”. Embora reconhecendo que essa afirmação ganha sentido nos termos relacionais que esse autor menciona, gostaríamos de problematizar essa questão da neutralidade a fim de saber se, mais do que neutra, essa não seria, também, uma área de interferências. O paradoxo estaria justamente no seu caráter transicional, porque é concebida, ao mesmo tempo, como: zona neutra e de contágio; lugar de repouso e tensão; espaço de quietude e atividade; área precária e consistente, um espaço onde se experimentam estados de razão e desrazão. O que queremos dizer é que, no espaço lúdico, todas essas modalidades de experimentação são possíveis, porque são vividas como paradoxos e não como contradições.

O nosso pensamento é de que a palavra neutralidade, empregada nesse contexto, parece não dar conta da idéia de precariedade que Winnicott lança sobre as experiências do brincar, e por extensão, as experiências criativas, de que falamos anteriormente. Para nós, esse processo se configura mais como um equilíbrio sustentado por uma mobilidade – e por isso mesmo precário - que permite que aquilo que é produzido no espaço da transicionalidade se componha em arranjos heterogêneos que só prevalecem na medida do tempo necessário ao seu uso, vivências que permanecem no limbo e que podem ressurgir em outras experimentações. O termo *limbo* é usado pelo autor para dizer qual é o ‘destino’ do objeto transicional, que não é recalcado, tampouco dissociado. O seu destino não é virar lembrança ou fantasia, pois o que ocorre é um desinvestimento do objeto que permanece no limbo. Limbo que, aqui, propomos aproximar da noção de virtual, tal como é mencionado por Deleuze (id, p. 178) em “Diálogos”, quando afirma que aquilo que é virtual coexiste com o atual, não sendo oposto ao que é real: “pois, como mostrava Bergson, a lembrança não é uma imagem atual que se formaria depois do objeto percebido, mas a imagem virtual que coexiste com a percepção atual do objeto”.

Com isso, queremos dizer que uma determinada composição de fatores se apresenta em dado momento para, num tempo seguinte, não mais vigorar, desfazendo-se e dando lugar a novos arranjos sem que haja subordinação de uns sobre outros. Algo como uma feira de pássaros, onde um toma a dianteira, indicando o fluxo a ser seguido, conduzindo o bando em uma determinada organização espacial. Mais adiante, será outro elemento do grupo que assumirá aquela condução. Nenhuma hierarquia irá prevalecer e os territórios são estabelecidos e desfeitos ao sabor do vento, conforme as circunstâncias – velocidade e direção

do vento, clima, luminosidade. Um do próprio bando conduz a passerada e pode ser qualquer um, desde que assuma, por um tempo, a função de condutor. A ‘troca de turno’ se dá, então, por contágio, porque é preciso dar prosseguimento à revoada e, enfim, aquilo que corre entre muitos é o que prepondera. Assim também pode ocorrer com os modos de existir e de estar no mundo, ainda que seja entre dois - como costuma ser, no caso dos atendimentos na clínica individual – algo que pode ser vivenciado como o que corre entre muitos.

Essa questão do contágio, do modo como está sendo apresentada, não diz respeito a um sujeito que contagia o outro. O contágio é trabalhado, aqui, como algo impessoal, algo da ordem da propagação que acontece em meio às experimentações. Trata-se de uma “unidade mínima a ser imitada” que funciona como disparador da “formação de um tecido coletivo”, uma idéia que Lancetti (1994, p.161) retira do pensamento de Gabriel Tarde²⁹, para afirmar que a imitação e a invenção são os elementos mínimos e fundamentais para a formação do tecido coletivo. O contágio, nessa modalidade, não pode ser entendido como um processo intersubjetivo porque, nessa condição, não tem sujeito e nem há liderança fixa. Se observarmos bem o exemplo mencionado, quando os pássaros se posicionam em formação de asa delta, na realidade, eles não estão sendo conduzidos por um, ou seja, não estão sendo submetidos a uma liderança. Trata-se de uma formação que é feita coletivamente no aproveitamento do deslocamento de ar que é provocado por todos. Ou seja, tanto aquele que se posiciona como vértice, como todos os outros que compõem os dois vetores da formação em asa são fundamentais, para aquela empreitada e isso tudo é que é o disparador do coletivo. Se o contágio é imitação, não é para produzir cópias, mas, ainda segundo Lancetti, para produzir invenções, algo que se repete de maneira diferente. Processos que esse autor observou no trabalho feito em grupo, com pacientes psicóticos e que o fez deduzir que essa experiência de contágio, mais do que produzir fantasmas, pode funcionar como “atrator mutacional”³⁰, provocar mudança por contágio. Vejamos o que Lancetti (ibid) diz:

²⁹ Filósofo, sociólogo e psicólogo francês (1843-1904).

³⁰ Lancetti (1992, pp. 175-6) faz referência a um termo usado por Guattari no texto “Restauração da cidade subjetiva” (GUATTARI, 1992, p. 167) que, ao escrever sobre o espaço urbano, afirma que: “experimentação social visa espécies particulares de ‘atratores estranhos’, comparáveis aos da física dos processos caóticos”. Uma ordem objetiva ‘mutante’ pode nascer do caos atual de nossas cidades e também uma nova poesia, uma nova arte de viver. Essa ‘lógica do caos’ pede que se examinem bem as situações em sua singularidade. Trata-se de entrar em processos de re-singularização e de irreversibilização do tempo; Além disso, trata-se de construir não apenas no real mas também no possível, em função das bifurcações que ele pode incitar.

Essas unidades mínimas em constante transformação que possibilitam as simpatias, as ressonâncias, são os componentes do campo de forças ou de afetos, a matéria dos vínculos. Nesses devires de intensidade pré-significantes, anteriores à transferência, fundamenta-se a potência grupal. Daí a importância dos ritmos e da velocidade corporal.

Essas mudanças de velocidade, intensidade e ritmo, as imitações que operam como atratores mutacionais são os componentes fundamentais da grupalidade entendida como produção de subjetividade e não como simples manifestação de uma organização já dada.

No caso da feira de pássaros, temos algo que pode ser vivenciado mas, que não é a experiência de um que contagia os demais e sim, o que se passa entre eles e os mantém como bando. Há uma impessoalidade na experiência, porque sendo de todos, resulta na experiência do bando. A feira se compõe como experimentação contagiante naquele voo coletivo cuja condução pode ser de qualquer um do bando, que dela se aproprie. Falamos de uma experiência de propagação que corre entre margens, como já dissemos, mas que não adere a nenhuma delas, porque é fluxo. A experiência é o que se situa em ‘meio a’, não sendo nem uma margem e nem outra e sendo parte das duas ao mesmo tempo.

Após esse desvio, para elucidar o uso do termo contágio nesse contexto, voltamos à Winnicott, para dizer que, na leitura que estamos fazendo do espaço potencial, pensamos que falar de uma neutralidade, marcada pela falta de contágio, nos remeteria a uma homogeneização da pretensa criação, retirando da mesma o seu caráter irruptivo e expressivo. Essa noção de alternância que estamos chamando de “troca de turno” é importante, porque, na perspectiva winnicottiana, aquilo que será reconhecido como *self*, deriva das experiências de repouso e de atividade que se alternam produzindo arranjos que o autor concebe como acúmulos de experimentações e que é, para ele, uma construção silenciosa. Embora o autor use a palavra somatório, propomos que não seja entendido como um somatório em série, em que uma experiência sucede a outra, superando-a. É por isso que ressaltamos, nesse autor, a idéia de arranjo precário em sua concepção da subjetividade, plástica, com um ego que não é inteiro, porque a idéia de parcialidade persiste.

Aqui, ‘ego’ equivale a um somatório de experiências. O eu individual tem como início um somatório de experiências tranquilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade à quietude, e o estabelecimento da capacidade de esperar que haja recuperação depois das aniquilações; aniquilações resultantes das reações contra as intrusões do meio ambiente. (WINNICOTT, 2000, 405)

A área de repouso ou de quietude é importante, especialmente na clínica, por relação ao seu aspecto rítmico, uma ritmicidade que é acompanhada de pausas. Temos, aqui, a não integração manifesta em ações de quietude e repouso, sem que isso seja compulsoriamente interpretado como retraimento, porque esse último já seria um processo defensivo deflagrado por temor à desintegração, conforme já explicamos. Estamos nos referindo às pausas necessárias para a manutenção de um ritmo respiratório, como podemos observar, por exemplo, os intervalos que um bebê produz ao sugar o seio, mamadeira, chupeta ou até mesmo os próprios dedos. Na visão winnicottiana, esse movimento intervalar que acompanha a respiração, visto como criação, pode se configurar como um fenômeno transicional, ou seja, respirar pode ser um gesto criativo, conforme citação feita como epígrafe desse capítulo. Um outro exemplo de ritmo que produz subjetividade é o embalo do bebê ao ser ninado no colo materno ou no próprio berço, modulações rítmicas que aparecem tão claramente nos jogos que a criança desenvolve, e que merecem ser registradas como criações singulares.

Observações desse tipo nos remetem a uma passagem descrita por Deleuze que, da mesma forma, menciona as manifestações silenciosas como pausas necessárias a novas modalidades de percepção. Sobre isso, Deleuze (1992, p. 162) diz:

De modo que o problema não é mais fazer com que as pessoas se expressem, mas arranjar-lhes vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer. As forças repressivas não impedem as pessoas de se exprimir, ao contrário, elas as forçam a se exprimir. Suavidade de não ter nada a dizer, direito de não ter nada a dizer; pois é a condição para que se forme algo raro ou rarefeito, que merecesse um pouco ser dito. Do que se morre atualmente não é de interferências, mas de proposições que não tem o menor interesse.

Deleuze (ibid, 151), inclusive, vislumbra, nesses estados de aparente neutralidade, praticamente “sem reação possível”, outros modos de expressão. Sendo justamente nesses momentos, onde os movimentos não funcionam mais como “ponto de alavanca”, que haverá lugar para a expressão de “situações ópticas e sonoras puras, que engendrarão modos de compreensão e de resistência de um tipo inteiramente novo”. O silêncio descrito como modo de expressão e sendo uma afirmação totalmente compatível com o estilo winnicottiano de fazer clínica que não considera a situação silenciosa manifesta nesse espaço, como necessariamente constrangedora ou vista como defesa. A quietude, compartilhada e

sustentada como estado não-integrado, pode ser vivenciada como momento propício a produção de sentidos, captados em uma dimensão da linguagem que é diferente do discurso.

4.2 –Solidão compartilhada e silêncio

Solidão e silêncio são temas recorrentes na obra de Winnicott que, talvez, tenha sido o primeiro psicanalista, senão o único de sua época, a ressaltar a importância do estado de solidão compartilhada no *setting* clínico. Novamente, temos aqui, o tema do encontro. Em seu artigo “A capacidade para estar só” (1982, p. 31), descreve a necessidade que a criança tem de experimentar o paradoxo que é estar sozinho na presença de alguém, uma experiência de solidão que vem acompanhada de uma presença não intrusiva e que faz com que alguém se sinta único ao mesmo tempo em que se encontra em meio a uma multidão. Isso significa estar em imanência com o universo sem, que haja prevalência de nenhum dispositivo egóico. É poder tomar posse de um estado de autonomia, sentir-se só e acompanhado ao mesmo tempo, em plena coexistência com o mundo que o cerca. Há uma positividade nessa concepção de solidão compartilhada, nos momentos em que a criança brinca em estado de relaxamento, sozinha, porém em conexão consigo mesma e com o mundo. Trata-se de um movimento regressivo³¹ ao *estado não integrado da mente*, como possibilidade de criação, mediado pelo brincar. Essas ocasiões especiais são vistas pelo autor como a criança estando em um estado de entrega, favorável à criação. Percebemos que a questão do cuidado comparece nessa leitura, porque a capacidade de estar só obtida a partir de um cuidado dispensado por outrem, do cuidado ambiental, leva o indivíduo a ser capaz de cuidar de si próprio.

Também no *setting* clínico, esses momentos de solidão compartilhada se manifestam, sendo preciso que o analista possa diferenciá-lo das situações de retraimento defensivo. Se aquilo que o analista tem a oferecer, nesses momentos, é a sua presença sensível, essa postura favorece a vivência de estar só como um estado de comunhão. Às vezes, é somente isso de que o paciente necessita. Mesmo porque existem afetos que se manifestam, mas que não podem ser expressos por palavras e não há dispositivo interpretativo que dê conta dessas interpretações. Muitas vezes precisamos usar novas estratégias clínicas para lidar com aquilo que está para além do que é da ordem do não dito, porque são situações tidas como indizíveis.

³¹ A regressão winnicottiana é um conceito que difere do tradicional conceito de regressão em Freud. Nesse, a regressão refere-se ao retorno, por fixação a uma das fases evolutivas da sexualidade infantil. No caso de Winnicott, a regressão é ao estado de dependência incondicional ou ao estado de não-integração. Ou seja, não é necessariamente uma regressão defensiva.

Nessa linha de pensamento, Rozenthal (informação verbal)³², afirma que há ocasiões em que, o que está em jogo ...

... não é o território do não dito e que poderia ser dito. O que está em jogo é o território do indizível. Daquilo que não teria como ser dito porque não é da ordem da representação. O indizível, que surge na clínica não pode ser falado e nem escutado (...) é um clima é uma sensação, ... [algo] que toma o corpo do analista e do analisando ao mesmo tempo.

Assim, para que o silêncio seja experimentado em compartilhamento, é preciso que a solidão seja uma conquista e não uma ameaça. Poder ficar só é uma aquisição que fazemos nos primórdios de nossas vidas, que é diferente do medo da solidão manifesta pelo silêncio defensivo que se instaura por uma atitude de retraimento. Na clínica, isso só é possível de ser alcançado pelo paciente se o terapeuta souber, também, sustentar a solidão que a sua função impõe. Caso contrário, a sua angústia se sobressai e, inadvertidamente, quebra esse momento de silêncio vivenciado em mutualidade.

O que Winnicott parece dizer é que não podemos tomar o silêncio, *a priori*, como uma experiência defensiva, de resistência ao tratamento, porque essa quietude poderá estar representando a conquista de uma solidão vivida em estado de compartilhamento. Assim, percebemos que, não só é preciso respeitar o direito de não se comunicar, como pensar no silêncio como possibilidade de criação e, no âmbito da clínica, esse aspecto é relevante, porque requer do terapeuta uma boa dose de habilidade no manejo de situações em que o silêncio predomina, conforme ilustramos, a seguir, com o relato de duas experiências clínicas, sendo que a primeira foi considerada como mal sucedida por um dos protagonistas da história.

Silêncio! Preciso parar!

Um paciente chega ao consultório no seu horário habitual, cumprimenta discretamente o analista, deita-se no divã e, sem falar nada, aquieta-se. O analista espera e percebe que o paciente não dorme, não está inquieto, apenas está calado, aparentemente sem vontade de falar, de se comunicar. O que pensa o analista? Este sim, já um pouco inquieto, remexe-se na cadeira e pergunta-se a si mesmo o que deve fazer. Intervir, fazendo menção ao silêncio ou

³² Comunicação feita por Eduardo Rozenthal em 5 de dezembro de 2006 no evento “Ética e Cuidado no Contemporâneo” realizado pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, em dezembro de 2006.

aguardar o transcurso dos acontecimentos? Em um dado momento, o terapeuta intervém dizendo ao paciente que era preciso trabalhar, afirmando que, quando se vai à análise, é para trabalhar alguma questão.

Algumas informações a respeito desse paciente revelam que se trata de alguém que precisou imprimir à sua vida pessoal e profissional um alto grau de auto-suficiência, sem o qual acreditava que sucumbiria. Era uma pessoa que se queixava da sua dificuldade para relaxar e ficar ociosa, necessitando estar, o tempo todo, com a mente ocupada. Durante as sessões, experimentava um estado de conforto, quando permanecia quieta, podendo entregar-se ao silêncio, mesmo por um breve tempo, desde que alguém estivesse ali para cuidar para que nada de ruim acontecesse. Podia, assim, usufruir desse estado de relaxamento, porque um outro ficaria em alerta em seu lugar.

Esse recorte já basta, para que nos aproximemos da cena descrita. Parece que o agir do paciente dependia, naquele momento, da possibilidade de aceitação do seu gesto pelo analista. Uma intervenção, fora do tempo preciso, poderia ser desastrosa e dar como perdida a oportunidade do paciente desfrutar essa experiência de quietude que poderia remetê-lo a uma experiência de repouso, se quisermos usar a nomenclatura winnicottiana a um estado de não-integração. Posteriormente, essa pessoa se deu conta que aquilo que poderia ter sido vivido como um momento mágico foi quebrado com a intervenção feita pelo analista, pois voltou a sentir-se 'ligada', como se fosse uma corda esticada.

O que depreendemos desse episódio é que a intervenção inoportuna terminou por remeter o paciente ao mesmo posicionamento que adotava diante de seus problemas e da vida e do qual parecia querer escapar, traçando linhas de fuga que permitiriam que pudesse experimentar novas posições, ou novos estados afetivos para as questões que o afligiam. Com uma intervenção desse tipo, considerada intrusiva, é possível que se perca o momento mágico do desvio no encontro. Aquilo que é percebido como sintoma pelo analista pode ser uma linha libertária para o cliente. O analista expressa, nesse exemplo, a sua cronicidade provavelmente mantida pelas lentes científicas que o cegam da rica experiência sensível.

Podemos ir sem pressa!

Uma outra experiência que diz respeito, igualmente, à necessidade de experimentar certa calma diante dos problemas do dia a dia: uma paciente vem se queixando de um

cotidiano extremamente corrido tanto em sua vida profissional quanto na pessoal, fato que tem provocado um extremo cansaço e reações estressantes (sic) produzindo a sensação de que a qualquer momento vai “pifar”. Esse ritmo desenfreado, provocado por uma carga excessiva de afazeres faz com que ela se atrase, recorrentemente, para as sessões de psicoterapia. Em uma das sessões, chegou bastante atrasada, quando faltavam uns dez minutos para o término do tempo estipulado e após as justificativas habituais, iniciou uma fala rápida, porque trazia uma série de assuntos que desejava abordar, procurando reduzir em poucas palavras o que queria dizer a fim de ser breve e não ocupar, além do estabelecido, o tempo do seu ouvinte. Nesse caso, o terapeuta pode ser sensível, para perceber a dinâmica psíquica que ali se instaurava como uma repetição do ritmo acelerado que a paciente vinha imprimindo em sua vida e pode intervir sinalizando para que fizesse o seu relato com calma porque havia disponibilidade para isso, naquele dia – “podemos ir sem pressa” - e deixou que a sessão transcorresse por um tempo bem maior que o usual, na tentativa de oferecer uma acolhida que poderia resultar na experimentação compartilhada de um estado de calma, tão caro à vida dessa pessoa naquele momento.

Como vimos, a partir do que expomos do pensamento desses autores, o repouso e a quietude são acontecimentos que deflagram devires, porque há momentos em que não há nada a ser dito e sim sentido, conforme já mencionamos. São ocasiões em que o repouso e a quietude precisam ser respeitados como sendo, às vezes, únicos modos de expressão possível daquilo que é indizível. Em linguagem deleuziana, talvez seja através de “vacúolos de solidão” que as pessoas tenham, enfim, algo a dizer, porque é preciso garantir a “suavidade de não ter nada a dizer, direito de não ter nada a dizer; pois é a condição para que se forme algo raro ou rarefeito, que merecesse um pouco ser dito.” (Deleuze, 1992, p. 162)

4.3 – o espaço potencial e o virtual.

Após seguirmos os desvios produzidos pelo nosso pensamento, e que nos levaram a fazer essa diversidade de considerações, chegamos a uma concepção pessoal para o que Winnicott denominou *espaço potencial*. Algo como um plano de forças, de intensidades prestes a serem expressas pelo indivíduo e recebidas pelo mundo. Espaço potencial, visto como uma “... área disponível de manobra, [...] terceira maneira de viver, [...] produto de experiências individuais” (WINNICOTT, 1975, p. 148). Tal como o plano de imanência, o

espaço potencial é constituído à medida que vai sendo usado. O caminho é traçado pela experimentação, da mesma forma em que se abre uma trilha no meio de um matagal, ou se singram mares nunca dantes navegados. O espaço potencial não existe previamente à experiência, é algo que vai se fazendo a partir das experimentações produzidas pelos encontros.

Esse é o espaço que, ao mesmo tempo, liga e separa bebê e mundo e que se engendra a partir de uma posição do ambiente provedor que ali está e se apresenta com certa constância para que seja, ilusoriamente, criado. O bebê promove a diferenciação, preenchendo o espaço potencial com o brincar criativo. O bebê não reconhece, nem reproduz o ambiente. Mesmo que seja uma revisitação, sempre é uma nova experiência, sendo, por isso mesmo, um ato de criação. A preocupação que cerca essa proposição é conceber a criatividade por uma vertente que descentraliza uma possível localização interiorizada, pois, é um espaço em meio aos encontros, abrangendo múltiplos componentes. O espaço potencial, repetimos, é aquele existente entre infante e mundo e que precisará, sendo plano de imanência, ser constituído e trilhado, sem que se saiba previamente aonde esse caminho vai.

Em uma conexão da noção de espaço potencial com o tema da virtualidade, surge uma questão: quando Winnicott diz que a subjetividade é processada pela sobreposição daquilo que é concebido subjetivamente com aquilo que é percebido objetivamente, não poderíamos pensar em termos de realidade virtual imanente ao ser que se atualiza em estado de coisas?

Em um texto em que aborda essa conexão, Luz (2000) afirma que o conceito de espaço potencial contempla, em sua composição, as noções de “experiência ilusória, transicionalidade e ação lúdica” e que o termo “potencial” não é usado, por Winnicott, com o significado único de uma potência que se realiza. A expressão “potencial”, nesse contexto, faz referência a um virtual que se atualiza, porque o espaço potencial traz, em si, o duplo sentido de ser um espaço “onde se constituem, experimentalmente, tanto a subjetividade psicossomática quanto a objetividade de um mundo compartilhado”. Quando Luz menciona que a noção de experiência ilusória é componente do conceito de espaço potencial, entendemos que outro componente conceitual é a noção de virtualidade. Esse autor propõe um agenciamento do espaço potencial com a noção de virtual, porque essa zona transicional é um lugar de passagem onde se “joga o jogo livre das forças” que transitam em modalidades diversas de realidade. O espaço potencial, visto como plano de virtualidade, “é o lugar de instauração e de trânsito de uma relação aberta de possíveis, relação criadora dos pólos que

ele põe em relação: mãe bebê, força vital e meio ambiente, gesto espontâneo e formação social, realidade subjetiva e realidade objetiva.”.

Atual e virtual não se excluem; ao contrário, fazem parte de um só plano existencial e essa é uma afirmação deleuziana, desenvolvida a partir de Bergson. Para Deleuze, o virtual não se opõe ao real, porque ele é imanente ao real. A distinção estaria entre virtual e atual, ainda que façam parte do mesmo plano. O virtual não é o imaginário, algo que uma mente imagina. O virtual é algo que coexiste com o atual e se o virtual é parte do real, ele é parte da experiência. Se o acontecimento é virtual, ele ganha corporeidade quando se atualiza. Em todo processo, há sempre uma dimensão atual e virtual e aquilo que se atualiza diz respeito ao visível. Se o atual ganha visibilidade na experiência, o virtual se apresenta, igualmente, porém não é visível ou dizível. Ele é sentido, conforme já mencionamos. Isso é fundamental para a clínica, do modo como a estamos apresentando. Deleuze usa o tema da virtualidade para falar do inconsciente. Isso que é real e não atual, porém virtual, na linguagem deleuziana, é puro sentido. Essa idéia de inconsciente como produtor de sentidos significa dizer que toda realidade é virtual.

Em “Diferença e Repetição”, Deleuze (2006, p. 148-149) fornece um exemplo de como a dimensão virtual está presente na experimentação das crianças, quando elas aprendem a andar, demonstrando que o que está em jogo é um movimento de alternância entre virtual e atual, na relação com a mãe. Uma alternância que ele chama de “dualidades do foco infantil”. Duplo que aparece na relação, como experiência especular e não como imaginário. Deleuze afirma que, quando uma criança começa a andar, os movimentos que ela faz estão para além das excitações endógenas.

Nunca se andou de maneira endógena. Por um lado, a criança ultrapassa as excitações ligadas em direção à posição ou à intencionalidade de um objeto, a mãe, por exemplo, como alvo de um esforço, termo ao qual se procura ativamente reunir-se ‘na realidade’, termo em relação ao qual a criança mede seus fracassos e sucessos. Mas, *por outro lado e ao mesmo tempo*, a criança constitui para si um outro objeto, um outro tipo de objeto, objeto ou foco *virtual* que vem reger e compensar os progressos, os fracassos de sua atividade real: põe vários dedos na boca, envolve este foco com outro braço e aprecia o conjunto da situação do ponto de vista desta mãe virtual.

Winnicott parece dizer algo semelhante quando discorre sobre a amamentação, em que também se vislumbra uma experiência especular, na alternância entre o que é virtual e atual. Momentos em que o bebê estabelece as primeiras comunicações com sua mãe. Uma

comunicação pré-verbal, feita de gestos, sons e ritmos, balbucios e choros e, também, de quietude e silêncio, que se instauram nos intervalos das mamadas. Esses são encontros privilegiados nas experimentações engendradas entre bebê e mãe.

Para Winnicott, o que a mãe reflete é o bebê experimentando e descobrindo o mundo. Tudo é experimentação: fitar a mãe nas pausas da mamada, colocar o seu dedinho na própria boca ou na boca da mãe. Tudo isso acontece em alternância. Como observadores, poderíamos, talvez, dizer que o bebê brinca de dar comidinha para ele mesmo e para a mamãe. Experiência relacional “criadora de pólos”, vivida sob o ponto de vista da “dualidade do foco infantil”. Um jogo de vai-vem, que começa muito cedo. Esse movimento de ir e vir, de expansão e de retração faz com que se amplie o plano da experimentação, descrito por Winnicott como espaço potencial. Pela ótica que estamos privilegiando, não é a mãe o agente primordial dessa experiência e, tampouco, o bebê. O primordial é o que acontece nessa zona de experimentação. São acontecimentos que vão permitir, ou não, que agenciamentos se engendrem. Essa zona de indiscernibilidade, na linguagem winnicottiana, seria o espaço potencial.

Podemos, então, dizer que o bebê winnicottiano nasce em meio a essa zona de indeterminação. Seu nascimento psíquico é simultâneo à experimentação, da qual derivam subjetivações. Por essa ótica, não diríamos que o *bebê winnicottiano* é a mãe, ou que a mãe é o bebê. Winnicott chamava esse processo de “estado de preocupação materna primária”³³, uma devoção materna de tamanha intensidade que parece que a mãe sofreu um apagamento de si. Mas, talvez, possamos pensar esse peculiar estado materno como experiência de dissolvência egóica, que cria o paradoxo da ilusão criadora, uma noção importante desenvolvida por esse autor. A mãe, fundamental como provedora de cuidados, precisa se dissolver enquanto figura real, para permitir que o bebê a crie. Isso é algo que acontece *entre*, em meio aos encontros, às experimentações. Esse *entre*, é o que Winnicott postula como terceira zona do psiquismo, o espaço potencial, onde acontecem experiências ilusórias, transicionais e lúdicas, produtoras de fantasia e de realidade.

A concepção de virtualidade associada ao espaço potencial também é defendida por Gondar (2006), quando afirma que o conceito de espaço potencial, embora referido a um

³³ Preocupação materna primária – é o estado de sensibilidade elevada que a mãe vivencia a partir do final da gravidez, que se estende até algumas semanas após o parto e que faz com que fique devotada aos cuidados do bebê como se estivesse em um estado de retraimento, quase uma perturbação, caso não estivesse referido a esse momento da gestação e parto. É uma condição psíquica especial na qual a mãe se encontra e da qual se recupera ao término desse tempo. É esse estado que permite que a maternagem seja exercida como suficientemente boa (WINNICOTT, 2000, p. 399).

lugar, contempla a noção de tempo. Ainda que Winnicott não tenha se referido, diretamente, à questão temporal nesses termos diretos, a autora considera que há uma radicalidade processual na temporalidade que aparece na concepção winnicottiana de linha de continuidade da existência. O que acontece nesse espaço temporalizado não é a realização de algo previamente estabelecido, mas algo da ordem da criação. Trata-se de um movimento criativo, porque a dimensão potencial-virtual é “aquilo que se atualiza, no presente, e que condensa todo um campo de virtualidades, de potencialidades e abre um novo campo de possíveis para a vida” (ibid). O *self* winnicottiano ao qual estamos nos referindo como um “seguir sendo”, conforme já foi dito, é concebido como fluxo. Ou seja, para Winnicott, a constituição do *self* implica constância e continuidade. Na conexão proposta, não seria possível pensar, também, que esse “seguir sendo” implica duração e movimento? Embora não seja possível nos estendermos, aqui, sobre esse posicionamento teórico levantado por Gondar, importa registrarmos que, para ela, Bergson é o filósofo que melhor expressa a dimensão temporal contemplada no conceito de espaço potencial, porque Winnicott também trabalha com a noção de intervalo de tempo que produz subjetividade. O que é tempo para Bergson é o que Winnicott trata como espaço, conforme palavras de Gondar (2006):

Esse espaço vai ser pensado, de início, na relação entre a mãe e o bebê, como condição para a passagem da dependência a autonomia, ou seja, como condição de diferenciação. Mas Winnicott vai também valorizar este espaço na vida adulta, como espaço de experiência cultural e da criatividade. Eu diria que se trata, curiosamente, de um espaço temporalizado, um espaço construído sob uma lógica temporal, mais do que espacial. O que nele está em jogo é a continuidade do ser, a diferenciação, a criação, a experimentação, a potencialidade, todas elas dimensões ligadas ao tempo.

Se entendemos que o virtual não é aquilo que se realiza como algo que já estaria dado previamente, porque a virtualidade é algo que assume a dimensão atual, a partir da experimentação, perguntamos: não é desse modo que o espaço potencial se institui, no *setting* clínico, pela experimentação compartilhada entre analista e paciente?

O espaço potencial é aquilo que se atualiza em meio ao que extravasa e se expressa na relação estabelecida.

Concluimos esse segmento com Winnicott, para reconhecer a importância do espaço potencial como o espaço-tempo propício ao brincar, na clínica e na vida. Na idéia do brincar winnicottiano que valoriza o jogo sem regras, essa dimensão virtual-potencial está presente,

porque é uma experiência que acontece como fluxo. Para Winnicott, o *setting* clínico, embora configurado, em parte, por elementos concretos³⁴, é instituído como campo de experimentação e, nesse sentido, ele é fundamentalmente virtual. Winnicott (1975, p.151) valoriza o brincar e a experiência cultural, porque “são coisas que vinculam o passado, o presente e o futuro, e que *ocupam tempo e espaço*” (grifo do autor). O espaço potencial é o intervalo temporal, o vazio que é preenchido pelo brincar criativo. É pela confiança conquistada pelas experimentações que a criança promove a distinção daquilo que é inseparável. A criança conquista a capacidade para se sentir um ser único, no mundo, simultaneamente à capacidade para explorar novas possibilidades de existência.

³⁴ Referência à noção de moldura ou enquadre que configura o *setting* psicanalítico com a adoção de horário, número de sessões, honorários, etc.

Capítulo III

Brincar, experimentar, devir.

Em minha casa tenho reunido brinquedos pequenos e grandes, sem os quais não poderia viver. A criança que não brinca não é criança, mas o homem que não brinca perdeu para sempre a criança que vivia nele e que lhe fará muita falta. Tenho edificado minha casa também como um brinquedo e brinco nela de manhã à noite.

Pablo Neruda

1 - Brincar, experimentar, devir.

Neste capítulo, pretendemos dar continuidade às idéias, pela apresentação mais sistemática do enunciado teórico e o uso clínico que Winnicott fazia do brincar, buscando um agenciamento desse tema com a idéia de experimentação compartilhada e com os conceitos de molar e molecular, linha de fuga e devir, em Deleuze e Guattari. Como essa conexão será feita gradativamente à medida que os desdobramentos da temática forem surgindo, iremos brincar de “jogo da amarelinha”, numa escrita em que colocaremos um pé, ora num campo – o da clínica winnicottiana; ora no outro – o da filosofia de Deleuze e Guattari e jogando o seixo ao acaso pois, só assim, a cada jogada, saberemos quantos passos e quantas casas vamos poder avançar ou ter que recuar. Nesse percurso, novamente, algumas idéias de outros comentadores também nos servirão como complemento, além de ilustrações clínicas que iremos expor, a fim de sustentarmos as idéias que estamos defendendo.

Como podemos constatar a partir do pequeno trecho biográfico do poeta Pablo Neruda, a epígrafe na abertura desse capítulo, o brincar é um tema que tem sido abordado, com certa recorrência, por poetas, escritores, filósofos, músicos, educadores e psicanalistas, entre outros, com diferentes conotações. O senso comum parece entender que, especialmente no caso do adulto, brincar significa apenas diversão, algo que não é levado muito a sério e que se opõe às tarefas produtivas ligadas ao trabalho e à sobrevivência econômica. Uma atividade que, geralmente, tem hora e lugar estipulados para acontecer, entendida mais como momentos de relaxamento e entrega a uma ação que é socialmente reconhecida como necessária. Uma espécie de reparação e de reabastecimento de energia física e mental, para o retorno ao trabalho e à produção. Visto dessa forma, o ato brincar é considerado como mero passatempo e aí, trata-se de um brincar que é, usualmente, desvalorizado. Ou, então, é utilizado como uma meta, algo a serviço da educação ou de qualquer outro processo de desenvolvimento. Um

brincar enquadrado em normas, em regras que pressupõem o alcance de objetivos definidos. Quando o ato de brincar escapa dessas concepções, pode não encontrar reconhecimento para o seu real valor, o de força criadora que contribui para o enriquecimento da existência. A esse respeito, Safra (2006, p. 12) ressalta que:

Em um mundo regido pelo capital a produção de bens é vista como fundamental. Neste contexto, todos os elementos que não significam produção de bens são desvalorizados e desqualificados. Vemos esse fenômeno ocorrer principalmente com a arte, com o brincar e com a religiosidade. Uma característica do brincar é que nada produz. O brincar é apenas um modo de ser e estar em uma situação. O brincar, freqüentemente, é desqualificado por nada produzir e por estar sempre colocado na categoria do infantil, então é algo sem muita importância.

No caso da criança, é mais aceita a idéia de que o brincar é um fator importante no seu desenvolvimento, pois permite a utilização de recursos imaginativos para experimentar e criar uma representação de si e do espaço que a cerca, mas como já dissemos, na vida adulta, o brincar não costuma ser visto como força criadora. Se a importância do brincar fica restrita apenas a essa visão de infância, corremos o risco de reduzir o brincar a um mero ato de preparação da criança para a vida adulta e, nesse caso, o ato de brincar seria apenas entendido como investimento necessário à formação daquele que será, amanhã, o adulto bem sucedido. A criança que brinca e que é vista somente por essa perspectiva se encaixa naquele modelo que Deleuze e Guattari (1997, p. 92) chamaram de “criança molar da qual o adulto é o futuro”. Para esclarecer o que querem com isso, será preciso distinguirmos as noções de molar e molecular, na leitura que esses autores fazem sobre as diferenças concebidas entre os dois modos de pensar e que já foram apresentados no primeiro capítulo, que são o pensamento arborescente e o pensamento rizomático.

Molar e molecular são conceitos que esses autores retiram da química inorgânica para aplicá-los na compreensão filosófica do que significa pensar. São duas políticas, concepções diferentes para que se entendam os processos de subjetivação, ou seja, são modos distintos de pensar, de agir e de perceber o mundo. São macropolíticas e micropolíticas que estão implicadas diretamente nos nossos modos de existência. Um deles privilegia o plano das formas e das imagens – plano molar. Já o outro, o plano molecular, é mais imperceptível e se refere a um plano de composição de forças, aquilo que percorre e que atravessa as experimentações, algo que se institui não como formatação, mas como algo que faz fluir e que

pode, ou não, consistir nessas experimentações. Esses planos, molar e molecular, são planos que se entrelaçam, são processos que coexistem, não havendo primeiro um plano molar e depois um outro, molecular. Vejamos a definição dada por Guattari (id. 1986, p. 321) sobre esses conceitos:

Os mesmos elementos existentes nos fluxos, nos estratos, nos agenciamentos, podem organizar-se segundo um modelo molar ou segundo um modelo molecular. À ordem molar correspondem as estratificações que delimitam objetos e sujeitos, representações e seus sistemas de referência. A ordem molecular, ao contrário é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades. Essa travessia molecular dos estratos e dos níveis, operada pelas diferentes espécies de agenciamento, será chamada de “transversalidade”.

Quando nos referimos ao plano molar, é de um plano extensivo que estamos falando, enquanto que o molecular, onde qualquer tipo de forma é abolida, diz respeito a um plano intensivo. O molecular é aquele plano de onde brotam as linhas de fuga e por onde se operam os movimentos de desterritorialização. Planos, o tempo todo, atravessados um pelo outro, sendo essa a idéia de transversalidade que Guattari lhe atribui. Para os movimentos de territorialização que ocorrem no plano molar, haverá sempre a possibilidade de alguma ponta de desterritorialização no plano molecular, em meio à qual algo devém. Enfim, são planos que não estão separados embora sejam distintos um do outro, pelos quais transitamos o tempo todo e ... “não paramos de reconstituir um no outro, ou de extrair um do outro.” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.59).

O ato de brincar pode ser visto, então, pela ótica do plano molar ao mesmo tempo em que pode ser percebido no plano molecular, sendo preciso que exista uma disponibilidade sensível para isso. Seguindo essa linha de pensamento que privilegia o brincar em sua concepção molecular, podemos dizer que, quando a criança brinca, ela constrói o mundo e, nesse sentido, brincar é uma atividade que pode ser considerada um dos operadores de subjetividade, processos que perduram por toda uma existência, isto é, nunca cessam de ser produzidos. Se é produção para uma vida inteira, podemos dizer que, tanto para a criança como para o adulto, brincar é ser capaz de explorar o espaço que a cerca, a fim de descobrir, construir e transformar o mundo.

Um bom exemplo de que as crianças são ótimas artífices de mundos próprios é o gosto que cultivam ao brincar de inventar histórias. As crianças adoram inventar histórias. A

história inventada pelas crianças, não tem a ver, necessariamente, com o resgate de memória do que foi vivido. As crianças, como os poetas, sabem que as memórias podem ser inventadas e com elas formam blocos que percorrem outros caminhos, viram nômades sem saírem do lugar.

“Tudo que não invento é falso”, é assim que o poeta Manoel de Barros (2003) inicia o relato de suas “Memórias Inventadas – A Infância”. Uma afirmação categórica de que só é possível reconhecer como verdadeiro aquilo que é vivido como criação pessoal. Em meio a um devir-criança o poeta põe-se a narrar a sua infância inventada:

Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em um lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

1.1 - o brincar como conquista

No capítulo três do seu livro “O Brincar e a Realidade”, Winnicott (1975) apresenta alguns comentários que parecem justificar o seu interesse pelo desenvolvimento do tema brincar, a partir das suas próprias observações clínicas. Embora reconhecesse que outros psicanalistas³⁵ já haviam se dedicado ao estudo desse assunto, para ele, a psicanálise ainda estava devendo uma produção teórica sobre o brincar que partisse do seu próprio campo de trabalho, isto é, da prática clínica, onde o brincar poderia ser tomado como um tema por si só. Até que ele desenvolvesse as suas considerações a respeito do assunto, o brincar era utilizado, nessa modalidade de clínica, como forma de acesso ao mundo interior da criança, funcionando como suporte para o tratamento. Dessa forma, o analista acabava participando mais como um espectador, evitando entrar no jogo lúdico ali estabelecido, como se esse aspecto fosse transgressor da neutralidade exigida dentro do espaço analítico.

³⁵ Winnicott se refere à contribuição de Melanie Klein e de outros colegas contemporâneos como Marion Milner, Masud Khan e René Spitz. (cf. 1975, p. 60 – 61).

Já na proposição winnicottiana, o brincar é considerado como fio condutor do tratamento. Uma espécie de trilha, aberta e percorrida com o desenrolar da atividade. Um brincar que, por si só, é potência, visto muito mais como produtor de subjetividade do que instrumento de desvelamento. O que podemos depreender desse tipo de observação é que, na sua visão, o brincar não poderia ser estudado apenas como um elemento clínico secundário, mas que deveria ser considerado pela sua grande importância, não só para a clínica, como para a vida.

Foi o que ele se dispôs a fazer, estudando o tema a partir do que experimentava profissionalmente e afirmando que os estudos desenvolvidos sobre os fenômenos e objetos transicionais deram ao seu trabalho um “novo colorido”, especialmente quanto ao uso do elemento lúdico. Na apresentação dos seus postulados, o autor parece levantar questões e buscar respostas sobre o assunto, atribuindo maior importância ao ato de brincar do que ao brinquedo ou ao conteúdo da brincadeira. O que Winnicott percebe e valoriza é o uso que a criança faz do brincar. O brincar ao qual se refere é aquele que é vivenciado como criação pessoal, o brincar sem regras, que acontece no espaço potencial, em meio a experiências de não-integração. Essa experiência é a das crianças quando estão em pleno exercício da ritornelização das suas existências: repetem, repetem e modulam em diferentes tons o seu processo de existir. Nesse tipo de experimentação brincante, é a atitude do terapeuta que muda diante da criança. Quando esse dispositivo é usado como coadjuvante, busca-se suporte na brincadeira estabelecida como um suplemento para a linguagem verbal infantil, ainda sem domínio pleno. Já no caso em que o brincar é trilha a ser percorrida, o terapeuta entra no jogo junto com a criança, pela experiência compartilhada que se institui no *setting* clínico. Para ele, embora não se deva desprezar o que a criança produz em termos de conteúdo da brincadeira, o importante é a ação, uma espécie de força potencial expressa na atividade empreendida, pleno ato de criação.

É nesse sentido que podemos dizer que o ato de brincar é uma conquista. Winnicott considera a capacidade de brincar como uma conquista no desenvolvimento emocional de todo bebê. Uma trajetória que delinea o processo de simbolização, decisivo para que a criança possa se reconhecer como distinta e, simultaneamente, em interação com o universo. Sendo uma capacidade a ser conquistada, é possível a constatação de que alguns pacientes nunca a tenham adquirido ou, então, a tenham perdido. O que o autor afirma é que nem sempre o paciente está em condições de brincar, sendo preciso conduzi-lo para o alcance dessa condição. A disponibilidade para o analista se deixar usar tal como um objeto

transicional, torna possível essa aquisição. Quando não há essa disponibilidade afetiva, o trabalho a ser realizado estará fadado ao fracasso. O instrumental teórico que Winnicott dispõe ao desenvolver a sua teoria do brincar nos serve, nesse agenciamento proposto, para pensarmos uma clínica que experimenta novos modos de escuta e de intervenção terapêutica. Quanto à proposta que estamos perseguindo de um agenciamento entre o pensamento de Winnicott e de Deleuze e Guattari, é necessário fazer um recorte a respeito de quais elementos conceituais desses dois iremos abordar.

2 – brincar e devir

Na abordagem de possíveis conexões entre o pensamento de Deleuze e Guattari e o campo psicanalítico, Gondar (2005) destaca conceitos filosóficos desses autores que, no seu entendimento, podem servir como ferramentas úteis para o trabalho realizado na clínica, ao menos para um determinado modo de pensar e de fazer psicanálise. A autora assinala que é preciso considerar os desdobramentos do próprio campo psicanalítico, lembrando que alguns desses profissionais, diante de desafios impostos por impasses clínicos, para os quais os procedimentos vigentes não eram eficazes, não só criaram conceitos novos como provocaram transformações no próprio agir clínico. Entre eles, situa-se Winnicott, definido como um psicanalista de conotação empirista que não estava preocupado com qualquer fundamento transcendente exterior à subjetividade, cuja constituição, para ele, vai passar, inevitavelmente, pela imanência da experiência. Em sua análise da questão, destaca três conceitos extraídos do pensamento de Deleuze e Guattari que considera úteis para o estudo de uma teoria da clínica que privilegia a via afetiva. São eles os conceitos de maior e menor, de linha de fuga e de devir. Conceitos cujo entendimento se faz em bloco, isto é, em um agenciamento entre eles próprios, os quais, abordaremos, em seguida.

No livro que escreveram sobre Kafka, Deleuze e Guattari (1977), apresentam a idéia de maior e menor quando concebem a produção de subjetividade como algo que se dá no entrelaçamento dessas duas dimensões. Na verdade, são dois modos de olhar e conceber a existência do mundo e isso se aplica a qualquer área do conhecimento. A dimensão majoritária diz respeito às formas, às representações, aos sujeitos constituídos, percebidos e tratados a partir dessa visão integral, ou seja, aquilo que diz respeito ao que é facilmente visível. Na dimensão minoritária, não há prevalência das formas, nem de conteúdos. São

partículas, fluxos, intensidades, forças, que se desterritorializam e que se conjugam com outros fluxos, produzindo territorializações e assim por diante. São conjugações de elementos minoritários, parcialidades que produzem modos de subjetivação.

Essa forma de conceber a subjetividade se aproxima daquilo que Winnicott postulou como estado de não-integração primária, e que nos referimos no capítulo anterior. Em outros termos, é sempre em meio a um estado de não-integração que o bebê inicia a sua jornada existencial, e o que será reconhecido como *self* é visto como uma composição de elementos minoritários múltiplos. Já dissemos que uma visão de *self* assim, flexível, mutante, afeito a modificações refere-se a uma subjetividade constituída ao sabor dos encontros e que ganha consistência como individuações, ou seja, o que costumamos reconhecer como algo próprio de cada um, aquilo que consiste na experiência como um 'si mesmo', como experiência singular.

Clinicamente, Winnicott vai fazer uma diferença entre modos de subjetivação constituídos em meio a um estado não-integrado e modos de subjetivação vivenciados como estado de desintegração. No primeiro caso, a experiência diz respeito à expressão do gesto criativo. No segundo caso, em vez de expressão criativa, temos reação defensiva a algum tipo de falha na provisão ambiental e essa defesa é manifesta por submissão, angústia e/ou temor ao colapso (WINNICOTT, 1994, p. 70). O estado de desintegração refere-se a situações em que a vivência predominante é a de uma ameaça à própria integridade do *self*. Estamos fazendo menção a modos de produção psíquica que atravessam qualquer subjetividade. Se quisermos usar a terminologia winnicottiana, diremos que os modos de subjetivação se constituem no entrelaçamento de experiências de não-integração, experiências de integração e experiências de desintegração. O que vai determinar se uma modalidade de subjetivação predomina em dado momento e em dado contexto, são as variações quanto à intensidade das experiências constituídas pelos encontros com a ambiência: um ambiente que provê, acolhe, frustra, submete, invade e priva.

Esses aspectos minoritários ganham relevância, especialmente no trabalho realizado com os chamados casos fronteirços, que não se enquadram em qualquer estrutura clínica pré-definida. O limítrofe costuma ser visto como o anormal, quando a concepção sobre o que é saúde ou doença, é feita a partir de afirmações hegemônicas a respeito do assunto. Em Winnicott encontramos essa relativização do que seria 'um estado de saúde normal', quando ele afirma que ter saúde é algo que, por si só, não garante a vivacidade da existência. Na

verdade, para ele, a tentativa de um enquadre compulsório em uma espécie de normalidade convencional, adaptacionista pode até representar empobrecimento para a vida psíquica.

Os pacientes considerados limítrofes são aqueles cujas sintomatologias, sequer, permitem situar os motivos do seu sofrimento e essa indefinição costuma levá-los a uma busca incessante, a uma peregrinação por diversas especialidades, com acúmulo de diagnósticos incertos, porque são feitos à luz de uma concepção majoritária e isso é facilmente observado nos chamados sintomas psicossomáticos, ou sofrimento difuso (VALLA apud LACERDA, 2004, p. 91). Não nos estenderemos sobre esse aspecto, mas é importante frisar que Winnicott (1994, p.82) foi enfático, ao defender a imanência entre *psique* e *soma*, afirmando que as manifestações psicossomáticas são organizações defensivas que ocorrem, quando “forças em funcionamento”, ao reagirem a “determinantes poderosos”, adquirem tal grau de intensidade que provocam “dissociações múltiplas”, ou seja, algo que pode levar a um estado de pulverização desse psicossoma e que é vivido como ameaça de desintegração do *self*, aquilo que se reconhece como “si mesmo”.

Na linha de pensamento que estamos seguindo, cabe-nos dizer que uma experiência de singularidade que se desterritorializa é uma experiência não-integrada. E isso é muito diferente de uma experiência que ameaça a desintegração daquilo que é constituído como esse “si mesmo”. No caso da desintegração, algo impede que haja um mínimo de consistência na experimentação, como se nada do que foi vivido na experiência pudesse perdurar como apropriação, tomada de posse, criação pessoal, como um meio para que se possa produzir a continuidade da existência. Qualquer coisa nessa experiência que se queira chamar de *self*, é pulverizada e isso não é desterritorialização. Isso é aniquilamento. Não é pulverização de um sujeito, é aniquilamento de uma sensação de existir, é ruptura da linha de continuidade da existência. A busca infundável, mencionada no caso dos sintomas psicossomáticos, ocorre, porque a visão médica, habitualmente dialética, costuma reproduzir essa cisão entre psiquismo e corpo. O que estamos dizendo é que, quando o olhar diagnóstico é, habitualmente, aquele que visa à dimensão majoritária, induz a essa busca incessante. Vejamos o que Winnicott (1994, p. 82) diz a respeito:

Esse estado de doença no paciente é, ele próprio, uma organização de defesa com determinantes muito poderosos, e, por esta razão, é muito comum que médicos bem-intencionados e bem-informados, e até mesmo excepcionalmente bem-preparados fracassem em seus esforços para curar pacientes que tenham um transtorno psicossomático.

Foram essas manifestações limítrofes no campo da clínica que receberam dele atenção especial, fazendo-o perceber que o acolhimento desses pacientes demandava um tipo específico de cuidado onde cabe mais manejo do que interpretação. São casos em que não se trata mais de lidar com conflitos entre instâncias, porque são situações psíquicas que se apresentam dispersas, sem possibilidade de qualquer ancoragem territorializante, a fim de que se possa “seguir sendo” nômade na vida. Estamos nos referindo a uma produção psíquica que desliza com possibilidade mínima de consistência, ou seja, algo que parece disparar uma produção incessante de angústia e que leva à sensação de colapso, já citada. Nesse conceito clínico de colapso, aparece também, a distinção entre uma visão molar e molecular a respeito das doenças, embora Winnicott não tenha usado esses termos. Ele vai fazer a diferenciação entre um tipo de colapso que atingiria aqueles que se percebem como ‘pessoas inteiras’ (e aí estariam as neuroses) e um outro, ao qual se dedica a explicar, que seria o colapso que ocorre bem no início da constituição psíquica em decorrência de fracassos na provisão ambiental.

Utilizei intencionalmente a expressão ‘colapso’ por ser bastante vaga e por poder significar diversas coisas (...) e isso nos conduz ao significado mais profundo do termo, uma vez que precisamos utilizar a palavra ‘colapso’ para descrever o impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva.

... na área das psiconeuroses é a ansiedade de castração que jaz por trás das defesas, nos fenômenos mais psicóticos que estamos examinando é um colapso do estabelecimento do *self* unitário. O ego organiza defesas contra o colapso da organização do ego e é esta a organização ameaçada. Mas o ego não pode se organizar contra o fracasso ambiental, na medida em que a dependência é um fato da vida. (id. p. 71)

O que queremos dizer com isso é que a força desses elementos minoritários que se conjugam de modos diversos é determinante para o entendimento do que se considera, majoritariamente, como subjetividades limítrofes, para que possamos pensar essa questão de um outro jeito, ou seja, não mais referida a sujeitos, mas como experiências limítrofes. E isso Deleuze e Guattari fizeram muito bem, quando trabalharam com a concepção de uma subjetividade “esquizo”, inevitavelmente fragmentada. Assim, essa noção de limítrofe, em Deleuze e Guattari, recebe uma outra conotação, porque não é de um sujeito que eles falam, mas de um fenômeno que ocorre em uma zona limiar, sendo exatamente dessas experiências de borda que surgem os modos de subjetivação. Esses autores denominam essa posição de

borda como posição anômala, termo que tomam de empréstimo de Canguilhem³⁶. Essa posição anômala é o que acontece em uma zona de vizinhança, sendo “... aquilo que designa o desigual, o rugoso, a aspereza, a ponta de desterritorialização”. (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p.26). O anômalo é uma posição de fronteira, onde o que por ali flui torna-se indiscernível. O anômalo é fenômeno que possibilita a diferença que não é a das formas, mas a das variações intensivas. A posição anômala, sendo fenômeno de borda, é aquela em que não se está dentro nem fora, em que já não se sabe mais o que é de um ou de outro e, nesse sentido, é experiência de desterritorialização.

Já nos referimos à importância da implicação do terapeuta na experimentação mútua. Isso requer sensibilidade aguçada para captar nuances, sutilezas quase imperceptíveis que resvalam “entre” o que é produzido no encontro clínico. Quando alguém adoece e procura ajuda de um psicoterapeuta, mais do que um diagnóstico, deseja ser acolhido e ser compreendido naquilo que o faz padecer. Embora essas situações de sofrimento possam ser compartilhadas, quem sabe mais sobre a intensidade do sofrimento, ou seja, o quanto ‘dói’, é aquele que sofre³⁷, porque essas são experiências pessoais, singulares. Mas a procura pela ajuda de um outro aponta para uma dimensão coletiva dessa situação. Por isso insistimos na proposição de um compartilhamento que, especialmente nesses casos de borda, precisa ir além de uma relação interpessoal, porque é de fluxo e de intensidade que estamos falando. Melhor dizendo, o terapeuta não vivencia o sofrimento pelo outro e sim, experimenta a intensidade nos “estados vividos”.

Essa é a dimensão de jogo que caracteriza o trabalho winnicottiano. A noção de espaço potencial atende a uma clínica concebida desse modo. Quando Winnicott menciona que é preciso entrar no jogo junto com o paciente, talvez fosse dessa posição anômala que ele estivesse falando, embora tenha feito isso, em termos absolutamente originais, a respeito do uso do brincar. Se o espaço potencial é algo que se institui pela operação dinâmica de realidades em uma ambiência ilusória³⁸, o posicionamento clínico já está descentrado. O

³⁶ Deleuze e Guattari se inspiram em Canguilhem, no seu livro “O Normal e o Patológico” (1982) em que faz uma crítica à postura adaptacionista da medicina, ciência que toma como base, para definir o que é normalidade, a aferição estatística. Para Canguilhem, quando a normalidade é avaliada conforme dados estatísticos que demonstram a distribuição normal da população, passa a ser normatividade. Para esses autores, o anômalo é uma posição dita excepcional, aquilo que foge da norma.

³⁷ Essa noção de sofrimento a qual estamos nos referindo, inclui também um tipo de padecimento muito comum, hoje em dia; uma queixa referida a um anestesiamento do sentir, ou seja, a vida pode ser bem sucedida em termos materiais, de saúde física etc. Mas ela parece ter perdido o sentido, e a queixa é para que se volte a sentir.

³⁸ Lembramos que a palavra ilusão deriva do termo latino *ludere*, que diz respeito também ao lúdico.

compartilhar já é estar em deriva, pois quando o analista se dispõe a trabalhar por essa via afetiva, já é uma posição anômala que ele ocupa, diante de um centramento clínico que privilegia a estabilização de um *setting* previamente concebido como neutro. Quando o analista se coloca afetivamente no *setting* já tem um desvio da própria posição do analista, porque o que acontece nesse espaço é experimentação compartilhada.

Quando o analista deixa de ocupar uma posição de poder, o *setting* já é desviante por si mesmo, porque o que se compartilha já não é algo entre dois, mas entre muitos, pois o território no qual se pisa, diz Winnicott, é habitação de uma “terra de ninguém”. Decorre daí a posição anômala do clínico que entra em devir quando o encontro se realiza em condições próximas ao que foi descrito. A posição anômala permite o descentramento da clínica e no espaço potencial essas experiências desterritorializantes e cartográficas são sustentadas pelo brincar. Eis aqui, novamente os temas da loucura, da fantasia, do cuidado e do desvio em sintonia com o *setting* clínico que não será mais o centro, mas uma zona permeável que se instaura em meio à política dos encontros. Nessa produção de agenciamentos, se for possível pensar em uma atitude clínica que assume essa posição anômala, a ênfase não recai sobre a busca de respostas verdadeiras, mas sobre a experimentação que pode produzir saídas possíveis, em meio ao que se compartilha; em outras palavras, quando se traçam linhas de fuga.

A linha de fuga é uma desterritorialização que é diferente de um movimento de autodestruição. A linha de fuga, aquilo que permite a desorganização de algo que se encontra rigidamente organizado como reações defensivas. Linha de fuga, vista como zona de passagem que permite a conjugação de fluxos desejantes, sem que isso represente ameaça ao que oferece consistência aos modos de subjetivação. Na clínica, o que pode ser vivido como linha de fuga (uma vez que toda forma é atravessada por linhas de fuga, tudo está em transformação constante ou em devir) nos ajuda a perceber que, se a linha desorganiza o que se encontra organizado, talvez seja possível, nessa desorganização, encontrarmos saídas para a resolução das situações que levam ao sofrimento. Entendemos que as linhas de fuga não são traçadas previamente e, na clínica, essas linhas serão engendradas pela experiência compartilhada. Linhas de fuga são os caminhos do devir, pois através das pontas de desterritorialização, das dissolvências das formas, é possível a expressão dos devires.

Deleuze e Guattari (1997) dedicam um capítulo inteiro em “Mil Platôs” aos devires. Esse é um conceito importante para a conexão que estamos propondo. Sobre o uso que a criança faz do brincar, o conceito de devir desperta o nosso interesse para dar sustentação a

proposta de pensar o brincar nessa dimensão experimental que contempla transversalidades entre o que é molar e molecular. O conceito de devir deriva da idéia filosófica mais tradicional que o entende como “vir a ser”, que, nesse caso, estaria ligado mais a uma concepção evolutiva. Já, na concepção do pensamento rizomático, essa idéia de devir é subvertida por esses pensadores que partem das idéias espinosistas e nietzscheanas para criarem o conceito de devir conforme eles o entendem e o próprio conceito de devir, ao ganhar consistência, surge como devir conceitual. E o que são os devires?

... os devires são geografias, são orientações, direções, entradas e saídas (...) devir é jamais imitar, nem fazer como, nem se ajustar a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam (...) os devires não são fenômenos de imitação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. (DELEUZE E PARNET, 1998, p.10)

Devir, eles vão dizer, é a extração de uma partícula qualquer, um termo minoritário de uma variável majoritária. Devir não é transformação mas também não é algo que ocorre imaginariamente. A experiência do devir é real. Uma realidade vivida no plano das relações que, por sua vez, não são relações definidas entre um e outro, porque é um fenômeno que provoca a dissolvência das formas macro. Esse percurso do devir que acontece em zona de borda, de vizinhança é, segundo os autores, da ordem do contágio, que é o que provoca a dissolução das formas estabelecidas, conforme desenvolvido anteriormente.

Devir é invenção. Invenção de quê? De modos de vida e esses modos só podem ser inventados em meio ao que se experimenta e nunca a partir daquilo que é imaginado. O plano do devir é aquele que corre feito um rio entre imaginário e real - planos distintos, mas inseparáveis. No nosso entendimento, isso se aproxima da noção que Winnicott construiu para descrever o espaço potencial, conceito trabalhado no capítulo anterior. No brincar ocorrem devires, uma vez que os devires são acontecimentos que surgem das experimentações.

Devires são acontecimentos, são o conteúdo do desejo, são experiências-limite do desejo. Por serem experimentações que percorrem as bordas, não estão nem em um plano e nem em outro, percorrem e alinham todo um plano de experimentação, fazem parte do clima que se estabelece naquilo que conhecemos como *setting*. O conceito de devir permite que entendamos que é possível sair do campo onde há algo a ser analisado – e sempre há – e ingressar no plano em que sempre existe algo passível de ser inventado. O que tem que ser

inventado? Novos modos de existência, mas, para isso, é preciso que haja, insistimos, disponibilidade sensível do analista. Os devires são gatilhos, são elementos disparadores e é função do terapeuta oferecer suporte, ou seja, cuidar para que esses desvios produzidos a partir de devires, consistam como invenções, criações de novos modos de viver. E isso faz do devir um conceito profundamente clínico.

Processos de devir, que são processos oportunistas, são acionados a gatilhos. O clínico tem que ter sensibilidade para os gatilhos do devir. Isso é o que caracteriza a atividade clínica-política que se explica pela capacidade de escuta dos gatilhos do devir, isso que dispara processos de criação, processos de heterogênesse, de criação da diferença ou processos de diferenciação, gatilhos do devir que são de uma estranha natureza, estando estranhamente localizados, entendendo o devir como o processo de desmanchamento das formas... (PASSOS, 2006)

Quando falamos de devir-criança, estamos nos referindo à possibilidade de se experimentarem estados afetivos, uma intensidade afetiva que nos remete à infância, mas não como resgate de uma história infantil. Deleuze e Guattari mencionam que não se trata de lembranças de infância mas da criação de blocos de infância. São forças que se compõem pela experimentação e que extraem das relações estabelecidas as partículas produtoras de um devir-criança. No devir-criança não se trata de um adulto que se transforma em criança, mas a pergunta seria: o que se passa em um encontro que surge como devir-criança?

Devir-criança ou devir-animal, qualquer devir são movimentos de desterritorialização. É a possibilidade de experimentar estados afetivos que nos remetem a estados “crianceiros” ou a uma animalidade, sem que isso signifique se transformar em criança ou em animal. Ninguém escolhe devir isso ou aquilo. O devir é que nos escolhe. Devir não é a metamorfose que transforma a lagarta em borboleta, mas é a percepção fugaz que alguém pode ter, por exemplo, de que a vida, aquilo que se vivencia, se arrasta como uma lagarta ou, ao contrário, perceber-se tendo uma experiência, devir-animal de borboleta, um borboletear aqui ou ali. No filme intitulado “Três Irmãs”³⁹, um personagem fornece uma ilustração interessante de uma experiência devir-animal, ao relatar a relação de animosidade que trava com a irmã: -“com ela eu sou inseto, eu a estou espetando o tempo todo em que estamos juntas”.

Se o que entendemos por subjetividade diz respeito ao múltiplo, o efeito obtido desse experimentar outras intensidades afetivas é resposta em bloco. O que é criado no espaço

³⁹ Trata-se de um filme cujo título original é “La Büche”, produzido na França, em 1999, dirigido por Daniele Thompson conforme informação disponível no site <http://webcine.com.br>, acessado em 24 de maio de 2007.

“entre” são conjugações em que um não subsume o outro; por isso que é dito que os devires acontecem em bloco, porque o devir acontece em área indiscernível, descrita como zona de forças em coexistência.

Na leitura que estamos fazendo é necessário que o analista se deixe levar pelos devires que surgem, provavelmente pelo clima instituído e que lhe propicia embarcar numa viagem. Uma trajetória que, não sendo a sua, passa a ser a de todos que por ela são afetados, ou seja, por aquilo que o convoca na relação que ali se constitui. É preciso que o terapeuta se deixe contagiar pela experiência empreendida pelo brincar, poder extrair do brincar variáveis menores, acontecimentos que deflagram devires.

2. 1 – Uma evolução⁴⁰ chamada involução.

Quando Winnicott diz que a psicoterapia se dá na superposição de duas áreas, a do paciente e a do terapeuta, entendemos essa assertiva como composição de forças que se manifestam nessa zona fronteira que ele chama de espaço potencial, onde o indiscernível comparece. Uma área de experimentação lúdica, plano propício aos devires. Dando continuidade à nossa exploração do pensamento winnicottiano, vamos apresentar uma situação clínica descrita por ele mesmo e que pretendemos examinar à luz dessa visão que privilegia o brincar como processo de experimentação. Para fazer isso, recorreremos a um exemplo retirado da própria experiência de Winnicott a fim de demonstrar que aquilo que ele desenvolveu na clínica, a respeito do brincar, pode ser compreendido como uma operação nos moldes de uma produção de sentido que estaria remetida ao nível molecular, sem estar restrito a esse olhar.

Nesse exemplo, percebemos como os devires surgem nas relações estabelecidas no *setting* clínico. Do plano molar, podemos extrair partículas em movimento que apontam para uma outra dimensão da escuta e da intervenção. Situações que só podem ser captadas se o terapeuta entra no jogo junto com a criança, experimentando estados afetivos que surgem do encontro e deixando-se afetar pelas intensidades que surgem. Ser sensível àquilo que se passa na experimentação e que se compõe como devir.

⁴⁰ O termo está sendo usado por derivação de sentido: “qualquer série de movimentos desenvolvidos contínua e regularmente, ger. completando um ciclo harmonioso.” (cf.). Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (Serial:DHS-21564589):

A partir de um exemplo descrito por esse autor, queremos descrever como esse seu “olhar colorido” – um devir-pintor colorista - capta nuances no brincar de uma criança. Um olhar especial que percebe sutilezas que estão para além das interpretações convencionais, para além da leitura simbólica do conteúdo da brincadeira. Embora o próprio Winnicott não abra mão desse tipo de leitura interpretativa, como componente auxiliar do seu trabalho – uma interpretação que guarda para si - fica muito claro que o seu interesse investigativo percorre, também, outros rumos, na leitura que estamos fazendo, indo do plano molar ao plano molecular.

Sucintamente, vejamos como ele descreve uma experiência clínica observada, enquanto entrevistava uma mãe em presença de uma criança de dois anos e meio de idade e que apresentava dificuldades relativas à fala. Em seu relato, o autor destaca toda uma dinâmica própria presente na criança que procurava explorar aquele espaço clínico a fim de situar-se e participar, ao seu modo, da experiência compartilhada, aquilo que fluía entre aqueles três personagens.

Winnicott conta que a criança, ao chegar, pergunta logo pelos brinquedos sendo essa a sua única comunicação verbal: ‘onde estão os brinquedos?’ Depois passou a juntar peças de um trenzinho e fazia, também, com um cordão, uma espécie de ‘ligação’ na perna de sua mãe, estabelecendo, em ato, uma conexão com a mesma através de uma “perna-tomada.” Como não é o caso de descrever o caso em sua totalidade⁴¹, eis aqui os fragmentos que temos interesse em realçar (cf. grifos nossos) em três momentos do relato da experiência:

Edmund colocou algumas partes de um trenzinho sobre a mesa e começou a dispô-las, fazendo-as juntar-se e relacionar-se. Ele estava a meio metro de distância de sua mãe. Logo subiu a seu colo e **teve seu pequenino momento de bebê. (...)**

Depois o menino desceu espontaneamente e voltou a brincar na mesa. ... [novamente] deixou de lado os brinquedos com toda a naturalidade, subiu no divã, **rastejou como um animal na direção da mãe e aninhou-se em seu colo.** A mãe reagiu [mais uma vez] com naturalidade e sem exagero. A criança ficou assim uns três minutos, depois **se desaninhou** e retornou aos brinquedos.

(...) Depois de agarrar a mãe mais uma vez e retornar aos brinquedos, estava pronto para ir. [nesse movimento de exploração espacial, o menino] **comunicara existir nele o movimento de maré montante e maré vazante,** a afastar-se da dependência e a ela retornando.(WINNICOTT , 1975, p.64).

⁴¹ A descrição completa do caso encontra-se no capítulo IV do livro “O brincar e a realidade”. (1975, pp. 63-66).

É, portanto, no próprio Winnicott que encontramos a ilustração desse jeito diferente de fazer clínica e lidar com o brincar. E o que desperta a nossa atenção é o ‘movimento de maré montante e maré vazante’ que ele observa no menino quando oscila entre a mãe e os brinquedos num movimento em que está demarcando territórios existenciais, constituindo uma cartografia naquele espaço em que habita, provisoriamente, uma habitação nômade, quem sabe, para a determinação momentânea de uma referência, conforme dizem Deleuze e Guattari (1997, p. 117) a respeito do *ritornelo*: “nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar ‘linhas de errância’, com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes”

Vista desse modo, a experiência que estamos chamando de evolutiva não é a de um desenvolvimento que vai de um ponto a outro ou de uma regressão a um ponto inicial, pois a conotação que queremos dar a esse movimento é a mesma que caracteriza os passos de um dançarino. Assim, no exemplo que tomamos emprestado de Winnicott para fazer uma leitura pessoal ao enxergamos, mais uma vez, ‘por trás das órbitas’, o que vemos através do nosso olhar, também colorido, é uma espécie de dança que o menino estabelece, evoluindo de um espaço para outro.

O menino evolui tal como um *partner* dança em torno da bailarina e que, por sua vez, entra na dança com o seu bailar. Uma imagem poética que nos ocorre, por ser bem familiar à nossa cultura, é a da evolução presente nos movimentos do bailado de um mestre-sala com a sua porta-bandeira. Um mestre-sala-menino em torno de sua porta-bandeira-mãe, onde o realce não está nem em um e nem em outro, mas na dança, no ritmo, nos fluxos, nos devires percorridos durante a experiência compartilhada. Os passos, embora possam ser ensaiados, são indeterminados. Uma imagem que nos serve para falarmos da função do analista na relação instituída entre ele e o paciente. Há um preparo técnico necessário, para o exercício desse tipo de atividade? Sim, mas ninguém sabe de antemão os passos que surgirão naquela dança, não se sabe previamente o que ocorrerá naquele encontro diferencial de forças, ou seja, a la Espinosa, podemos dizer que são forças que podem se compor como elementos produtores de diferenças.

Consideramos importante ressaltar essa passagem do relato winnicottiano, porque ela demonstra como o espaço potencial se constitui no *setting* clínico, o que poderia ser em outro lugar, também sem a presença de alguém, como diz o próprio psicanalista. Assim, examinamos esse fragmento à luz das idéias que estamos aqui apresentando e com isso dando

a nossa conotação pessoal, ao mesmo tempo em que destacamos esses pontos importantes para se entender o que é o brincar na concepção desse autor.

E embora ele faça, no relato do seu exemplo, referência a elementos simbólicos conotativos de união-separação na experiência empreendida entre o menino e sua mãe, é necessário observar que Winnicott registra o movimento regressivo da criança para além de uma suposta defesa sintomática que suprime a sua fala. O que se delineia nesse uso que a criança faz do brincar é um ritmo que lembra o movimento das marés pela seguinte composição: experimentar um “pequenino momento de bebê” aninhando-se no colo materno, um devir-criança da própria criança, compondo-se com um devir animal ao “rastejar-se como um animal na direção da mãe”, relações agenciadas com um devir-criança ao se afastar da mãe e retornar aos brinquedos. O brincar, desse modo, configura-se como um ato de composição da experiência em fluxo do viver. O brincar como experimentação de mundos possíveis na variação entre ser bebê, animal e criança ao mesmo tempo.

O que desejamos destacar nesse relato feito pelo psicanalista é que a atenção do seu olhar – também em movimento de maré montante e maré vazante, uma vez que a sua atenção oscilava entre a conversa estabelecida com a mãe do menino e a dinâmica empreendida por esse – esteve voltada para os devires agenciados pela experimentação da criança em movimentos de territorialização e desterritorialização, nos instantes em que traçava aquela cartografia. Assim é o brincar winnicottiano, um brincar que deflagra devires.

Retomando o conceito de devir, para Deleuze e Guattari, o devir nunca é evolução por filiação, ou seja saída de um ponto para chegada a outro, não havendo igualmente a idéia de uma regressão de um estado indiferenciado para chegada a um outro mais organizado. Considerando os processos de subjetivação que ocorrem no plano molecular – e todo devir é molecular – nesse registro o que ocorre não é regressão. Para esses autores trata-se de um processo de “involução criadora”:

Preferimos chamar de “involução” essa forma de evolução que se faz entre heterogêneos, sobretudo com a condição de que não se confunda a involução com uma regressão. O devir é involutivo, a involução é criadora. Regredir é em direção ao menos diferenciado. Mas involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha, “entre” os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis. (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 19)

Para eles, a involução é algo que se faz entre heterogêneos, ou seja, produz diferença ressaltando que não se trata de desenvolvimento em que se parte de um ponto indiferenciado a um ponto mais diferenciado ou o contrário, que corresponderia a um movimento regressivo. No caso aqui, a evolução não corresponde a nada, não havendo correspondência entre termos, sendo uma involução. Movimento que nos faz lembrar aquilo que Winnicott apresenta como estado de não-integração ao qual se remetem os processos de criação. Para concluir esse segmento, levantamos uma questão: no caso de Edmund há uma experiência que podemos chamar de regressiva? Provavelmente sim, mas há também “outras possibilidades contemporâneas” (ibid, p. 65) que não são lidas como regressões, mas como involuções criadoras, por exemplo, no momento em que o menino rasteja como um animal, devir-animal, que são devires que “... testemunham ‘*uma inumanidade vivida imediatamente no corpo enquanto tal,*’ núpcias antinatureza ‘fora do corpo programado’. Realidade do devir-animal, sem que, na realidade, nos tornemos animal.” (ibid, grifos dos autores)

3 - O jogo do rabisco, uma cartografia.

Na linha de trabalho adotada para o exercício da sua atividade clínica, Winnicott reinventou procedimentos. Não foi ele o pioneiro na utilização de jogos e brinquedos como instrumento auxiliar no atendimento de crianças, devendo-se à Melanie Klein esse tipo de aprendizado. Porém, ao usar o que aprendeu, ele o fez de modo inteiramente pessoal, criando instrumentos e utilizando-os de um jeito livre. Procedimentos que eram inventados conforme as circunstâncias dos atendimentos, sem a preocupação de estar infringindo regras pré-estabelecidas. Winnicott tinha o hábito de fazer dobraduras com papel e oferecê-las às crianças que as levavam, ao final da consulta, se desejassem. Não havia, da parte dele, preocupação de que isso pudesse representar transgressão a qualquer procedimento técnico.

O próprio instrumental teórico clínico passava por reinvenções. É como se ele tivesse ao seu alcance uma caixa com “ferramentas”, que iam sendo ajustadas conforme a necessidade do uso. Foi pela experimentação clínica e pesquisa teórica que o autor chegou a surpreendentes formulações, como os já mencionados conceitos de fenômeno transicional e espaço potencial. Conceitos que usava como uma espécie de bússola, não para desvendar sintomas ocultos, mas para fazer com que o paciente pudesse ser o feitor de suas próprias trilhas, usando o analista e seus métodos para fazer as suas descobertas.

Para ele, a atividade interpretativa não era o aspecto mais importante. Na realidade, o seu interesse se concentrava na possibilidade de fornecer um *setting* flexível, adaptável às necessidades de cada paciente. Ele afirmava que as muitas variedades de psicoterapia não deveriam depender das diferentes visões dos terapeutas, mas, fundamentalmente, das necessidades do paciente e dizia também que só levava adiante um tratamento psicanalítico ao perceber que era aquilo que o paciente precisava, senão fazia apenas o que era necessário ser feito. Também, a partir do material que tinha no consultório e observação das reações das crianças, acabou desenvolvendo modos de brincar, que funcionavam como instrumentos terapêuticos no trabalho empreendido com crianças. O jogo da espátula e o do rabisco foram instrumentos inventados por ele que facilitavam a sua interação com as crianças, possibilitando o estabelecimento do vínculo transferencial.

3.1 – o jogo da espátula

O jogo da espátula surgiu a partir das observações feitas no atendimento de crianças que estavam na faixa etária entre cinco e treze meses e que se interessavam por uma espátula colocada à beira da mesa, ao seu alcance. Nesse procedimento, havia um comportamento típico e recorrente em várias crianças numa seqüência de três estágios. O autor fez uma correlação do afastamento desses estágios com a hipótese de que algo não ia bem no desenvolvimento da criança. Funcionava como instrumento de avaliação e forneceu informações para que o Winnicott (2000, p. 112) desenvolvesse idéias para a sua teoria do brincar e do objeto transicional, entre outras formulações. Isso foi bem no início de sua carreira e os pormenores desse trabalho podem ser verificados em um artigo escrito, a respeito, em 1941.

Um aspecto interessante nessa pesquisa foi perceber que as crianças demonstravam, em determinado momento, certa hesitação para dar continuidade à atividade que estavam desenvolvendo, ou seja, segurar e deixar cair a espátula que lhe era oferecida. Esse pormenor foi entendido como a possibilidade de cada criança empreender um ritmo próprio até que se sentisse em um ambiente confiável. A partir da aceitação ambiental para os seus gestos, a criança prosseguia. Essa observação acabou por tornar-se um valioso instrumento clínico, porque Winnicott percebeu que esse tipo de hesitação ocorria também com pacientes adultos, especialmente no início do processo terapêutico. Isso era visto como movimento de pausa, um

tempo de espera que deveria ser respeitado pelo clínico até que o paciente retomasse o fluxo comunicativo. Essa perspectiva ampliou a compreensão do manejo da resistência na clínica que em vez de ser vista, invariavelmente, como uma reação defensiva ao tratamento, passou a ser considerada, conforme a situação experimentada, como a espera de um tempo para a aquisição da confiança no analista e também como manifestação de um ritmo, que permite ao paciente, num tempo que é seu encontrar, criar as suas interpretações.

3.2 – o jogo do rabisco

Quanto ao jogo do rabisco, esse foi um dispositivo criado para ajudar nas “consultas terapêuticas”. Uma modalidade de atendimento muito usada, por ele, em instituições hospitalares para atender a uma clientela numerosa que, nem sempre, apresentava uma demanda específica para tratamento psicoterápico. Winnicott (1994, p. 230) usava esse nome para diferenciá-lo de outras modalidades de tratamento, fosse psicoterapia ou psicanálise. Era a possibilidade de fornecer algum tipo de ajuda efetiva, em um número limitado de encontros. Esses casos, geralmente atendidos em instituições ou encaminhados por outros colegas para uma consulta suplementar, diziam respeito a uma clientela formada primordialmente por crianças, cujos pais buscavam ajuda para aliviar o sofrimento dos pequenos. Funcionava um pouco como diagnóstico, porém não era um trabalho caracterizado como uma anamnese clássica. Eram consultas que se apoiavam na idéia do jogo sem regras, uma atividade lúdica que tinha pronta aceitação pela grande maioria das crianças atendidas. Surgiu, assim, o jogo do rabisco.

Nesse jogo, muito simples, ele convidava a criança a desenhar junto com ele. Um complementava o rabisco feito pelo outro, favorecendo a utilização de uma linguagem acessível à expressão da criança. Um jogo de compartilhamento em que, naturalmente, importava mais o ato de brincar e desenhar, do que decifrar o seu significado. Embora os desenhos pudessem trazer informações a respeito dos sintomas, o foco era posto no estabelecimento de uma relação de confiança, sem a preocupação do analista esconder-se numa suposta neutralidade.

Winnicott resistiu, durante muito tempo, aos apelos para publicar dados sobre esse instrumento, receando que alguém pudesse sistematizar esse jogo como se fosse um teste projetivo, atitude que poderia desvirtuar a concepção que tinha dessa ferramenta. O jogo dos

rabiscos é um bom exemplo de como o espaço compartilhado entre o paciente e o analista tinha relevância para Winnicott, pois ele desenhava junto com a criança, colocando-se ao seu alcance, estabelecendo, realmente, uma parceria.

Ao analisarmos esse instrumento, vemos que o autor fazia uso do jogo do rabisco como uma criança usa um objeto transicional. Nesse jogo, não há imposições de qualquer natureza. O terapeuta convida a criança a jogar e se ela aceita o convite, há o estabelecimento de uma situação em que o terapeuta é parte desse jogo, pois ele sai de uma posição de mero observador e brinca efetivamente com a criança. O aspecto mais importante é o uso que a criança pode fazer daquela experiência e o que se instaura é, então, uma zona de indiscernibilidade que, na sua nomenclatura, é a instituição do espaço potencial. Nessa vivência, é possível extrair das formas, termos, elementos minoritários e ambos embarcam em uma experiência em que o traço de um se confunde com o do outro; o traço de um deflagra os modos de expressão de outro. É um colocar-se em movimento. A partir dos movimentos instituídos, é possível perguntar: o que se passa, o que se produz naquele encontro? A produção vai se sucedendo e nela podem ser introduzidas variações, de modo que é freqüente a criança introduzir inovações no “método” que não tem um objetivo revelador, mas visa facilitar o brincar e a expressão criativa.

O jogo do rabisco tem uma função catalisadora da expressão infantil. Nessa atividade lúdica, o tempo, o ritmo são fornecidos pela criança, cabendo ao terapeuta acompanhá-los. Embora o conteúdo do material que vai sendo produzido seja passível de revelar a problemática que traz a criança à consulta, a interpretação não é feita. O mais importante é a possibilidade da criança poder expressar, seja pela atividade ou até por meio de palavras, algo que a atemoriza, algo que ainda não encontrou um lugar para ser expresso. É como se a criança estivesse sendo encorajada em sua potência para exprimir algo que não era possível até então. O analista tem a função não de conduzir, mas de sustentar a experimentação e o que importa nesse jogo, conforme afirma Lins (1989, p.54), “não é tanto o sentido do conflito expresso nos desenhos, ou o que estes simbolizam, mas a capacidade de instauração de um espaço de experiência” porque aquilo que o jogo do rabisco põe em evidência é que “o que é terapêutico não é a interpretação, mas a experiência”, afirmação que a faz deduzir que esse é um método que “repousa sobre a arte de não-interpretar.”

Em suma, é um jogo em que a regra é não ter regras; é uma atividade lúdica que precisa ser reinventada pelo próprio terapeuta que a usa; é um colocar-se em movimento; é um modo de se comunicar, de promover um encontro com a criança. Um procedimento que

promove a instauração de um espaço potencial, uma abertura para que a criança possa se expressar de modo espontâneo, desde que o terapeuta faça o mesmo. Aquilo que é desenhado refere-se a fragmentos retirados da realidade compartilhada. A avaliação possível é verificar se a criança mantém preservada a sua capacidade para brincar que, por si só, é potência de vida. Essa atividade convoca o analista a compartilhar a experiência num mesmo plano e isso quer dizer que convoca o analista em seu devir-criança.

O jogo do rabisco não é um espaço neutro, assim o entendemos. É um espaço de contágio onde desenhos e associações se misturam. O que um desenha pode suscitar algo no outro. Grolnick (1993, p.134) também descreve esse procedimento como contágio e considera que é possível extrair algo vantajoso desse tipo de experiência:

O rabisco, jogo mútuo bilateral, encontra-se numa esfera do discurso diversa da técnica de livre associação. O rabisco verbal, a interação de palavras e imagens do terapeuta para a construção de um significado entre elas, possui, de imediato, sabor impuro, isto é, as reações do paciente são diretamente contaminadas pelas associações do terapeuta. Que espécie de ciência é esta? Resposta difícil de dar – se o teórico, ou o leitor, possuem uma visão rigorosa da ciência, a inovação, então, pode não satisfazer.

Entendemos que paciente e terapeuta entram nesse jogo em estado de parceria, mas é preciso dizer, também, que as posições que ocupam são assimétricas. Naturalmente, o fato de ser uma experiência de contágio pressupõe uma ética que podemos denominar como ética do cuidado. Embora desenhem juntos, as posições são diferentes, porque os desenhos do analista, depois de usados pela criança, são, naturalmente, descartados.

No jogo do rabisco, às vezes, o trabalho se desdobra em um tipo de produção feita somente pela criança. Ou seja, ela faz o rabisco e decide complementá-lo com um desenho próprio, gesto que demonstra a força da atividade como uma criação inteiramente pessoal. Outras vezes, a criança vê algo no rabisco, sem sentir a necessidade de complementá-lo. Os desenhos podem ser colocados lado a lado sobre a mesa ou até mesmo no chão formando uma espécie de exposição. Às vezes, a criança retoma um desenho anterior e nele insere um detalhe. Outras vezes, usa a produção para contar histórias, ou para desenhar aquilo que costuma sonhar, rabisca detalhes do seu cotidiano, elementos, pessoas, qualquer coisa que faça parte de sua vida. Seus problemas e sintomas surgem também dos rabiscos. Essa atividade pode ser entendida como algo que propicia expressar, pela experimentação, algo que a atemoriza ou a perturba. A atividade costuma despertar variações afetivas. As eventuais

interpretações do analista não são comunicadas à criança, em termos de algo oculto a ser revelado. Mas, comentários costumam ser feitos sobre o que é produzido e isso permite que a criança se refira a qualquer desses aspectos, em ambiente sustentável. Winnicott considera que o essencial, nessa experiência, é explorar junto com a criança a sua capacidade para descobrir o que já havia nela mesma.

Jogar o jogo do rabisco é favorecer a criação de cartografias e temos, então, um novo agenciamento entre o uso clínico do jogo do rabisco e a proposta rizomática de Deleuze e Guattari. O jogo do rabisco, visto como experiência cartográfica, é um brincar que coloca em circulação a experiência do devir, do desdobramento de outros modos de existência. O que é cartografar nos termos de uma operação clínica? Quem nos dá a pista é Rolnik (2006, p.23), que define cartografia assim:

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo que os movimentos de transformação de paisagem.

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo em que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Se o termo cartografia é usado para percorrer paisagens psicossociais, podemos afirmar que os traçados compartilhados no brincar do jogo do rabisco são traçados cartográficos. Esse instrumento, como foi proposto por Winnicott, favorece, exatamente, a produção de trajetórias intensivas que “dão língua para os afetos” (ibid). Sendo vivência compartilhada, entendemos que o cartógrafo não se reduz ao analista e nem à criança, porque ele surge na experiência, mas ainda que não seja essa a proposta do analista, é possível observar a criança em seus movimentos cartográficos. Qualquer jogo, mesmo o jogo do rabisco, pode ser jogado burocraticamente, daí os receios de Winnicott. Por isso, o aspecto mágico na idéia winnicottiana é que essa dimensão de jogo sem regras – em que as mesmas são fabricadas a cada passo, pela experimentação – é extensiva a todas as modalidades do brincar. Embora o próprio autor tenha situado o jogo do rabisco como instrumento de auxílio das “consultas terapêuticas”, é possível perceber, na descrição de seus casos clínicos, essa dimensão cartográfica que aparece no modo como brinca ou observa o brincar infantil,

mesmo quando deixa de fazer uso do jogo do rabisco. O caso descrito do menino Edmund é uma demonstração desse uso que a criança faz do brincar.

Ao escrever sobre a expressão e a linguagem infantil, Deleuze refere-se a uma cartografia que é traçada pela criança na exploração dinâmica que faz do mundo que a cerca. Também não lhe parece que o imaginário e o real sejam instâncias separadas, pois desenvolve a idéia de que fantasia e realidade são trajetórias que se superpõem, traçando o que ele chama de mapas intercambiantes. Ele nos apresenta uma criança cartógrafa, capaz de trilhar percursos criativos e diferenciados, sem que, necessariamente, esteja fadada a reproduzir passivamente os modelos que a ela são impostos. Essa concepção de criança cartógrafa, também, está presente no seu pensamento quando, em “Crítica e Clínica” (DELEUZE, 1997, p. 71), escreve a respeito do papel dos genitores nos agenciamentos engendrados com os filhos. Deleuze defende que os pais possam assumir uma posição nômade. Ou seja, que possam agir como catalisadores dos fluxos traçados pelas crianças, sem que estejam fixados, apenas, como referenciais representativos de uma origem e de uma finalidade a ser atingida. Em outros termos, pais como produtores de vida e não como fazedores de cópias, conforme diz Deleuze (ibid, p.74):

Os próprios pais são um meio que a criança percorre com suas qualidades e potências e cujo mapa ela traça. Eles só tomam a forma pessoal e parental como representantes de um meio num outro meio. Mas é errôneo fazer como se a criança, primeiro, estivesse limitada a seus pais e só chegasse aos meios depois. O pai e a mãe não são as coordenadas de tudo o que o inconsciente investe. Não existe momento algum em que a criança já não esteja mergulhada num meio atual que ela percorre, em que os pais como pessoas só desempenhem a função de abridores ou fechadores de portas, guardas de limiares, conectores ou conectores de zonas. Os pais estão sempre em posição num mundo que não deriva deles. Mesmo no caso do bebê os pais se definem em relação a um continente-cama como agentes nos percursos da criança.

Esse deslizamento tão característico das crianças é comumente potencializado pela atividade lúdica que fornece o suporte necessário para a exploração de novos espaços e a constituição de novos territórios existenciais ou, se quisermos usar a linguagem deleuziana, pelo traçado de cartografias. Na clínica, essa perspectiva do brincar como operador de novas conquistas existenciais ganha importância sobre a conotação interpretativa atribuída à função do brincar. Recorremos a dois outros fragmentos clínicos, a fim de elucidarmos aquilo que dá

relevo a essa função do brincar como ferramenta que facilita o deslizamento de fluxos e permite novos traçados cartográficos.

Um analista brincalhão

O primeiro deles extraímos do próprio texto winnicottiano que relata a intervenção feita por ele a respeito do uso dos brinquedos por uma criança de cinco anos, ocasião em que, ao brincar com dois bichinhos de pelúcia, ela os deitou num leito construído no espaço potencial instituído durante a sessão e espalhou outros brinquedos sobre a cabeça daqueles que estavam sendo cuidados como seus filhos. Trata-se de uma experiência clínica que transcrevemos parcialmente⁴², na medida necessária para a compreensão do que estamos aqui defendendo. Assim, ao interagir com a criança na cena lúdica, Winnicott (1975, p. 67-68) comenta:

... Na brincadeira que Diana e eu fizemos juntos, um brincar sem terapêutica em si, pude sentir-me livre para ser brincalhão. As crianças brincam com mais facilidade quando outra pessoa pode e está livre para ser brincalhona. (...)

Durante a brincadeira, Diana decidiu que o ursinho e o cordeirinho eram seus filhos (...). Depois, colocou-os dormindo juntos, pacificamente, sobre o leito improvisado. Afastou-se, então e apanhou uma porção de brinquedos num balde e em algumas caixas. Sobre o assoalho, em torno da parte de cima da cama, dispôs os brinquedos e com eles brincou; o brincar era ordenado e havia diversos temas diferentes, os quais desenvolvia, mantendo cada um deles separado do outro. Intervim, novamente, com uma idéia minha. Disse: ‘Oh, olhe só! Você está espalhando no chão, em volta das cabeças dos bebês, os sonhos que eles estão tendo, enquanto dormem’ (...) a idéia intrigou-a, ela a aceitou e continuou a desenvolver os diversos temas, como se sonhasse para os bebês os sonhos deles .

Quando o psicanalista diz “que pode se sentir livre para ser brincalhão, (...) um brincar sem terapêutica em si”, refere-se a um brincar, que está para além de um objetivo terapêutico a ser atingido. O que desejamos ressaltar é o modo como o terapeuta interveio, entrando no jogo com a criança, propondo, até mesmo leituras pessoais, estando, porém, totalmente inserido no jogo, tão brincante quanto a criança e de tal forma que a interferência produzida não soa como intrusão. Um exemplo que flagra Winnicott em seu devir-criança em uma

⁴² A descrição do caso em sua íntegra encontra-se no capítulo III do livro “O Brincar e a Realidade”, denominado O brincar – uma exposição teórica (WINNICOTT, 1975, p. 66 a 70).

atitude “brincalhona” e que permitiu que um agenciamento infantil entre ambos se instaurasse como espaço potencial, fornecendo possibilidade para a produção de desvios, um tipo de intervenção que abre caminhos e não aprisiona em códigos.

Uma criança cartógrafa

Já o segundo exemplo trata-se de um caso acompanhado em supervisão. Uma criança de oito anos iniciou um tratamento psicoterápico como suporte à recuperação física de um grave atropelamento que sofreu, fazendo com que fosse submetida a várias cirurgias em uma das pernas. Esse fato traumatizante fez com que sua mãe e todos que a cercavam redobrassem os cuidados a ela dirigidos e que eram, evidentemente, necessários, mas, de certa forma, impediam a retomada do cotidiano de sua vida. Percebia-se que a criança era mantida em uma posição de fragilidade, fato que parecia estar retirando de si a confiança devida para acreditar que podia voltar a se movimentar fisicamente a exercer as atividades que fazia anteriormente ao acidente. Esse cuidado especial, também, era exercido pela escola onde os professores acabavam contribuindo para a manutenção de uma atitude superprotetora. Em uma das sessões, o menino contou um episódio vivido na escola que o deixou triste e alegre ao mesmo tempo. Triste, porque não poderia participar do campeonato dos jogos envolvendo atividade física promovidos pela escola, dos quais costumava participar habitualmente, e um pouco alegre, porque a professora havia arranjado um modo dele participar, segurando o cartaz que anunciava as partidas, uma espécie de prêmio de consolação. Nessa ocasião, durante as sessões clínicas, sua terapeuta propôs o brincar com jogos lúdicos que acabou configurando-se como uma espécie de campeonato e que provocou uma reação inusitada da parte do menino, pois, quando vencia aquele ‘campeonato’, comemorava a sua vitória, atirando-se no chão como fazem, por exemplo, alguns atletas que simulam um mergulho em águas imaginárias, algo impensável para quem apresenta restrições à sua movimentação física. A princípio, sua terapeuta levou um susto por recear que ele pudesse se machucar, quando “mergulhava” na piscina virtual em que se transformava o piso do consultório, mas, felizmente, pode conter o seu ímpeto para impedi-lo de agir assim, mantendo-se igualmente cuidadosa, mas permitindo a sua livre manifestação sem que qualquer interpretação fosse emitida para explicar o seu gesto.

Trabalhando juntas no caso supervisionado, foi possível perceber que o gesto do menino parecia ser uma atitude de retomada da confiança que havia perdido e que, com a

ajuda sensível de sua terapeuta, o menino poderia estar ali, procurando superar as dificuldades que o levaram àquele espaço clínico. A atitude terapêutica, nesse caso, consistia em permitir o deslizamento do menino, pela experimentação empreendida no espaço potencial estabelecido no *setting* clínico, onde o terapeuta atuou em meio à experiência, ou seja, fazendo parte dela e entrando no jogo junto com a criança, deixando-se usar como um meio a ser percorrido pela criança “com suas qualidades e potenciais e cujo mapa ela traça” (DELEUZE, 1997, p. 73). Uma atitude clínica que favorecia a reconquista do território existencial momentaneamente perdido.

Retomamos a afirmação deleuziana, agora agenciada com o pensamento winnicottiano para dizermos que não se trata de traduzir o brincar em significados e significantes e nem de interpretar fantasmas inconscientes, mas de acolher o ato de brincar em suas intensidades de fluxos, que escapam a uma codificação prévia. Isso significa aceitar o ato de brincar em seu paradoxo de ação simultânea, mágica e real, dando a esse ato o estatuto de fenômeno transicional. Trata-se de uma proposta em que se entra num jogo compartilhado - terapeuta e paciente implicados numa nova experiência, a cada vez que o encontro clínico acontece – um ato inaugural, promotor da diferenciação, exercício de alteridade.

4 – o uso que a criança faz do brincar

Winnicott enuncia a sua tese procurando descrever a experiência lúdica como inerente à vida, uma atividade que é, naturalmente, promotora de “liberdade de criação” (1975, p. 79). Ele é claro ao dizer que o brincar é da vida e, como tal, é forma de comunicação que pode ser utilizada no espaço clínico. Ao fazer esse enunciado de uma teoria da brincadeira, recorre às observações feitas à díade bebê-mãe para mencionar como esse processo é empreendido. O bebê precisa de um anfitrião hospitaleiro que o apresente ao mundo, geralmente, a sua própria mãe, porque a ambiência participa ativamente dos processos de subjetivação.

O autor toma como premissa o ponto de vista que, supostamente, o bebê tem do mundo, um olhar subjetivo que é “quase alucinação” (ibid p.77) e que não provém de um despertar instintual. Já mencionamos que essa operação é própria do interjogo, que acontece entre o que é subjetivamente concebido e o que é objetivamente percebido. A “quase alucinação” surge justamente nos encontros. Surge daquilo que é apresentado pelo ambiente

que está ali para ser encontrado e criado. O papel da ambiência provedora é fundamental na alternância entre ser aquilo que o bebê encontra para ser criado e ser a própria ambiência. Esse movimento permite ao bebê experimentar magicamente essas aquisições dentro-fora, que são experiências alternadas de ilusionamento e desilusionamento.

É importante reafirmarmos esse posicionamento teórico, porque Winnicott faz uma distinção entre “relação de objeto” e “uso do objeto”. Ambos são processos importantes para a produção psíquica mas envolvem procedimentos diferentes na prática clínica. Para o autor, a relação de objeto está referida à realidade interna e o objeto é um feixe de projeções, investido fantasmaticamente. Para chegarmos ao estado de uso do objeto, precisamos adquirir capacidade para tal e a condição está no encontro, nas combinações possíveis entre o que é criado subjetivamente e o que é percebido objetivamente.

Esses esclarecimentos são relevantes quando estamos pensando em uma clínica que prioriza a experiência compartilhada e não somente o relacionamento intersubjetivo. Quando falamos em “relação objetal” na nomenclatura winnicottiana, essa relação é “... descrita em termos de sujeito como ser isolado” (ibid, p.123). Na clínica, são os momentos em que o que prevalece é a relação intersubjetiva. Já na concepção de uso do objeto, esse tem que ser real e, ao mesmo tempo, fazer parte da realidade compartilhada, porque o objeto criado coincide com o objeto apresentado.

Para o autor, o uso do objeto, tem que ser descrito em função da aceitação da existência independente do objeto e sua propriedade de estar sempre ali. A capacidade para usar o objeto depende de uma ambiência propícia. O uso implica que o objeto faça parte da realidade externa e ao mesmo tempo da realidade interna. Esse enunciado winnicottiano confere um valor positivo ao que ele considera como destrutividade. O que era onipotência passa a ser experimentação de potência: poder usar, experimentar. Winnicott vai afirmar que “neste ponto do desenvolvimento [...] o sujeito está criando o objeto no sentido de descobrir a própria externalidade e [...] que essa experiência depende da capacidade do objeto sobreviver” (ibid, p. 127). A importância desse fenômeno para a clínica é a mudança que se dá na posição que ocupa o analista entre ser apenas um feixe de projeções ou fazer parte da experiência compartilhada, podendo ser usado como um objeto transicional.

Por serem vivências com alto grau de complexidade devem ser gradativas e contar com a anuência ambiental, ou seja, a aceitação do gesto espontâneo. Se essas experiências são vividas como bons encontros (não intrusivos, ou sem traumatismos e privações) o que se instaura é um aumento da confiança. Um aumento de potência que resulta em conjugação de

forças criadoras de um “playground intermediário” (ibid). É o início da brincadeira. O brincar é um interjogo caracterizado pela precariedade entre o que é mágico e o que é real. Por isso, o autor afirma como lugar-tempo do brincar o espaço potencial.

Quando a criança brinca, habita uma área que não pode ser facilmente abandonada. Tampouco, admite intrusões, a não ser que se aceite compartilhar, entrando no jogo e sendo igualmente capaz de brincar, sem a imposição de padrões. Se a criança mantém a sua capacidade de brincar e, portanto, simbolizar, ainda que esteja doente, mantém as condições de elaborar as suas dificuldades. A criança que não brinca está impossibilitada de agir como nômade, explorando e cartografando novos territórios, de modo a propiciar a expansão de suas conquistas, de seu universo. Quando uma criança brinca e interrompe a brincadeira, sem que, necessariamente, haja um desfecho para a mesma, a brincadeira pode ser dada como finalizada, porque se tornou enfadonha. Há um desinvestimento espontâneo e, muitas vezes, inicia-se nova brincadeira. A fim de ilustrar esses pontos de vista, um breve relato de observações feitas sobre a brincadeira de esconde-esconde, protagonizada por uma criança:

Brincar de esconder para ser encontrado

O episódio envolve um menino de cinco anos que, ao chegar para as sessões de terapia em companhia de sua babá, costumava tocar a campainha e aguardar a terapeuta atrás de uma pequena pilastra, de tamanho insuficiente para servir-lhe de esconderijo embora esse aspecto, para ele, fosse irrelevante. Sempre que a porta era aberta, um jogo já se estabelecia, com a acompanhante informando que, daquela vez, viera só, o que levava a terapeuta a lamentar a “ausência” do menino e convidar a acompanhante a entrar para brincar, no lugar do menino. Era nesse momento que a criança surgia de trás da pilastra, sempre buscando surpreender, gesto que evidenciava o seu prazer em ser descoberto e cuja atitude era saudada com demonstração de alegria pela sua presença e que despertava, nele, o prazer de ser encontrado. Uma brincadeira que já se iniciava na porta do consultório e sendo essencial o fato de ter sido proposta por ele, sem que nenhuma combinação tivesse sido feita previamente. Entretanto, em uma única ocasião, uma outra pessoa acabou por atender a porta e o jogo habitual não pode ser engendrado, provocando reação de choro, irritação e recusa para entrar. Foi preciso, então, reiniciar o jogo costumeiro, fechando-se a porta, para que a campainha pudesse ser novamente acionada e a porta reaberta e a terapeuta pudesse ser “surpreendida” pelo menino e saudá-lo como sempre era feito, para que ele, então, pudesse aceitar o convite para entrar.

Esse episódio nos dá a medida da importância do brincar visto como agenciamento das relações compartilhadas não só no espaço clínico, mas também nas atividades cotidianas de uma criança. Sabemos que as crianças adoram brincar de “esconde-esconde”; a graça parece estar em serem encontradas em algum momento e mais exatamente no instante em que elas permitem que isso aconteça. Quando isso não ocorre, é uma lástima, pois, em lugar do júbilo pela descoberta, há decepção pelo fato de não ter sido compreendida em seu gesto e a brincadeira se estraga. O que era contentamento pode dar origem à frustração e o que era ação pode virar reação. O exemplo em questão serve para mencionarmos a questão da dádiva e da importância da aceitação, pela ambiência, do gesto expresso pelo brincar. O brincar não precisa passar por protocolos e regras pré-estabelecidas, pois, sendo assim espontâneo, se apresenta quando menos se espera e, talvez, as atitudes dessas crianças denotem, simplesmente, a vontade de explorar o ambiente, experimentar movimentos, cartografar espaços e estabelecer relações.

4.1 – clínica e experimentação

A idéia de criação atravessa toda a obra em Winnicott e ganha consistência com a realização de seu último livro, “O Brincar e a Realidade”, em que o autor expõe a sua argumentação definitiva sobre a importância do viver criativo. Para Winnicott, o esperado é que se possa viver criativamente e isso inclui doses de *nonsense*, experimentações que nos levem para além dos padrões estabelecidos e esperados, porque “... o absurdo organizado já constitui uma defesa, tal como o caos organizado é uma negação do caos” (1975, p. 82).

Embora tenha partido da prática clínica para chegar a sua concepção do brincar, o autor não o situa, teoricamente, apenas pela via operacional clínica. O brincar é uma atitude inerente à vida. Ele apenas comparece na clínica, quando há comprometimento no viver. Quando há sofrimento, busca-se a clínica. Enquanto clínicos, o que nos cabe fazer é restituir à vida o que é da própria vida. A função da clínica é operar passagens, travessias, sendo essa a dimensão de cura que está implícita nesse tipo de proposta. Assim, o brincar, visto como fenômeno transicional, fenômeno de fronteira, visa produzir experimentações na clínica, a fim de resgatar a potência de viver. Winnicott menciona:

A pessoa a quem estamos tentando ajudar necessita de uma nova experiência, num ambiente especializado. A experiência é a de um estado não intencional, uma espécie de tiquetaquear, digamos, assim, da personalidade não integrada. (ibid, p. 81)

Como é que podemos pensar o uso do analista como promotor de experimentações, descentralizando-o de sua tarefa interpretativa? Pensar a experimentação no espaço clínico é pensar na possibilidade de abrir mão de um modelo hegemônico em que se privilegia a busca de uma gênese, uma história pregressa que expliquem as causas dos sintomas atuais. Embora esses dados sejam relevantes, são tomados como elementos de uso dessas experiências como possibilidade transformadora. Temos aqui, novamente, a noção de experimentação compartilhada, para que seja possível pensar o encontro clínico desse modo.

Para Winnicott o analista assume a posição de se deixar usar pelo paciente tal como uma criança usa um objeto transicional. O uso do analista, descrito pelo autor, não pode prescindir da experiência de compartilhamento. O uso não diz respeito a uma fantasia atualizada na figura do terapeuta, porque "...o objeto, se é que tem que ser usado, deve ser, necessariamente, real, no sentido de fazer parte da realidade compartilhada e não um feixe de projeções" (ibid,p. 123). Esse uso é o que vai permitir ao paciente colocar o analista fora da sua área de controle onipotente e perceber que a destrutividade empregada, aqui, também, é um ato de criação. Esse é mais um paradoxo winnicottiano, porque o objeto para o qual a destrutividade é direcionada, precisa manter-se íntegro. É o que o autor chamou de sobrevivência do analista.

A clínica winnicottiana, insistimos, é uma clínica em que a intervenção privilegia o brincar. Se o brincar é fazer e não, simplesmente, imaginar, estamos no plano da experimentação. O autor vai afirmar que a psicoterapia se efetua na sobreposição de áreas lúdicas, naquilo que é produzido pelo encontro entre paciente e terapeuta que, para Winnicott, brincam juntos. Se esse brincar, juntos, se dá no espaço potencial, diríamos, também que o brincar acontece *entre*, ou seja, na zona de indiscernibilidade instituída pelo espaço potencial. É preciso que o analista reconheça a existência desse lugar, que conduz à confiança. Aquele em que a brincadeira pode ser iniciada. (ibid, p. 143).

Como pensar a abordagem clínica tomando como referência a perspectiva da experimentação que se dá num espaço de mutualidade? Sobre o eu, podemos dizer que não está presente desde o início. O eu é apenas uma cristalização, uma estratificação do processo. Para além do eu, há sempre um processo que se dá à revelia dele. O eu não pode ser pensado

como um agenciador, mas como algo que surge nos agenciamentos. Assim, quando a análise se processa pela experiência, não está subordinada ao eu e nem a uma meta, sendo preciso pensar o fluxo desejante percorrendo a experiência. Por essa perspectiva, quando pensamos no plano da clínica, não é sujeito e nem objeto que predominam, porque eles estão diluídos ou já não têm tanta importância. O que importa é a relação em que, sujeito e objeto se constituem, simultaneamente.

A ênfase passa a ser na experimentação, na descoberta, na criação, sem que isso seja um ensinamento moral e nem um deciframento de algo que se passou e que se atualiza. Se a tônica é a experimentação, é preciso estar atento para que a área intermediária da brincadeira não seja invadida por interpretações provindas da própria imaginação do terapeuta. O que vem da ambiência precisa ser recebido como uma criação pessoal, senão abre caminho para um processo persecutório e defensivo. Na terapia com crianças e com adultos, Winnicott diz que “o momento significativo é aquele em que a criança se surpreende a si mesma e não o momento da minha arguta interpretação” (ibid, p.75). Quando a criança está capacitada a brincar e o terapeuta também, o brincar flui. O jogo não é didático, porque não há mais um sujeito sabedor que instrui o outro; há criação.

Deleuze diz que é próprio das crianças “explorar os meios, por trajetos dinâmicos e traçar o mapa correspondente”. Há um movimento que a gente pode chamar de devir-criança, devir mulher, devir animal e que faz com que o analista entre no jogo junto com o paciente. As crianças adoram deslizar por entre as coisas, criando trajetos e devires, adoram traçar trajetórias cartográficas e isso é muito fácil de ser observado nas brincadeiras populares, de caráter coletivo. Deleuze (id. 1998, p.42) lembra que “as crianças são rápidas porque sabem deslizar entre”. As crianças correm, mudam de lugar, demarcam e abandonam territórios com muita rapidez e, nem sempre, esses movimentos são aceitos como um modo de explorar o espaço. Quando situamos o brincar, como produtor de devires, essa ótica propicia outras leituras para esses movimentos. Um fragmento clínico fornece a ilustração para o que estamos dizendo.

Uma experimentação pessoal

Uma mãe vem conversar a respeito de si e de seu filho de quatro anos, sem saber, ainda se é ela ou o filho que necessita de atendimento. Na conversa estabelecida, relata que se sente exausta porque não consegue acompanhar a velocidade de seu filho. Conforme vai

expondo a sua inquietação, se surpreende, ao perceber um vínculo de sua queixa com lembranças de sua própria infância. Conta que, quando pequena, era vista como uma criança muito calma e discreta, fato que era enaltecido por sua mãe. Ela era aquele tipo de criança que era “esquecida pelos outros, em um canto da sala”. No momento em que resgata essa lembrança, o afeto que comparece é a sensação de incômodo que isso lhe causava. Incômodo que a fez desejar ter um filho que não fosse uma criança a ser esquecida, como ela foi. A vivacidade do filho, no entanto, parece ter extrapolado as suas expectativas, porque ela se exaure com isso, sem conseguir contê-lo, ainda que constata, no menino, um jeito de ser diferente do seu, compatível com as suas expectativas.

Ao atender a criança ela deixa transparecer, de imediato, um modo intenso de interagir. O menino denota um jeito próprio de viver e experimentar o mundo. É um menino que mantém um interesse marcante por animais. Bastante comunicativo, chega falando de seu bichinho de estimação e foi por aí que iniciamos a nossa conversa. Mesmo sendo bem jovem, foi proposto jogar o jogo do rabisco, que ele aceitou, de pronto e, assim, iniciamos por essa atividade. Desenhamos vários animais, quase todos propostos por ele, que foi conduzindo a tarefa e propondo inovações. Desenhou, com garatujas, pássaros, peixes e outros animais. Em dado momento, assumiu a posição de modelo, deitando de bruços no sofá, esticando pés e mãos e erguendo a cabeça, fazendo uma expressão zangada. Solicitou que eu desenhasse um tubarão feroz que ele “encarnava” pelas posturas e gestos que fazia. Depois, propôs, em alternância, que eu, por ser grande, personificasse uma baleia para que ele pudesse desenhá-la.

No uso do material disponível - papel, lápis pretos e coloridos - configurações familiares iam surgindo, na junção, em grupos, de lápis maiores, com menores: lápis maiores que eram pais e os menores, filhos. Em outra ocasião, repetiu o tema da composição entre elementos grandes e pequenos: na caixa de brinquedos, descobriu carrinhos e pequenos animais selvagens, de plástico. Carrinhos que formaram, novamente, grupos familiares conforme situações retiradas, provavelmente, de seu universo infantil. Elementos suficientes para a criação de histórias que fomos contando em parceria. Uma questão que preocupa a sua mãe é o tema da morte, que ele começa a descobrir, ao constatar a finitude dos seres vivos, fato que o faz sofrer, receando perder a mãe. Essa temática também aparece, em dado momento na brincadeira: ao manusear um dos carrinhos, uma peça soltou-se, fato que ele associou à morte. Mas não se angustiou e resolveu deixá-lo, assim, morto. Logo se desinteressou e buscou outra atividade. Nessa brincadeira havia o carro-pai, o carro-mãe e o carro-filho e aquele que havia “morrido”, foi nomeado como o carro-avô, que por ser o mais

velho, ele deduziu como sendo aquele morreria primeiro. Essa sua percepção é compatível com a versão que sua mãe lhe deu para morte: morremos quando estamos mais velhos.

Com os animais selvagens, o movimento difere porque resolve organizar um zoológico. Espalha os brinquedos no espaço do consultório, demarcando territórios para os animais. E assim, ele vai alternando as experimentações, ora recorrendo ao seu universo familiar, ora expandindo-se por outros mundos. Quando brincamos com os animais, às vezes, uiva, porque, nesses momentos, é lobo; urra, porque, agora, é leão; ou pia em seu devir-pássaro. Experimenta variações de peixes e de pássaros que parece conhecer, razoavelmente. Em outro movimento, brinca de ser o seu animal de estimação e alterna a brincadeira entre ser o pássaro ou o seu cuidador. Novamente, aparece o movimento de ser grande ou pequeno e de estar remetido a um universo familiar ou a explorar mundos. Posicionamentos que experimenta em alternância na sua descoberta de novos espaços e novas funções. Cuida para que o pássaro seja alimentado, tome banho e coloca-o em uma caminha, que inventa para que possa descansar. Em outra ocasião ele se experimenta como aranha e, então, conta um segredo: ele é o homem-aranha.

O que se passam nessas experimentações? Devires. Ele me convida a entrar nos jogos com ele convocando-me em devires diversos: devir-criança, devir-animal; devir-mulher; alguém que possa dar sustentação aos seus movimentos. Da parte da terapeuta os movimentos também se alternam conforme a necessidade de posicionamento, ora entrando, ora saindo do jogo; movimentação que o menino acolhe conforme a circunstância. Nenhum problema quanto a entender que, naquele espaço, existem limites. Isso é expresso pela aceitação de que temos hora para começar e terminar; hora para mexer nos brinquedos e para guardá-los.

Entretanto, quando sua mãe chega para buscá-lo, já não é devir, mas transformação da sua pessoa. De algum modo, ele sabe que tem a mãe capturada, que exerce certo domínio sobre a mesma e aí ele se transforma na criança que a mãe não consegue controlar. Basta ele saber que é a mãe que toca a campainha para vir buscá-lo, para que o seu comportamento se modificasse, sendo essa a questão pregnante na escuta que estamos desenvolvendo. É o momento em que aparece, no comportamento materno, a sua ansiedade. Um episódio incidental permitiu que, enquanto terapeuta, fosse possível experimentar a ansiedade materna. Ao perceber que sua mãe tocara a campainha, o menino deixou o que estava fazendo e subiu nos braços de uma *bergère*, procurando se equilibrar na mesma. Isso provocou um estado apreensivo no terapeuta, que também interrompeu a brincadeira, preocupado com uma possível queda do menino que estava sob a sua responsabilidade. O que aconteceu com o

terapeuta foi que ele, nesse momento, deixou de compartilhar o brincar tal como uma criança e passou a experimentar algo semelhante ao que a mãe relatava. De um devir criança passou a experimentar um devir materno. Ao solicitar que o menino descesse, ele não o fez, repetindo com o terapeuta o modo costumeiro de agir diante de sua mãe.

Esse trabalho vem sendo realizado em alternância entre sessões lúdicas com o menino e outras, realizadas, ocasionalmente, com sua mãe, como modo de acompanhar essa trajetória. Sem a intenção de fechar, aqui, um diagnóstico, entendemos que há uma questão na relação estabelecida entre eles a ser trabalhada. Segundo o relato materno, o menino demonstra interesse pela continuidade de nossos encontros. Quando esse tipo de experiência não mais o interessar, certamente, ele, de algum modo, sinalizará e será respeitado em sua decisão. O movimento terapêutico, nesse caso, se desdobra em duplo movimento de sustentação: da mãe e do filho, atendidos, em consultas alternadas, acompanhando o pedido de acolhimento inicial que foi feito, desse jeito, difuso. Para a terapeuta, também se trata de experimentação.

5 – O brincar e a vida

Qual a diferença entre o brincar na clínica e o brincar na vida? A questão não é encontrar a diferença, mas atribuir ao brincar a sua real relevância para o viver criativo. O brincar está para além da clínica, porque é da capacidade de experimentar ludicamente o mundo que surge a possibilidade de dar continuidade a essas experimentações em termos culturais. Na clínica, o brincar comparece como instrumental ou como um modo de operar. Quando não se sabe brincar ou se desaprendeu de brincar - o que parece ser o caso daqueles que não encontram motivos para vibrar com a vida - o espaço clínico pode ser a arena privilegiada para essa experimentação. Talvez, apenas na medida suficiente para o resgate dessa capacidade e isso significa livrar-se dos empecilhos impostos pela doença que impedem a expansão do potencial criativo. Não há como avaliar o viver criativo pelo conteúdo do que se faz porque, na realidade, trata-se de um modo de agir e interagir com o mundo. Quando podemos manter a capacidade de nos surpreender, estamos no plano do viver criativo.

Essa é a grande inovação promovida por Winnicott como clínico renomado e estudioso da natureza humana. Quando o autor diz que é preciso despertar essa capacidade para brincar é porque considera que há uma estreita ligação entre as experiências de

transicionalidade do início da vida com o uso que a criança faz do brincar, de onde se derivam, diretamente, as experiências ligadas ao plano cultural e que, para o autor, são a ampliação dos fenômenos transicionais e da brincadeira. Dito de outra forma, a capacidade para usufruir os objetos da cultura, depende da aquisição e expansão da capacidade para brincar. Daí a importância do brincar para a vida porque a experiência cultural é um derivado da brincadeira.

Winnicott foi um psicanalista que não demonstrou interesse em estender a interpretação psicanalítica para além das fronteiras da clínica, tal como interpretar a obra de arte a partir da personalidade do artista ou buscar o entendimento da subjetividade do artista a partir das suas criações. No artigo *A Criatividade e suas Origens* (1975, p.95) o autor faz uma crítica à posição psicanalítica que se ocupou de tentar decifrar a obra de arte traçando paralelos entre a produção do trabalho artístico, ou entre a vida e a personalidade dos artistas. Isso nos faz concluir que essa visão tradicional acaba por distorcer o propósito da criação artística, uma possível negação da força disruptiva que a obra de arte pode conter, no sentido de afetar e se deixar afetar pelo contexto em que se situa. Ao afirmar esse ponto de vista, o autor revela o cuidado de não impor interpretações invasivas nem à obra de arte, e muito menos à pessoa do artista.

Inevitavelmente, esses estudos tendem a irritar os artistas e as pessoas criativas em geral, e isso se prende ao fato de que, parecendo estar chegando a algo e aparentemente capazes de explicar por que aquele homem foi grande e aquela mulher conseguiu tanto, sempre desviam a indagação para o lado errado. O tema principal, o do próprio impulso criativo, continua sendo contornado. A criação se ergue entre o observador e a criatividade do artista. (ibid, p. 100)

Nessa leitura winnicottiana que pensa a arte como afirmação de potência, uma objeção poderá surgir. Podemos conjecturar que essa forma de pensar é uma posição equivocada porque, aparentemente, há uma recusa do mal estar como componente na criação artística. Em outras palavras, nessa concepção em que aparentemente a arte só é feita de bem estar, não haveria lugar para o mal estar na criação artística? Se aquilo que estiver sendo considerado referir-se a uma equivalência entre a noção de bem-estar e a de prazer, temos que afirmar que a arte não pode ser feita só de prazer ou bem-estar. Mas também será preciso desmembrar a concepção de prazer como se estivesse atrelada a uma outra e até confundindo-se com ela, que é a noção de desejo.

Mesmo em Freud desejo não é o mesmo que prazer, porém um está atrelado ao outro. O que queremos dizer é que, em Freud, o desejo tem uma meta, a busca de realização embora inalcançável, encontrando em seu lugar uma satisfação que nunca atinge a completude. O que Freud enuncia a partir da experiência de satisfação é que o operador psíquico é o princípio do prazer. A pulsão busca encontrar o objeto da satisfação na tentativa de obter o prazer, ou melhor, evitar o desprazer, que possibilita descarregar a tensão acumulada no psiquismo.

Mas aqui estamos tratando 'desejo' pela vertente postulada por Deleuze e Guattari que vão desatrelar desejo de prazer, colocando o desejo no plano de imanência, como motor da própria vida, quando no "Anti-Édipo" desenvolvem uma nova concepção filosófica de desejo, conforme já mencionamos. Dessa forma, o que é preciso ressaltar é que prazer não é o mesmo que desejo. Quando dizemos que arte é afirmação de potência não estamos partindo da noção de desejo como faltoso, atrelado a uma necessidade de completude, mesmo que inalcançável. O desejo, aqui, é produção desejante, sempre coletiva e impessoal e não uma faculdade atribuída a um sujeito. Produção desejante produz qualquer coisa, bem estar e mal estar, dependendo dos agenciamentos que são engendrados.

Guattari (1986, p. 215) propõe denominar desejo "a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistema de valores", todos os modos de produção são modos desejantes. Ou seja, não há espontaneísmo, o desejo precisa ser produzido. A questão, então, é saber sobre o que se passa em um agenciamento, de que desejo se trata e não qual seria o seu objetivo. O interesse recai sobre os agenciamentos que podem ser construídos a partir de uma posição de desejo. No vídeo intitulado "Abecedário", Deleuze vai dizer, com propriedade, que desejo não tem a ver com espontaneísmo. Ao se apresentar como força disruptiva, a partir de acontecimentos, será preciso que ele ganhe consistência, determinada sustentação, para que se afirme como posição de desejo. É nesse sentido que a criação artística é desdobramento do viver criativo, mas nunca como uma consequência naturalizada desse viver. A criação artística sendo produzida a partir de acontecimentos, encontros que geram tensões, inquietudes, desejos que colocam em movimento uma intensividade que pode ser expressa como arte.

Na visão winnicottiana qualquer um, sendo ou não artista, poderá fazer uso criativo das experimentações na vida, tomadas como matéria-prima de criação, e em especial, por aqueles que se sentem instigados à expressão pelas vias da arte. Também para o espectador, a proposta parece ser a de se deixar afetar pela produção artística, ser por ela interpretado, ser

levado pela experiência intensiva ao interagir com o trabalho artístico, como acontecimentos que se dão em diferentes planos estéticos, tais como: experimentar agenciamentos rítmicos e sonoros de uma música; ou ser conduzido para outros mundos pelas palavras de uma obra literária e de uma poesia; ser possuído pelas cores e texturas de uma pintura, entre outros elementos.

Para um pintor, o pintar tem vida própria e a tensão que existe não está na tela e nem no pintor, ela existe, ou melhor, surge nos encontros entre o pintor e a pintura, e poderá surgir também entre o espectador e a obra de arte. Na experimentação o que está em jogo é uma conjunção de fatores que determina a ação, ou o movimento que leva, por exemplo, a uma pincelada única, que imprime uma marca singular tal como uma impressão digital. Um artista (informação verbal) ⁴³ descreve o ato de olhar a tela em branco do seguinte modo: “espera-se a onda onde os acidentes se manifestam, pois pintar é, sobretudo, trabalhar com acidentes.” Diríamos, no caso, que ainda que se tenha um projeto ao início do trabalho artístico, o artista e o trabalho artístico são passíveis de serem atravessados por acontecimentos que produzem desvios, a cada olhar, a cada pincelada, a cada gesto.

Como pesquisadora dessa temática, Rolnik cartografa o trabalho realizado pela artista plástica Lygia Clark que experimentou modos interativos de criação, diluindo fronteiras entre o artista, o espectador e o crítico. Nesse estudo, Rolnik (2001, p. 4) faz ver que, para a arte contemporânea, novos modos de interação se fazem presentes nos encontros vivenciados entre o artista e a arte que produz. Essa pesquisadora destaca a diferença essencial que existe entre o ato de interpretar e o de decifrar, elegendo o segundo como aquilo que caracteriza o artista na modernidade. Isso porque não se trata de encontrar explicações, tanto para a obra, quanto para o artista e nem para o uso que se faz da arte. Inventar um sentido para o signo é operar transmutações no plano da vida. Nessa concepção, o artista contemporâneo é aquele que radicaliza mais ainda a sua proposta de problematização quando passa considerar qualquer matéria do mundo como fonte do seu trabalho para inventar arte. Assim, para Rolnik

Fica mais explícito que a arte não se reduz ao objeto que resulta de sua prática, mas ela é essa prática como um todo: prática estética que abraça a vida como potência de criação em diferentes meios onde ela opera. Seus produtos são apenas uma dimensão da obra e não “a” obra: um condensado de signos decifrados que introduz uma diferença no mapa de realidade.

⁴³ Depoimento pessoal feito pelo artista plástico William Gonzalez, no Rio de Janeiro, em 15-08-2006.

Com essas considerações, o que desejamos ressaltar é a idéia winnicottiana de que a arte faz parte do viver criativo, sendo uma de suas dimensões e que pode ser agenciada com qualquer coisa na vida não estando, assim, divorciada da dimensão clínica. Winnicott não vai condicionar o viver criativo e nem a criação artística a um estado de saúde normatizado, estabelecido previamente como aquilo que deve ser reconhecido como saudável. Ao contrário disso, reivindica a aceitação do paradoxo típico da criação, mantendo-a indecifrável.

Tampouco é possível interpretar qualquer obra artística a partir da história pregressa do indivíduo, considerada em termos de projeções fantasmáticas. A distinção entre viver criativo e arte é feita pela mesma perspectiva paradoxal que o autor usa para pensar a produção de subjetividade. Trata-se do mesmo paradoxo de separação-união, continuidade-contiguidade que aparece no seu pensamento a respeito do assunto, pois, embora a criação artística seja desdobramento da criatividade primária, não há causalidade, nem primado e nem subordinação de processos psíquicos, mas apenas deslizamentos de fluxos, possibilidades de criações heterogêneas, produção de diferença. Esse é um tipo de pensamento que concebe a arte como “experiência de afirmação de vida e não a forma invocatória de um compromisso entre a ausência irremediável e a presença imaginária” (LUZ, 1989, p. 92).

Há algo de inviolável no modo como Winnicott concebe o conceito de *self*, da mesma forma que há algo de inviolável na criação artística, algo de secreto que precisa ser preservado. Quando Winnicott descreve ‘a capacidade para estar só’, vai dizer que a criança experimenta um estado de solidão compartilhada em que é possível mergulhar na brincadeira, na fantasia, ao mesmo tempo em que se mantém ali, ancorada ao meio ambiente cuidador, que com ela compartilha esse estado de solidão. O correlativo no artista seria essa necessidade de recolher-se em sua solidão compartilhada com o universo; uma retorno a um estado de não-integração para que o processo criativo possa fluir.

Tal como as crianças que adoram brincar de se esconder para serem encontradas, assim é o artista, deseja ser descoberto, ser encontrado. E isso difere do ato de ser interpretado, que pode representar uma invasão a essa privacidade do *self*, a qual nos referimos. O artista deseja ser encontrado e, ao mesmo tempo, manter o caráter secreto das experimentações. Além disso, qualquer trabalho de interpretação da obra artística revela-se insuficiente porque não dá conta daquilo que foi experimentado como ato criador. Nessa linha de pensamento, o que importa não é aquilo que advém da produção artística de um sujeito. O que nos levar a pensar sobre o que se passa em dado fazer artístico ou em dada contemplação

e interação, capaz de produzir novos modos de subjetivação. O interesse recai nos devires que uma obra de arte pode levar qualquer um a experimentar.

Considerações finais

Sempre esperamos que nossos pacientes terminem a análise e nos esqueçam: e descubram que o próprio viver é a terapia que faz sentido.

D. W. Winnicott

Considerações finais

Tendo como proposta a expansão de nossos procedimentos clínicos, iniciamos esse percurso pesquisando o tema do brincar, tal como se apresenta no pensamento de Winnicott, para empreender possíveis conexões com o pensamento *rizomático* de Deleuze e Guattari. Essa pesquisa não teve como objetivo tecer comparações entre os autores estudados e muito menos buscar algum tipo de filiação entre os mesmos. O nosso intuito foi o de promover aproximações para pensar um, com o método dos outros. Uma trajetória que procuramos explorar de modo peculiar. A idéia foi a de percorrer uma trilha que deveria ser “aberta” pelos próprios trilhamentos. Aproveitamos as “linhas de fuga” que iam surgindo das leituras feitas para a composição de um texto pessoal. O resultado obtido nos leva a afirmar que foi um percurso em que nos sentimos, efetivamente, compartilhando idéias com Winnicott, Deleuze e Guattari.

Tal como Deleuze (1998, p.25) relata sua experiência com Guattari: “não trabalhamos juntos, trabalhamos entre...”, para produzir algo que ia muito além das idéias de cada um. O que perpassa *entre*, são forças com diferentes intensidades e velocidades de modo que não é mais de um ou de outro e também não é dos dois, mas de muitos. Um tipo de produção múltipla que permite brechas, linhas de fuga, devires, produção de diferença, em meio aos encontros porque “é sempre possível desfazer dualismos de dentro, traçando a linha de fuga que passa entre os dois termos ou os dois conjuntos” (ibid, p. 45).

No capítulo I, fizemos a apresentação dos autores estudados pela exposição dos estilos intelectuais que caracterizam a trajetória desses pensadores. Nessa tarefa, buscamos, inicialmente, agenciar a formulação conceitual winnicottiana de “uso do objeto” com o modo como Deleuze e Guattari postulam a criação de conceitos. Isso, como forma de demonstrar que são pensadores que privilegiam a experimentação compartilhada, na escrita, na clínica, na filosofia e na vida. No capítulo II e III, demos continuidade à nossa experimentação, tendo como fio condutor a temática do brincar, para apresentar os principais conceitos winnicottianos que sustentam a nossa hipótese. Procuramos desenvolver o nosso pensamento de modo rizomático, para aproveitar as conexões que o texto suscitava que, certamente, não são os únicos agenciamentos possíveis entre esses pensadores. Ao chegarmos ao final desse percurso, desejamos apresentar, abaixo, os nossos últimos comentários procurando deixar em aberto as possíveis conclusões, para que surjam outros pontos de interesse, outras linhas de fuga a serem retomadas, por nós e por outrem. São comentários que visam sintetizar o que foi tratado ao longo desses escritos. Se o leitor for afetado pelo que leu, é possível que surjam novas questões, a serem elaboradas em linguagem pessoal.

Ainda é comum que o psicanalista esteja mais interessado no conteúdo da brincadeira do que em compartilhar o espaço com a criança que brinca. A proposta de Winnicott é para que o analista se inclua no jogo e isso significa entrar e sair do jogo, experimentando devires. Quando o brincar não é *game* - jogo com regras e, sim *playing* - experimentação indeterminada, o brincar é movimento, é expressão, é criação. Se o brincar diz respeito à vida, a psicoterapia pode ser vista como um modo especializado de brincar, conforme diz Winnicott. Há uma proposta que parte da ambiência favorável. Estabelecido o clima de confiança, faz-se o convite: vamos brincar! Os rumos são traçados pela própria experimentação.

Para uma clínica que se propõe a provocar mudanças nos estados afetivos, mais do que traduzir sintomas, reafirmamos que o trabalho terapêutico pode ser inspirado no brincar, ocorrendo a ação nessa área de convivência simultânea de ilusão e de realidade. O foco é a experiência do encontro, porque é no entremeio que algo acontece. O acontecer se sobrepõe a uma mecanização da técnica porque é a experimentação que determina o seu uso. Isso vale para a vida e também para a clínica. Para isso, deve haver um bom encontro, entre forças expressivas e que se potencializam pela experimentação. Esse encontro, agenciado pelo brincar, não é um encontro qualquer.

Nessa modalidade de prática clínica, percebemos que a ênfase é colocada, efetivamente, na ação lúdica, sendo possível brincar com qualquer coisa, independente do brinquedo ser algo simples ou sofisticado. Qualquer material pode ser usado, desde uma tira de barbante, uma folha de papel até um brinquedo estruturado. O mais importante é que ele possa ser inventado durante a sessão analítica. A relevância está na dinâmica do jogar e não no brinquedo propriamente dito. O brinquedo se define pelo ato de brincar, construído pela brincadeira, uma criação peculiar inerente a cada criança.

O brincar proporciona ao paciente a experiência da descoberta, oferecendo-lhe a oportunidade de construir as suas próprias interpretações, e isso depende da sensibilidade do terapeuta, para realizar intervenções que sejam oportunas. Ao brincar, o terapeuta é mais do que um intérprete das fantasias inconscientes, ele é um catalisador das manifestações afetivas. As intervenções devem ser econômicas, no tempo certo, evitando-se demonstrações de domínio intelectual. A “regra de abstinência” pode ser usada para impedir interpretações argutas, que inibem a liberdade de criação do paciente. Nesse modelo de reciprocidade, as falhas são consideradas como experimentações. Winnicott dá uma positividade às falhas do analista, desde que sejam genuínas, porque permitem que o paciente compreenda os limites de alcance de suas intervenções. A sensibilidade do analista pode criar outras possibilidades de intervenção. O analista sensível trabalha com afetos. Aquilo que é escutado precisa ser acolhido de múltiplos lugares para que se produzam, igualmente, saídas diversificadas.

A experimentação é inseparável de certo desregramento. Às vezes, é preciso não saber para deflagrar algo. O excesso de saber, quando está a serviço de demonstrações, embota a vida. É importante que o terapeuta não ceda a tentação de ser um mestre, sendo essencial que possa sustentar, silenciosamente, com a sua presença, os momentos em que o paciente, discorre sobre algo sem nexos. Um silêncio que é experimentado em comunhão, em estado de solidão compartilhada. Quando o ambiente é bom o bastante, há possibilidade de entrega, de relaxamento, de desconexão. Essa é a confiança à qual Winnicott se refere que, instituída na relação compartilhada, proporciona “seqüências de pensamento aparentemente desconexas as quais o analista fará bem em aceitar como tais sem presumir a existência de um fio significativo (1975, p. 82)”.

É possível postular o brincar como acontecimentos inerentes à vida, acontecimentos que dizem respeito aos primeiros atos criativos. Um bebê não mama somente para se alimentar e não chora somente quando há um incômodo. O ato de mamar e o de chorar, entre inúmeros outros gestos, podem ser modos de brincar e, conseqüentemente, são criações

peçoais. O jogo lúdico também pode ser de palavras, de atos, gestos, tons e posturas. Pode ser feito de movimentos, ritmos, pausas e silêncios, inflexões de voz e senso de humor. Na experimentação que se dá no espaço clínico, todos esses aspectos são modos pregnantes de expressão, especialmente, na psicoterapia com adultos, porque são modos de brincar.

Esse é um tipo de clínica que concebe o *setting* de um modo diferente, criado e compartilhado a cada encontro. Todos os elementos do *setting* servem como suporte ao brincar, porque ele é composto em mutualidade. Há uma flexibilidade presente nessa idéia de *setting*, que é produzido a cada sessão, como espaço potencial, onde há lugar para a fantasia e também para o reconhecimento de que o que ali acontece é real. O *setting* entendido como espaço potencial, em permanente processo de produção, é o lugar para que as experiências paradoxais possam ser acolhidas e toleradas sem que tenham que ser desvendadas. Nessa modalidade de *setting* o tempo funciona mais como tempo intensivo, que orchestra as intervenções. Intervenções que seguem os ritmos mais apropriados para cada momento das sessões e do tratamento. Uma ritmicidade que expressa, muito possivelmente, o que foi vivido nos primeiros encontros com a ambiência provedora. Um modo de exercer a clínica em que o interesse terapêutico recai mais no cuidado do que na cura, porque “a afinidade empática entre terapeuta e paciente é mais importante do que a aplicação correta da técnica de ajuda profissional” (PHILLIPS, 2006, p. 50).

Atualmente, podemos observar, a partir da nossa experiência, que é comum alguns pais adentrarem os consultórios preocupados com a hiperatividade diagnosticada pelos professores e psicopedagogos. As escolas, com raras exceções, estão com seus métodos pedagógicos ultrapassados e não sabem o que oferecer como atrativo, como algo efetivamente inovador. As aulas viram um tédio - os adolescentes nos dizem isso todos os dias - porque a linguagem utilizada dificilmente escapa dos modelos pré-estabelecidos e que funcionam mais como palavras de ordem do que estímulo à descoberta e à criação. O que parece passar despercebido é que essa hiperatividade é, muitas vezes, produzida pelos dispositivos do meio ambiente onde a criança está inserida.

Os pais, talvez, pressionados pelos padrões impostos pelo mundo contemporâneo repetem as exigências aos quais também são submetidos para que sejam bem sucedidos em tudo que fazem. Uma imposição para que se tenha um desempenho criativo, de ser bem sucedido em todas as áreas da vida e, assim, a criação vira um ditame. Quando isso é recebido como palavra de ordem, a criança não pode desacelerar, porque precisa dar conta de agendas abarrotadas de atividades: aula, natação, judô, balé, inglês, informática, psicólogo,

fonoaudiólogo, etc. Isso tudo para que fique hiper-preparada para o futuro, o que a impossibilita de viver o presente de uma forma mais solta, mais descompromissada. Não tem o direito de experimentar e errar. E se não há mais espaço para o erro, não pode mais aprender com a experiência, “quebrar a cara”, “levantar, sacudir a poeira” e “dar a volta por cima”!

O que é que uma criança submetida a esse tipo de exigência faz? Reage, fracassando na escola ou em alguma área onde essa exigência de desempenho é cobrada e, incrivelmente, isso pode ser uma expressão criativa porque, pelo menos isso, esse sintoma, é somente dela. Melhor dizendo, isso parece ser única coisa que ela consegue fazer para escapar desse hipercontrole. Quando pode, cria pontos de resistência. A criança fracassa em algum lugar, para não sucumbir ao desejo imperativo que a cerca e que teima em subjetivá-la de um modo maciço e dominante, sem permitir que possa expressar-se por si mesma. O que fazem os pais? Queixam-se porque o filho não pára, é irrequieto, não tem concentração, etc. E os pais, ainda que imbuídos de boas intenções, procuram ajuda terapêutica como se procurassem uma oficina de consertos e parecem dizer: “meu filho está ‘batendo pino’”, será que você pode dar um jeito nele? E quando isso termina? Eis a pressa dos pais!

Aquele que trabalha com clínica de crianças percebe que, quando chega ao consultório, ela desenha, brinca, modela etc. Porém, se tudo isso acaba sendo referido apenas ao tradicional modelo papai-mamãe-criança, o trabalho a ser feito consiste apenas em promover um rebatimento, no mesmo lugar em que as coisas já se encontram. Tocar sempre na mesma tecla significa não permitir que a diferença se instaure e que algo de inusitado aconteça. Esse rebatimento implica a infantilização da criança e até mesmo do adulto e isso pode ser pernicioso. Em vez de procedimento padronizado, é possível um agir diferenciado, como por exemplo, fazer uso do elemento infantil que se apresenta naquele espaço. É bom ressaltar que infantilização é algo diferente do uso do infantil, de fazer uso do brincar e do humor. Um terapeuta que não esteja sensivelmente atento para essas questões, pode contribuir para reforçar esses modos de subjetivação, em vez de permitir que a criança faça as suas próprias descobertas e redirecione fluxos desejantes.

A criança está sempre prestes a surpreender aqueles que estão ao seu redor. Se o terapeuta oferece uma escuta sensível, permitindo que ela faça uso do setting, do qual ele também faz parte, a criança vai tirar-lhe do eixo centrado no qual, muitas vezes, ele se coloca. Descentramento que parece ser fundamental para que o terapeuta entre no jogo junto com a criança e abra mão das suas certezas teóricas, estando aberto aos desafios que o levam a novas construções.

A criança opera, basicamente, por afetos e nesse sentido, opera muito mais no plano molecular do que no plano molar, porque experimenta estados vividos, linhas de fuga, devires. A coletividade é experimentada pela criança ainda antes de saber que está inserida em grupos molares. Na brincadeira, há espaço para ser múltiplo e experimentar modos inusitados de existência. A criança junta tudo, “alhos com bugalhos”, fazendo conexões e desconexões, apesar da vida contemporânea chegar até ela cada vez mais pronta, acabada, condensada, compactada, como algo que só suscita o tédio.

A criança aposta sempre no novo, na inquietude da descoberta e da criação. Brincar é juntar tudo e desfazer logo a seguir. Um bom exemplo disso podemos encontrar nos versos de Chico Buarque⁴⁴: “agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês, a noiva do caubói era você além das outras três... agora eu era o rei, era bedel, era também juiz...”. Uma referência aos fluxos afetivos, às experiências brincantes de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

O objetivo da clínica é resgatar a vivacidade da vida. E isso significa estar vivo como possibilidade de experimentar outras modalidades de existência que não sejam os modelos impostos. Isso pode ser um ato de resistência às submissões impostas que, reconhecemos, são inevitáveis. Mas, quando resistimos, há a possibilidade da mediação entre um gesto de onipotência - achar que pode tudo, e um gesto de submissão - achar que não pode nada. Essa mediação significa poder agir criando possibilidades, abrir caminhos frente às trincheiras da vida.

Winnicott sempre foi avesso à apresentação do trabalho que realizou e, sobretudo, experimentou, como uma obra fechada, recusando-se a fazer escola. Talvez preferisse que suas idéias fossem apresentadas como contribuições, abertas ao questionamento, com a marca do inacabado, da dúvida e do instigante, induzindo-as à expansão, tornando-se um desafio para aqueles que desejam beber nessa fonte winnicottiana, criar o seu próprio estilo de agir e pensar. O processo que escolhemos foi esse, produzir experimentações entre os modos de pensar a clínica e a vida, de Winnicott, Deleuze e Guattari. Processo que resultou nessa produção que é, ao mesmo tempo, coletiva e inteiramente pessoal porque percorremos os fluxos que brotaram no entremeio das idéias desses autores com o nosso pensamento.

⁴⁴ Versos da composição “João e Maria” de Sivuca e Chico Buarque, ano de 1977, conforme informação disponível no site: <http://chicobuarque.uol.com.br/letras>, acessado em julho de 2007.

Essa idéia de inacabamento, de totalidade fragmentária, como vimos, está presente na vida e como tal, no brincar, no clinicar, no escrever e na criação artística. Picasso⁴⁵ já disse uma vez que não existe obra acabada e que supor uma finalização para a obra artística é simplesmente uma bobagem. Deleuze (1997, p. 11), de forma semelhante, diz sobre a literatura e a vida que "... escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido".

Essas últimas considerações que dizem respeito ao viver e para o qual a clínica deve estar a serviço, colocam em evidência que o mais importante é preservar a capacidade para criar. Assim, podemos concluir que criar é construir o que está lá, pronto para ser construído. Uma obra ou a vida, que se apresenta sempre como precária, com as necessárias aberturas que a possibilitem à produção permanente de novos modos de existência.

A nossa proposta foi a de promover experimentações, usar o texto como um espaço de compartilhamento, agindo como as crianças nos ensinam: experimentando, brincando com os conceitos, fragmentando-os e, depois, embaralhando tudo, criando zonas de indiscernibilidade que permitam novos questionamentos e que nos levem à expansão daquilo que pensamos sobre o trabalho que realizamos. Na linha de trabalho que estamos defendendo, consideramos o encontro clínico como aquele espaço constituído em meio a certa dissolvência das formas estabelecidas, que se mantém, o mínimo necessário, para que a experimentação se dê entre aquilo que é indiscernível e aquilo que difere. Mesmo quando é entre dois, é algo que acontece como uma espécie de concerto lúdico. O Brincar é a música, ou melhor, o musicar, produzido pelo encontro.

Depois de tudo o que foi dito, resta perguntar: para que serve um psicoterapeuta? Segundo Winnicott, serve para ser usado como um objeto transicional. E o trabalho terapêutico cumpre o seu papel quando esse "objeto" é desinvestido, colocado no limbo. Uma criança esteve em atendimento durante três anos e um dia, quando já demonstrava ser capaz de superar a situação traumática que a levou ao tratamento, disparou a seguinte pergunta para a terapeuta: "Pra que você serve?" Após se recuperar da pergunta surpreendente a

⁴⁵ Cuando has visto un cuadro terminado? Ni un cuadro ni nada. Pobre de ti el día que se diga que está acabado. Terminar una obra? Acabar un cuadro? Qué tontería! Terminar algo quiere decir acabar con ello, matarlo, quitarle alma, darle la puntilla. El valor de una obra de arte está en lo que no está. (Apud., GILI & O'DONNEL, 1979, p. 105). "Quando viste um quadro terminado? Nem um quadro nem nada. Pobre de ti o dia que se diga que está acabado. Terminar uma obra? Acabar um quadro? Que bobagem! Terminar alguma coisa significa acabar com ela, matá-la, arrancar-lhe a alma, dar o último nó na costura. O valor de uma obra de arte está no que não está." (Apud., GILI & O'DONNEL, 1979, p. 105) (tradução de Carlos Alberto Lugarinho).

psicoterapeuta resolveu devolver a pergunta ao pequeno paciente: “Pra que você acha que eu sirvo?” E o menino respondeu: “Acho que você serve para não deixar que eu esqueça as coisas”. Terminada a sessão, o incômodo permaneceu, ao menos para a terapeuta que, em um primeiro momento se sentiu descartada. Mas logo entendeu que aquela pergunta poderia ser um pedido do menino para ir embora. Talvez tivesse chegado a hora dele colocar no limbo algumas experiências e descobrir, que já estava em condições, de descobrir e criar, com autonomia, o seu próprio universo existencial. Parafraseando Winnicott, foi bom perceber que o menino podia terminar a análise, nos esquecer e descobrir que “... o próprio viver é a terapia que faz sentido” (1975, p.123).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 - Obras citadas

- ABBÊS, Cláudia Elizabeth Baeta Neves. *Interferir entre desejo e capital*, 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, São Paulo: 2002.
- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas a Infância*, São Paulo: Planeta, 2003.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CECCIM, Ricardo Burg. “Equipe de saúde: a perspectiva entre - disciplinar na produção de atos terapêuticos” in: Pinheiro, Roseni e Mattos, Rubens Araujo de (org.). *Cuidado: as fronteiras da integralidade*, Rio de Janeiro: Hucitec: Abrasco, 2004.
- DAVIS, Madeleine & WALLBRIDGE, David. *Limite e espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott*, Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*, São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____ *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____ “A imanência: uma vida”, in: Vasconcellos, Jorge e Fragoso, Ângelo da Rocha. (orgs.) *Imagens de um filósofo da imanência*, Londrina: UEL, 1997-a.
- _____ *Espinosa Filosofia Prática*, São Paulo: Escuta, 2002.
- _____ *Lógica do Sentido*, 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____ *Abecedário*, realização de Pierre-André Boutang. Produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris 1988 - 1989. divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. Transcrição realizada por Bernard Rieux, em 6 de agosto de 2005.
- _____ “Pensamento nômade”, in *A ilha deserta*, São Paulo: Iluminuras, 2006.
- _____ *Diferença e Repetição*. 2 ed. São Paulo: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____ *Kafka por uma literatura menor*, Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____ *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995 .
- _____ *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 2, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995-a

- _____ *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 3, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996
- _____ *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 4, Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- _____ *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 5, Rio de Janeiro: Editora 34, 1997-a
- _____ *O que é a Filosofia*, ed. 2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles e FOUCAULT, Michel. “Os intelectuais e o poder” in FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 20 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*, São Paulo: Escuta, 1998.
- DIAS, Elsa Oliveira. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FERENCZI, Sándor. [1929] “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, in: *Sandor Ferenczi - Obras Completas*, vol. IV, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____ [1928] “A adaptação da família à criança”, *ibid.*
- _____ [1928] “A elasticidade da técnica psicanalítica”, *ibid.*
- _____ [1931] “Análises de crianças com adultos”, *ibid.*
- GILI Edgardo y O’DONNEL. *El Juego técnicas lúdicas em psicoterapia grupal de adultos*. 2 ed. Barcelona: Gedisa, 1979.
- GONDAR, Jô. *Winnicott, Bergson, Lacan: Tempo e Psicanálise*, in: *Revista Agora, Estudos em teoria psicanalítica*, vol. 9; no. 1; jan/jun/2006, Rio de Janeiro: Contra Capa/UFRJ. 2006.
- _____ *Deleuze e a Psicanálise*, apresentado no evento Deleuze e A Filosofia, realizado pela Universidade Federal Fluminense em dezembro de 2005, Rio de Janeiro: (no prelo).
- GREEN, André. *Sobre a Loucura Pessoal*, Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- GROLNICK, Simon. *O trabalho e o brinquedo: uma leitura introdutória*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular : pulsações políticas do desejo*, São Paulo: Brasiliense, 3ª ed., 1987.
- _____ *Caosmose um novo paradigma estético*, Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____ *As três ecologias*, Campinas: Papyrus, 1993.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica - cartografias do desejo*, Petrópolis: Vozes, 1986.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. CD-ROM. (Serial:DHS-21564589): 2001

- KHAN, M. Masud R. “Introdução por M. Masud R. Khan”, in: Winnicott, Donald Woods. *Da pediatria à psicanálise textos selecionados*, Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- KUPERMANN, Daniel “Resistência no encontro afetivo e criação na experiência clínica” , in: Maciel Jr., Auterives; Kuppermann, Daniel; Tedesco, Silvia (orgs), *Polifonias, clínica, política e criação*, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.
- _____ “Conseqüências clínicas das concepções de criação em psicanálise”, Conferência pronunciada na I Jornada Externa - tributo a Horus Vital Brazil, promovida pela Sociedade de Psicanálise Iracy Doile (SPID) de 5 a 7 de maio de 2006, Rio de Janeiro.
- LACERDA, Alda & VALLA, Victor Vincent. “As Práticas Terapêuticas de Cuidado Integral à Saúde como Proposta para Aliviar o Sofrimento” in: Pinheiro, Roseni e Mattos, Rubens Araujo de, (org.), *Cuidado: as fronteiras da integralidade*, ibid.
- LANCETTI, Antonio. “Clínica Grupal com Psicóticos – a grupalidade que os especialistas não entendem” in: _____, et.al. Saúde e Loucura – Grupos e Coletivos, número quatro. São Paulo: Hucitec, 1994.
- LANNES, Edson Soares. Sem título, disponível em www.cprj.com.br, acessado em 5 de novembro de 2005.
- LAPLANCHE, J, & PONTALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*, 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LINS, Maria Ivone Acioly & LUZ, Rogério. *Experiência clínica – experiência estética*, Rio de Janeiro: Revinter, 1989.
- _____ “História e vida na obra de Winnicott” in: PODKAMENI, Angela Baraf & GUIMARÃES, Marco Antônio Chagas, (orgs). *Winnicott – cem anos de um analista criativo*, Rio de Janeiro: Nau editora, 1997.
- LUZ, Madel T. “Fragilidade social e busca de cuidado na sociedade civil hoje”, in: Pinheiro, Roseni e Mattos, Rubens Araujo de, (org.). *Cuidado: as fronteiras da integralidade*, ibid.
- LUZ, Rogério. *Winnicott e a experiência artística*, in Revista Brasileira de Psicanálise, número especial dedicado a D.W. Winnicott, org. Associação Brasileira de Psicanálise, vol. XXIV, no 2, São Paulo: 1989.
- _____ *Realidade Virtual e Espaço potencial : a mutação do ambiente na era tecnológica*. Disponível em <http://www.espaçowinnicott.com.br>, acessado em 08/05/2007.
- MACEDO, Heitor O’Dwyer de. *Do amor ao pensamento – a psicanálise, a criação da criança e D. W. Winnicott*, São Paulo: Via Lettera, 1999.
- MACIEL Junior, Auterives. anotações de aula do curso: A Nova imagem do pensamento, ministrado no Museu da República, Rio de Janeiro, 2006.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze e a Filosofia*, Rio de Janeiro: Graal, 1990.

- NERUDA, Pablo. (1974) *Confesso que Vivi – Memórias*. 23 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.
- PASSOS, Eduardo. Anotações de aulas ministradas no curso de mestrado da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- PASSOS, Eduardo & BARROS Regina Benevides de. “Construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade” in *Psicologia:Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000.
- _____ Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. *Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa (PUC/RJ)*, PUC-RJ, v. 13, n. 1, p. 89-99, 2001.
- PHILLIPS, Adam, *Winnicott*, São Paulo: Idéias & Letras, 2006.
- RAUTER, Cristina. “Subjetividade arte & clínica” in *Saúde e loucura 6*, São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____ “Clínica do Esquecimento: Construção de uma Superfície”, 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP, São Paulo: 1998.
- _____ “Invasão do cotidiano: Algumas direções para pensar uma clínica das subjetividades contemporâneas” in *Polifonias, clínica, política e criação*, Maciel Jr., Kupermann e Tedesco (orgs.), Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- ROLNIK, Suely. *Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea*, conferência proferida no Museu d’ Art Contemporani de Barcelona, Barcelona: 2001, disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade>. Acessado em julho de 2006.
- _____ *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SAFRA, Gilberto, *A Face Estética do Self – teoria e clínica*, São Paulo: Unimarco, 1999.
- _____ *Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio*, São Paulo: Sobornost, 2006.
- SCHERER , René. *Sobre quatro fórmulas que poderiam resumir a filosofia deleuziana*, in: *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*. Vol. 14 –no 2-jul./dez 2002.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____ *O ambiente e os processos de maturação, estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1982
- _____ *A criança e o seu mundo*, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1982a.
- _____ *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*, Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- _____ *O gesto Espontâneo*, São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____ *A família e o desenvolvimento individual*, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- _____ *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*, org. Winnicott, Claire et al, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- _____ *Privação e delinquência*, São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____ *Os bebês e suas mães*, São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____ *Pensando sobre Crianças (1996)*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____ *Tudo começa em casa*, 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____ *Da pediatria à psicanálise textos selecionados*, Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004 – (Conexões; 24)

2 - Obras Consultadas

- ABRAM, Jan. *A linguagem de Winnicott dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*, Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- BARAF, Ângela Podkameni. *Cem anos de um analista criativo*, Rio de Janeiro: NAU, 1997.
- BENJAMIN, Walter. (1928) “Brinquedos e Jogos, observações sobre uma obra monumental”, in: *Reflexões: a criança o brinquedo a educação*. 5 ed. São Paulo: Summus, 1984 .
- BIRMAN, Joel. *Entre o cuidado e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000 – (Conexões;7)
- COSTA, Jurandir Freire. *O mito psicanalítico do desamparo* in: Revista *Ágora estudos em teoria psicanalítica*, vol. III, no 1 – janeiro/junho 2000, Instituto de Psicologia da UFRJ, Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- _____ “O uso do corpo como objeto transicional” in *O Vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- _____ “Criatividade, transgressão e ética” in Plastino, Carlos Alberto, (org) . *Transgressões*, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- _____ “Playdoier pelos irmãos” in: Kehl, Maria Rita, *A Função Fraternal*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- DELEUZE , Gilles. *A Imagem – tempo*, São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *A tradição ferencziana de Donald Winnicott. Apontamentos sobre regressão e regressão terapêutica* in Revista Brasileira de Psicanálise, órgão oficial da Associação Brasileira de Psicanálise, vol. 36, no. 4, São Paulo:2002.

FREUD, Sigmund. (1908) *Escritores Criativos e devaneio*, in vol. IX, Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud (E.S.B.), Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.

_____ (1926) *Inibições, sintomas e ansiedade*, in vol. XX, *ibid.*

HISADA, Sueli. *Clínica do setting em Winnicott*, Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

KATZ, Chaim. *Seminário sobre Técnica*, inédito, 1995.

_____ *Crianceria*, disponível em www.freudiana.com; acessado em 2005.

KUPERMANN, Daniel. *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____ “Por uma outra sensibilidade clínica, fale com ela, doutor!”, in *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, vol.16.2, 2004.

_____ “A progressão traumática; algumas conseqüências para a clínica na contemporaneidade”, in *Revista Percurso*, número 36, 1º semestre, São Paulo, 2006.

_____ “Perder a vida, mas não a piada: o humor entre companheiros de descrença” in Slavutzky Abrão & Kupermann Daniel, org. *Seria trágico ... se não fosse cômico humor e psicanálise*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LANNES, Edson Soares. *Na fronteira do viver*, disponível em: www.cprj.com e acessado em 20/01/2007.

MANNONI, Maud. *A teoria como ficção: Freud, Grodeck, Winnicott, Lacan*, Rio de Janeiro: Campus, 1982.

MELLO Fo., Julio de. *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

NAFFAH NETO, Alfredo. *A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise*. XII Colóquio Winnicott - Winnicott na história da psicanálise. 2007.

NEWMAN, Alexander. *As idéias de D.W. Winnicott: um guia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

ORLANDI Luiz B. L. *O indivíduo e sua complexa pré individualidade* in *Cadernos de Subjetividade - o reencantamento do conceito*, São Paulo: Hucitec, 2003.

OUTEIRAL José O. e GRAÑA, Roberto B. *Donald W. Winnicott: estudos*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

OUTEIRAL, José O.; ABADI, Sonia. *Donald Winnicott na América Latina*, Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

PONTALIS. J.B. *Perder de Vista: da fantasia de recuperação ao objeto perdido*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise* Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1998.

ROUSSILON, René. *Paradoxos e situações limites em psicanálise*, São Leopoldo: Unisinos, 2006.

SANCHES, Renate Meyer. *Winnicott na clínica e na instituição*, São Paulo: Escuta, 2005.

SIMONDON, Gilbert. *A Gênese do Indivíduo* in Cadernos de Subjetividade – o reencantamento do conceito. São Paulo: Hucitec. 2003

WINNICOTT, Donald Woods. *Natureza Humana*, Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____ *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

___ *Holding e interpretação*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

R789 Rosario, Selma Eschenazi do.
BRINCAR DE VIVER: experimentações entre Winnicott,
Deleuze e Guattari / Selma Eschenazi do Rosario. – 2007.
141 f.
Orientador: Cristina Rauter.
Co-orientador: Daniel Kupermann.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,
Departamento de Psicologia, 2007.
Bibliografia: f. 135-141.
1. Psicologia clínica. 2. Brincadeira. 3. Subjetividade. I.
Rauter, Cristina. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.